



A **Joia Suprema** da  
**Discriminação**



**Shankaracharya**

COMENTÁRIOS SOBRE VERSOS SELECIONADOS

**Edwin Faust**

## Conteúdo

<b>Introdução .....</b>	<b>5</b>
<b>Prefácio .....</b>	<b>6</b>
<b>A Joia Suprema da Discriminação .....</b>	<b>8</b>
Verso 1	
<b>O Valor de um Nascimento Humano .....</b>	<b>12</b>
Versos 2-6	
<b>Qualificações Para o Autoconhecimento .....</b>	<b>21</b>
Versos 7-17	
<b>O Professor .....</b>	<b>39</b>
Versos 18-24	
<b>O Que Há Para Ser Conhecido .....</b>	<b>44</b>
Versos 25-26	
<b>O Que é o não-Eu? .....</b>	<b>45</b>
Versos 27-33	
<b>O Que é o Eu Ilimitado? .....</b>	<b>52</b>
Versos 34-38	

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

<b>O Que é Escravidão? .....</b>	<b>57</b>
Verso 39	
<b>Como a Escravidão Acontece? .....</b>	<b>59</b>
Versos 40-43	
<b>Como Conquistar a Libertação? .....</b>	<b>64</b>
Verso 44	
<b>Como Discriminar o Eu do Não-Eu? .....</b>	<b>66</b>
Versos 45-60	
<b>O Ser, Sua Natureza Essencial .....</b>	<b>85</b>
Versos 61-73	
<b>A Identidade do “Você” e do “Aquilo” .....</b>	<b>103</b>
Versos 74-82	
<b>Os Benefícios do Conhecimento da Não-Dualidade .....</b>	<b>113</b>
Versos 83-94	
<b>O Karma do Liberado .....</b>	<b>125</b>
Versos 95-101	
<b>A Realização .....</b>	<b>131</b>
Versos 102-108	

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

**Posfácio: Alguns Possíveis Conselhos Úteis ..... 138**

**Glossário de Termos Sânscritos ..... 142**

**Versos Sem Comentários ..... 147**

Versos 1-108

## Introdução



O COMENTÁRIO A seguir foi feito por sugestão do meu professor, James Swartz, cuja missão vitalícia é tornar o Vedanta acessível fora da estrutura da cultura védica. Tal trabalho requer uma sensibilidade delicada e um conhecimento profundo: é preciso ter uma compreensão perspicaz dos significados das palavras e a habilidade de usá-las com precisão, bem como um entendimento firme dos principais textos do Vedanta. Como James possui essas qualificações, ele serviu como uma ponte entre o oriente e o ocidente, sobre a qual muitos amantes da verdade encontraram seu caminho para a libertação, *moksa*.

É confiando em seu julgamento, e não em minhas próprias habilidades, a reformulação do comentário de Swami Dayananda sobre os 108 versos selecionados de “A Joia Suprema da Discriminação”, um texto clássico do Vedanta escrito há cerca de 1.300 anos por Shankaracharya. Existe, e sempre existirá, alguma disputa acadêmica sobre a autoria do texto, mas é da natureza da tradição Vedântica que tais disputas não têm importância na avaliação do valor de uma obra em particular. O critério de julgamento sempre repousa sobre a eficácia do texto como meio de autoconhecimento.

Se aspectos do comentário incisivo de Swami Dayananda podem ser apresentados em linguagem que o torna um meio mais eficaz de autoconhecimento para alguns leitores ocidentais, então não há nenhuma barreira para minha tentativa de fazê-lo. O comentário original foi extraído das palestras que Swami Dayananda entregou aos estudantes que realizavam um curso residencial de três anos de Sânscrito e Vedanta em sua escola na Índia. O pano de fundo de seus ouvintes e o cenário em que as palestras foram entregues influenciaram necessariamente a linguagem e referências usadas por Swamiji.

Eu suponho que este livro esteja sendo lido por pessoas que vivem no mundo, não por estudantes em um *ashram*, embora qualquer investigador sério se beneficie dele. Supõe-se ainda que o leitor tenha pouco conhecimento da cultura Sânscrita e Védica e que os ensinamentos do Vedanta possam ser desvinculados com segurança de sua origem cultural, assim como uma joia pode ser removida de sua armação e vista em sua pureza.

Devo observar que, embora tenha me apoiado muito no comentário de Swami Dayananda, as palavras que seguem são necessariamente o produto do meu entendimento. Como James revisou o texto, confio que os erros que eu tenha cometido foram removidos. Ao compor esta obra, no entanto, passei a confiar cada vez mais nas percepções que me ocorreram e não me preocupei em apenas reformular as expressões de Swami Dayananda. Por isso, aceito a responsabilidade total pela obra, bem como a culpa por qualquer imprudência. A tradição Vedântica é

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

muito mais um projeto de grupo, ou melhor, a consciência expressando-se através dos instrumentos falíveis do intelecto humano.

Os versos seguem a divisão tópica usada por James Swartz, que também reformulou passagens da tradução original em que a sintaxe e a dicção tendiam a obscurecer o significado. Com algumas exceções, essas melhorias no fraseado são usadas nesta obra. Eu tentei, sempre que possível, eliminar palavras sânscritas e usar equivalentes ingleses. Tais termos equivalentes, no entanto, nem sempre estão disponíveis e certas palavras são de tal importância que parece melhor apresentá-las na língua em que apareceram pela primeira vez. Embora tenha sido explicado nos comentários dos versos, no final deste texto eu incluí um glossário de termos sânscritos..

*Nota do editor:* Ao usar a palavra "self (eu)" em minúsculo para se referir à pessoa comum e cotidiana, aqueles que são novos na visão não-dual do Vedanta, provavelmente considerarão, alternativamente, como "Self (Ser pleno)" que indica a essência impessoal. Justifica-se nestes comentários como um meio provisório de distinguir um conceito do outro. Deve-se ter sempre em mente, no entanto, que o Ser pleno é não-dual. Ele é ordinário e a mais óbvia realidade, ou seja, você: o Vedanta é apenas sobre você. Às vezes personificando em termos de gênero, por exemplo "ele" também deve ser entendido como uma concessão àqueles que são desafiados a entender que o Ser pleno é sem forma, sem atributos, o substrato de toda forma aparente.

## Prefácio



EM SEU NÍVEL mais básico, a vida é uma transação entre um ser consciente e os objetos que ele experiencia. O problema mais difícil de um humano é o apego aos objetos no campo de sua consciência. Um objeto é qualquer outra coisa que não seja o sujeito, o *Self* (Ser pleno). Os objetos não incluem apenas coisas físicas, mas eventos subjetivos: sensações, percepções, emoções, pensamentos e inúmeros estados mentais. Em suma, a experiência em si. Embora esse apego pareça extremamente natural, é a causa de muito sofrimento. Como o sofrimento não é natural, estamos altamente motivados a removê-lo.

A obra mais famosa de Shankaracharya não trata detalhadamente do tópico sobre o *karma*, ou seja, como conseguir o que queremos no mundo dos objetos. Em vez disso, concentra-se no método de discriminar o *Self* (Ser pleno) dos objetos que se apresentam a ele, depois de examinar cuidadosamente a psicologia de um

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

investigador comprometido que entende que a libertação da dependência de objetos não é obtida pela ação.

Devido ao intenso interesse no Vedanta gerado pelo meu recente livro, *How to Attain Enlightenment*, e a minha idade avançada, não tenho tempo para escrever comentários sobre todos os textos importantes do Vedanta. Considero Swami Dayananda um dos maiores sábios da tradição de ensino do Vedanta e em grande parte responsável por qualquer habilidade que eu tenha para comunicar a visão não-dual do Vedanta em sua pureza. Meu guru, Swami Chinmayananda, que também era um grande sábio, era um visionário que entendia a necessidade de estender a tradição de ensino ao ambiente Inglês. Sua missão foi altamente eficaz, mas apesar do seu entusiasmo, tem sido argumentado por algumas pessoas que seus ensinamentos obscureceram a distinção entre experiência e conhecimento. A questão mais importante a ser resolvida é se a discriminação vai resultar em libertação. Swami Dayananda, que serviu ao Vedanta como estudante de Swami Chinmayananda por muitos anos, esclareceu a questão da experiência e do conhecimento - e vários outros ensinamentos do movimento "Neo-Vedanta" que se infiltraram na tradição - e moveu o Vedanta ainda mais adiante em Inglês. Pessoalmente, eu amo a cultura Védica e não tenho nenhum problema com o Vedanta em seu ambiente nativo. Entretanto, de acordo com a minha experiência de anos ensinando, no que diz respeito aos ocidentais, "os ensinamentos do Vedanta podem ser desvinculados com segurança de sua formação cultural, assim como uma joia pode ser removida de seu ambiente e vista em sua pureza" para citar Edwin.

Eu analisei os comentários de Edwin, assim como um professor rigoroso, apaixonado por seu lápis vermelho, e eles passaram com louvor. Eu acho que eles são um excelente acréscimo à crescente biblioteca do *ShiningWorld* de obras Vedânticas.

~ James Swartz

## A Joia Suprema da Discriminação

### Verso 1

**Eu reverencio o professor, o Self (Ser) ilimitado, cuja natureza é a alegria-satisfação, que não pode ser objetivado pelos sentidos e pela mente e que é conhecido através dos ensinamentos dos *Upanishads*.**



O TEXTO COMEÇA com uma nota de reverência. O autor se curva ao professor, a quem ele chama de Eu, que é descrito como ilimitado e alegria-satisfação. Também nos é dito que o Ser não pode ser conhecido da maneira usual que conhecemos as coisas, mas apenas através das palavras dos *Upanishads*. Há muito aqui que requer esclarecimento. De fato, temos nessas linhas o somatório de todo o texto. A palavra “*Self*” (Ser) será bem entendida se algumas confusões muito comuns forem evitadas. A palavra “Ser” ou “Eu” não é um pronome reflexivo referindo-se à pessoa individual que pensamos que somos, como no uso comum.

Na verdade o *Self* (Ser) não pode ser definido, pois é ilimitado; os termos usados em sua conexão não devem ser entendidos como atributos que separam o Eu/Ser de outros objetos, mas como indicações de como podemos conceber o Eu/Ser quando tentamos entendê-lo usando as ferramentas habituais disponíveis para a mente. Todas essas ferramentas, somos advertidos, são inadequadas.

Várias palavras para o Eu/Ser aparecem nos textos do Vedanta. Essa proliferação de termos demonstra o esforço da linguagem para abranger aquilo que está além de seus poderes, mas nem sempre leva a um maior entendimento. Os termos *awareness*, Consciência pura, testemunha, *brahman*, *atman*, *vastu*, *chaitanya*, etc, são apenas alguns dos sinônimos para o *Self* ou Ser pleno. Muitas ladainhas foram compostas na literatura védica que listam milhares de nomes para esta ou aquela representação do Ser. Acredito, no entanto, que a simplicidade é a melhor amiga para a compreensão do que uma multiplicidade de termos, por isso uma tentativa será feita neste comentário para referir-se ao “*Self*” apenas como “Consciência”, “Eu”, “Ser” ou “Ser pleno”.

Nós somos informados de que o “Eu” é ilimitado e de natureza alegre e contente. É crucial para a compreensão adequada notar, desde o início, que a ausência de limites e a alegria e contentamento não são atributos de um deus criador extracósmico no qual devemos nos fundir, mas a própria natureza de tudo o que é manifesto. No Vedanta, o Lorde (Criador) não está separado da criação, como é o entendimento usual na religião ocidental; tampouco essa criação é um recipiente autogerado de objetos materiais, como as cosmologias científicas sustentam. Tais conceitos devem ser deixados de lado, se alguém quiser ouvir o que o Vedanta tem a ensinar. De fato, “criação” não é a melhor palavra para descrever a aparência do

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

mundo, pois está associada à criação *ex nihilo*, a ideia de algo que surgiu do nada. O Vedanta insiste, muito sensatamente, que nada vem do nada. A palavra "manifestação" é a indicação mais próxima.

O Ser pleno é a causa material e eficiente de tudo o que aparece. É o criador do mundo e das coisas de que o mundo é feito. Os leitores astutos podem já ter notado que faz pouco sentido falar de causa e efeito quando não há distinção real entre os dois termos. A linguagem da causalidade é usada aqui como uma concessão para a maneira como as coisas aparecem no mundo fenomenal e a nossa maneira usual de descrever este mundo. Não é uma declaração doutrinária sobre a criação, como as religiões costumam fazer, mas um ponto de partida para uma discussão mais aprofundada.

Esta discussão deve começar com a afirmação, ainda sem fundamento, de que a ilimitabilidade e a satisfação-alegria são a natureza de tudo o que existe, o que inclui eu e você. No entanto, sabemos que nossos corpos e mentes têm poderes limitados e que somos apenas ocasionalmente felizes. Então, temos um problema: Quem somos nós, como normalmente nos percebemos, relacionado com aquilo que aqui se apresenta como sendo a nossa natureza verdadeira? Como a ilimitação se manifesta como limitação e por que a alegria sempre presente no Ser pleno deve ser experienciada apenas ocasionalmente? O Vedanta nada mais é do que a resposta a estas perguntas, apresentada passo a passo, à medida que o professor revela as palavras dos *Upanishads*.

Mas, nos é dito que a ilimitação também é da natureza da satisfação e alegria. A ilimitação é uma negação. É uma palavra que não corresponde a nenhum objeto conhecido, todos os quais são identificados precisamente por seus limites e recebem palavras que definem esses limites: uma rosa vermelha não é uma rosa amarela, e uma rosa não é uma tulipa, e uma flor não é um pedaço de pão, etc. Objetos são conhecidos pela percepção ou inferência baseada na percepção. (Eu infiro que onde há fumaça, há fogo, baseado na minha percepção passada do fogo, da qual a presente inferência não pode ser separada.)

Assim, a percepção, o meio de conhecimento disponível para a mente, não pode revelar aquilo que é ilimitado. Porém, tem sido falado que a ilimitação também é da natureza da alegria-satisfação. Nós temos alguma experiência de alegria-satisfação. Quando conseguimos algo que queremos, nos sentimos felizes por um tempo; mas logo queremos outra coisa, e a nossa felicidade vai embora à medida que o novo desejo chega. Após um exame mais minucioso, percebemos que a felicidade aparentemente proveniente de objetos (e sentimentos, pensamentos e outras pessoas são incluídos como objetos) não pode ser a felicidade natural, pois ela vem e vai: está ligada ao tempo e depende de circunstâncias inconstantes.

A felicidade aparentemente presa a uma condição objetiva é necessariamente impermanente. Hoje me sinto feliz, pois o mercado de ações subiu e meu portfólio

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

está lucrativo; eu me sentirei miserável amanhã, pois o mercado de ações caiu e meus lucros desapareceram. Mas meu portfólio não é a minha natureza; é externo a mim. Assim, qualquer felicidade que dependa de circunstâncias externas não pode ser felicidade por natureza. Pode ser descrito como felicidade mundana. No entanto, essa felicidade mundana nos oferece alguma compreensão da felicidade natural.

Podemos, com uma análise cuidadosa, compreender que a alegria que sentimos quando obtemos os objetos desejados ocorre quando o desejo cessa. Mesmo se não obtivermos o objeto, se simplesmente deixarmos de desejá-lo, desfrutaremos do alívio instantâneo da ansiedade produzida pelo desejo. Portanto, não é a obtenção do objeto, mas a cessação do desejo que nos permite um sabor de alegria. Onde esta alegria reside? Se não estiver no objeto, deve estar em nós. A alegria deve ser nossa natureza, que é obscurecida pelo desejo que temos pelo objeto. Se somos ilimitados por natureza e sempre presentes, então já devemos estar experienciando essa natureza. Deve ser constante, sempre obediente, o que significa que não é propriamente uma experiência, mas sim o pano de fundo imutável de toda experiência. Não podemos nos tornar o que já somos; nem podemos perdê-lo, pois é idêntico a nós.

Este é o significado da natureza: é aquilo que é essencial, sem o qual algo não pode existir. É bastante óbvio, no entanto, que poucas pessoas saibam que são ilimitadas e têm alegria-satisfação sempre presente. No entanto, isso é o que todos nós somos, de acordo com o Verso 1. Então, se o verso é verdadeiro, por que não sabemos? Em uma palavra: ignorância. Nós confundimos nossa verdadeira natureza com nossas experiências mutáveis. Nós misturamos o fundo com o primeiro plano. E muitas vezes cometemos o erro de tentar nos libertar da ignorância através da ação e não do conhecimento. Muitas pessoas sinceras que praticam *yoga* estão tentando resolver um problema de conhecimento através da ação. A prática prolongada da meditação pode induzir o desfrute de uma mente tranquila, mas essa satisfação é uma experiência dependente de condições que não podem durar. É, resumidamente, um objeto.

O propósito do Vedanta é remover a ignorância que mantém nossa atenção nos objetos. Além dos objetos, existe apenas uma outra coisa: o sujeito, o conhecedor. Então, como conhecemos o sujeito? Você está presumivelmente lendo este texto na esperança de encontrar uma resposta para essa pergunta. E no Verso 1, uma resposta é dada: a natureza do sujeito pode ser entendida através dos ensinamentos dos *Upanishads*. Este é o meio de conhecimento que o Vedanta fornece. Para serem eficazes, esses ensinamentos devem ser explicados por um professor competente e recebidos por um aluno qualificado.

E este professor, nos é dito, é o *Self* (Ser pleno). Aqui temos a afirmação de que o ensino não é de origem humana, mas vem diretamente do Ser ou da Consciência pura. Correndo o risco de confusão, sou obrigado a dizer que o ensinamento é "revelado" pelo Ser. Não é o produto do pensamento humano,

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

embora a atuação humana seja usada em sua transmissão. Mas essa revelação não é uma norma a ser aceita na fé: é a verdade que deve ser verificada por nossa própria investigação, ou então é inútil. Não é suficiente que os antigos sábios, os *rishis*, tenham visto a verdade do Ser. Nós devemos vê-la. Os principais dizeres dos *Upanishads* são muito simples: em poucas palavras, na maioria dos casos. Todos os versos que se seguem têm como propósito final o desdobramento de três palavras: "*Tat Tvam Asi*" ("Você é aquilo"). Esta é a essência do Vedanta. "Você" representa o indivíduo; "aquilo" representa a totalidade. Como pode o indivíduo limitado ser a totalidade, que é o que o ditado afirma? Continue lendo para descobrir.

## O Valor de um Nascimento Humano

### Verso 2

**É pela graça do Ser que a maior bênção da vida é obtida: a condição de um ser humano dotado de um desejo ardente de libertação e um relacionamento com um professor qualificado.**



ESTE VERSO IDENTIFICA e enaltece três condições de existência como altamente desejáveis e raramente possuídas: um nascimento humano, um desejo de libertação e um professor que pode satisfazer esse desejo. A união dessas três condições é rara; elas não aparecem na maioria das manifestações da vida, incluindo a maioria dos casos de nascimento humano.

O verso nos leva a uma consideração do conceito de *karma*, que oferece uma explicação das várias condições sob as quais a vida surge. Muito simplesmente, *karma* significa “ação”. Toda ação provoca uma reação, de acordo com as leis da física.

Nenhuma pessoa sensata atribui “ação/reação”, o princípio “causa e efeito” observado pela física como a vontade de um Criador extracósmico preocupado em recompensar o bem e punir o mal. Aceita-se que a gravidade opere impessoalmente e da mesma maneira tanto para uma Madre Teresa quanto para um Adolf Hitler. O Vedanta, na medida em que se refere ao *karma*, o considera da mesma maneira que a física considera a gravidade: o *karma* opera de acordo com princípios que são completamente impessoais.

Quando as pessoas falam de “bom” *karma* ou “mau” *karma*, sua avaliação é puramente subjetiva e baseada em se a obtenção desses objetos na vida, que eles consideram desejáveis, é apoiada ou prejudicada por uma ocorrência ou circunstância em particular. O *karma* não está preocupado em satisfazer ou negar desejos pessoais e, conseqüentemente, não é bom nem mau. Ele simplesmente é.

Mas a questão do *karma* pode se complicar quando tentamos entender as diferenças na condição humana: Por que uma pessoa nasce com inteligência excepcional e outra com a Síndrome de Down? A filosofia ocidental, no meu entender, não aborda a questão. A religião ocidental simplesmente atribui todas as desigualdades entre os seres humanos à incompreensível vontade de um deus criador, cujos propósitos não podemos conhecer. Somos aconselhados a confiar na justiça definitiva, pois Deus é bom, apesar das aparências em contrário, e sufoca toda investigação adicional sobre o assunto. Nenhuma pessoa que pensa pode fazer isso sem violar grosseiramente sua integridade intelectual, razão pela qual a religião está perdendo seu controle sobre a mente ocidental.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

O Vedanta não está primariamente preocupado com o *karma*, mas sim com o conhecimento. Aceita, no entanto, que as desigualdades na condição humana podem ser entendidas como o resultado da lei impessoal do *karma*, e que os indivíduos expressam qualidades mentais e emocionais derivadas de experiências passadas. Essas experiências passadas não se limitam a esta vida presente. A reencarnação é provisoriamente aceita como uma verdade fenomenal.

Quando um ser humano nasce, o tipo de corpo que ele recebe, bem como suas capacidades mentais, tendências emocionais, parentesco, meio ambiente e oportunidades para a experiência são determinadas por seu *karma*. Assim, uma equação bastante elaborada está em ação na distribuição de qualidades variadas de corpo e mente.

A reencarnação sustenta que um indivíduo pode, no curso de muitas vidas, habitar corpos animais e humanos. Um ser humano que dedica sua vida à satisfação do apetite animal pode muito bem estar se preparando para uma encarnação animal. Mas um ser humano que se dedica a uma investigação sobre a sua verdadeira natureza gerará um resultado *kármico* diferente. O nascimento humano é considerado essencial para quem deseja a verdade última.

Deve-se mencionar que podemos usar os meios de conhecimento que o Vedanta fornece sem nos preocuparmos com a verdade ou com as complexidades da reencarnação. Toda essa questão pode se tornar uma grande distração, e se descobirmos isso ocorrendo, é melhor deixarmos essa questão de lado. Afinal, estamos preocupados em nos libertar da ignorância, ainda nesta vida.

Se a libertação da ignorância é o nosso principal desejo, somos muito afortunados, de acordo com o verso, pois estamos dispostos a receber a última dessas três bênçãos: um professor que pode revelar a verdade suprema.

Esse desejo de se libertar da ignorância, no entanto, não será eficaz, a menos que seja o princípio ordenador da nossa vida. Muitos de nós estão interessados na verdade ou "espiritualidade" como um passatempo. Nós nos envolvemos em *yoga* e meditação ou frequentamos serviços religiosos regularmente ou lemos alguma filosofia, mas nossa principal preocupação é a busca de riqueza e prazer. Não há nada a ser condenado nisto, mas devemos perceber que a lei do *karma* nos dará um retorno de acordo com nosso principal investimento.

Alguns de nós fazem da espiritualidade o princípio de ordenação de nossas vidas. Monges e freiras, por exemplo, renunciam aos prazeres mundanos para buscar a oração e a contemplação. Outras pessoas religiosas se dedicam a servir os outros, o que eles consideram um dever imposto por Deus. O objetivo habitual de tais ações é a obtenção de mérito suficiente para permitir que a pessoa religiosa seja admitida no céu após a morte ou para evitar ser condenada ao inferno. Podemos ter um forte desejo pelo céu e cultivar assiduamente as virtudes prescritas para nos levar até lá; podemos ter um forte medo do inferno e evitar vigorosamente

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

os “pecados” que nos levarão para o abismo. Mas levar uma “boa” vida não nos libertará da ignorância, embora possa ajudar a purificar a mente para que ela seja receptiva ao conhecimento requerido para a liberação.

Somos impedidos pela ignorância de conhecer nossa verdadeira natureza como ilimitada e totalmente alegre e satisfeita: pensamos que a felicidade está nos objetos quando está em nós - como nós. Realocar a nossa felicidade dos objetos mundanos para os espirituais ainda nos deixa na ignorância. O problema não é que nos falta espiritualidade e bondade: nos falta conhecimento.

A renúncia ao mundo não produzirá conhecimento, nem tão pouco o trabalho voluntário de caridade. Essas ações produzirão um *karma* “bom”, que pode assumir duas formas: podemos receber a felicidade mundana ou podemos receber um desejo de libertação da ignorância. Se recebermos este último, então também poderemos estar sob a instrução de um professor competente para explicar os dizeres elevados do Vedanta, em cujo caso nossa libertação está assegurada.

No entanto, descobrir um professor competente, nem sempre é uma estrada reta ou direta que segue um desejo de libertação. Nós podemos pegar algumas estradas erradas. E há muitas pessoas sem escrúpulos ou simplesmente confusas que se apresentam como professores nos dias de hoje. Podemos ser enganados ou simplesmente induzidos em erro. As histórias e escândalos que cresceram em torno de "gurus" e suas organizações são tantas.

Então, como podemos encontrar com segurança um professor competente? Por não procurarmos por um. Isso pode parecer um paradoxo ou um conselho estranho, mas é o caminho mais seguro a seguir. O buscador à procura de um professor é eminentemente desqualificado para julgar a competência do professor. Ele está, afinal de contas, reconhecidamente procurando alguém que sabe algo que ele não sabe, e possivelmente ele não consegue dizer se um professor em particular sabe o que ele não sabe, nem deve aceitar a palavra do professor para isso.

Lembre-se, a lei do *karma* determina as circunstâncias de nossas vidas, que incluem se seremos instruídos por um professor competente. Depende do nosso "bom" karma. A esse respeito, algumas pessoas falam sobre graça, e mesmo no Vedanta, o encontro de um professor competente é frequentemente atribuído à “graça de *Isvara* (Deus)”.

A mente ocidental tende a interpretar a graça como um favor concedido aos indivíduos de acordo com a incompreensível vontade de um deus criador. *Isvara*, no entanto, não é um deus assim: *Isvara* é um termo único que abrange a vasta e complexa lei do *karma*, entre tantas outras leis universais. Mas *Isvara* não é mais pessoal do que a lei do *karma*, e sua “graça” é simplesmente o retorno que conquistamos por nossas ações.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Se estamos ordenando nossas vidas para que possamos nos dedicar ao conhecimento da verdade, isso é uma indicação de que *Isvara* cuidará para que recebamos um professor competente no momento apropriado. A ansiedade e a impaciência não aceleram o processo e podem até retardá-lo, pois nossas mentes podem ficar muito agitadas para receber o ensinamento.

O fato de você estar lendo este comentário é uma forte indicação de que o seu *karma* favorece o recebimento do professor e o ensino de que você precisa.

### Verso 3

**Uma pessoa dotada das qualidades apropriadas e compreensão dos Vedas, que se apega ao irreal e não se esforça pela libertação, verdadeiramente comete suicídio espiritual.**



O VERSO CONTÉM uma exortação e um aviso: esforçar-se pela libertação ou encontrar a autodestruição. O verso está preocupado com o indivíduo, assim como a maioria dos versos da primeira metade deste texto.

O objetivo de todo o trabalho é resolver a aparente contradição apresentada pelo mantra *Tatvamsi*; “Você é aquilo.” “Você” é o indivíduo; “aquilo” é a totalidade. A contradição será resolvida descobrindo a identidade dos dois termos. Esta descoberta está em andamento à medida que esses versos são revelados. Estamos agora preocupados com a identidade do indivíduo e as opções que ele tem.

O papel do *karma*, ações passadas, na determinação das condições de nossa vida atual foi explicado no comentário do verso 2. Mas nossa compreensão do *karma* deve ser completa ou estamos sujeitos a nos tornarmos passivos e fatalistas, acreditando que somos impotentes para afetar a trajetória de nossas vidas.

No verso 3, o papel do livre arbítrio é introduzido. As circunstâncias do nosso nascimento podem ser predeterminadas, mas as nossas respostas a essas circunstâncias estão, até certo ponto, sob nosso controle. O grau de liberdade que somos capazes de exercer depende da nossa clareza de propósito.

O verso é endereçado a indivíduos cujo *karma* lhes proporcionou uma oportunidade de libertação da ignorância e admite a possibilidade de que tal oportunidade possa ser desperdiçada. A obtenção do conhecimento que nos libertará não requer ação, mas requer coragem. Temos que estar dispostos a aceitar a perda de interesse pela felicidade mundana. Temos que estar dispostos a

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

nos abster de ações que sabemos que enfraquecerão nosso compromisso com o autoconhecimento.

Às vezes a clareza de propósito é um incômodo. Há algo em nós que prefere permanecer na neblina, seguindo o caminho desgastado dos hábitos que nos levaram às circunstâncias particulares em que estamos tropeçando, na esperança de encontrar a felicidade. E é mais fácil aceitar os propósitos que a vida convencional propõe: riqueza e prazer. Rara é a criança em nossa cultura que é encorajada a se libertar da ignorância para que possa conhecer sua verdadeira natureza como ilimitada, contente e alegre.

Um indivíduo pode tentar alcançar a felicidade realizando seus desejos, que é o caminho que a maioria de nós segue, ou ele pode tentar libertar-se desses desejos. O Vedanta ensina que realmente não há diferença no objetivo dessas duas abordagens. Quando realizamos um desejo, somos, ainda que brevemente, livres desse desejo, e é essa liberdade que nos faz feliz. Então todo mundo, até mesmo o hedonista mais "*Tat Tvam Asi*", está tentando libertar-se do desejo. É a única maneira de ser feliz.

Uma vez que percebemos isso, somos confrontados com duas possibilidades: podemos parar de nos enganar ou continuar a nos enganar. Por que desejamos continuar a nos enganar, isto é, continuar buscando a felicidade nos objetos, sabendo que ela não pode ser encontrada nesses objetos? Porque nós temos uma longa história de fazer isso; porque o mundo inteiro nos encoraja a fazer isso; e porque é mais fácil, ou assim parece.

São Paulo expressa sua famosa perplexidade sobre essa mesma tendência em sua carta aos Romanos: "Pois eu não faço o bem que quero fazer, mas o mal que não quero fazer - isso eu continuo fazendo". No *Mahabharata*, o grande poema épico da Índia, *Duryodhana*, o vilão da história, também observa que ele sabe a coisa certa a fazer - *dharma* - mas ele escolhe fazer a coisa errada de qualquer maneira. Ele diz que é como se houvesse outro ser dentro dele, direcionando suas ações.

Este outro ser, se você quiser, é a força do nosso *karma*. Lutar contra isso requer coragem. Se nos recusarmos a aceitar esta luta, é como se cometêssemos suicídio. Matamos o conhecimento que nos libertaria de nossa ignorância e perdemos nossa única chance real de felicidade duradoura.

Verso 4

**Sem o autoconhecimento, uma pessoa que estuda as escrituras e pratica rituais para favorecer os deuses visando vários fins, nunca obterá a libertação.**



ESTE VERSO DISTINGUE a ação do conhecimento. A ação descrita não é aquela que visa a felicidade mundana através da obtenção de objetos profanos - sexo, dinheiro, poder, etc. - mas a ação prescrita como dever religioso: adorar, ler textos sagrados, fazer o bem aos outros.

Dizem-nos que nenhuma dessas coisas produzirá o conhecimento que nos libertará da ignorância: o conhecimento do Eu. O texto em sânscrito declara que ações realizadas ao longo de incontáveis bilhões de anos são inúteis para quem deseja a libertação. Esta referência a imensas extensões de tempo enfatiza que ação e conhecimento são como duas linhas paralelas que nunca se encontrarão, não importa quanto tempo elas sejam estendidas.

O objetivo do verso não é dissuadir as pessoas de cumprir deveres religiosos ou realizar obras de caridade, mas enfatizar que o conhecimento - e somente o conhecimento - é o meio para nos libertar do ciclo de felicidade e miséria mundanas. Por que isso deveria ser assim?

Nós só executamos uma ação porque desejamos um resultado em particular. Mesmo se agirmos com um espírito de relativo desapego, entregando o resultado à Deus, a *Isvara* ou ao cosmos, ainda permaneceremos focados no mundo fenomenal. Enquanto permanecermos focados no mundo fenomenal - o mundo dos objetos - devemos confiar nos meios de conhecimento que nos permitem reconhecer esses objetos: a percepção.

A percepção nos permite distinguir um objeto de outro e atribuir-lhe um nome. Deste modo, povoamos nossa mente com quantidades inumeráveis de objetos, cada um separado do outro, e montamos um enorme dicionário que os separa por palavra.

Ora, lembre-se de que no verso 1 nos é dito que a percepção não serve para realizar nossa verdadeira natureza de ilimitabilidade e satisfação-alegria. Para tal realização, o conhecimento por si só é suficiente, e o conhecimento vem até nós através de um professor competente revelando os grandes dizeres dos *Upanishads*; no caso deste texto, “Você é aquilo”. “Você” refere-se ao indivíduo; “aquilo” à totalidade.

O autoconhecimento é diferente do conhecimento dos objetos. Podemos conceber o autoconhecimento como a união de duas coisas separadas, o indivíduo e a totalidade, mas isso seria um erro. O indivíduo e a totalidade não são unidos no

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Ser pleno. A própria concepção de sua distinção é a definição de ignorância. Portanto, não há ação que possa unir duas coisas que nunca foram separadas.

Como a ação só pode produzir mais ação no mundo de múltiplos objetos, que conhecemos através da percepção, ela é obviamente incapaz de nos levar à realização do Ser pleno. Para esse conhecimento, precisamos de um meio diferente de percepção ou ação baseada na percepção. O Vedanta é esse meio.

### Verso 5

**Milhões de ações não produzirão o autoconhecimento. As ações podem purificar a mente para obter o autoconhecimento.**



ESTE VERSO PODE nos parecer redundante. Já nos disseram que ações não resultam em conhecimento. Por que isso está sendo repetido? Porque a diferenciação entre ação e conhecimento deve ser entendida para o Vedanta funcionar. Tão crucial, tão fundamental é essa diferenciação que vale a pena repetir.

O verso também enfatiza o valor da ação como uma preparação para a autoinvestigação: a ação purifica a mente. A ação referida é aquela que é prescrita pelo *dharma*: adoração, estudo sagrado, meditação e boas obras. Isso ajuda a purificar a mente, desviando-nos da autogratificação.

A purificação da mente que as ações corretas produzem é uma diminuição de nosso apego às satisfações sensuais, emocionais e intelectuais que tendem a alimentar nosso senso de individualidade. Os pensamentos "eu gosto", "eu quero", "eu preciso ter" nos conduzem para os objetos e para longe do conhecimento do Eu.

Quando tivermos neutralizado suficientemente nossos gostos e aversões, seremos capazes do equilíbrio emocional essencial para a autoinvestigação. Esta investigação analisa as palavras do Vedanta, mas as palavras são um meio, não um fim. A investigação é sobre o Eu verdadeiro, o Ser pleno. As palavras são como um espelho no qual podemos ver o Eu/Ser refletido. Mas ninguém olha para um espelho para ver o espelho; apenas o que o espelho reflete - nossa própria imagem.

A investigação está sendo feita pelo Ser com o propósito de perceber a sua própria natureza, que se tornou obscurecida por sua identificação errônea com os objetos. Nós já somos o Ser, então não precisamos fazer nada para nos tornarmos o Ser. É por isso que a ação não pode nos ajudar nesta investigação. Mas estamos tão acostumados à ação que precisamos ser lembrados, repetidas vezes, que a ignorância, a fonte de nossa infelicidade, só pode ser removida pelo conhecimento.

Verso 6

**Portanto, aproxime-se de um professor compassivo, um conhecedor do Ser e aprenda a investigar a verdade.**



O TERMO AUTOINVESTIGAÇÃO tornou-se popularizado hoje em dia, pelo menos entre os que se declaram buscadores da iluminação. Mas muitos dos chamados buscadores não têm um professor adequado, de modo que podem não compreender o significado do termo, como frequentemente acontece.

Há vários livros populares que incluem em seus títulos ou textos a frase: “Quem sou eu?”. A autoinvestigação é um assunto que muitos começam a levar a sério. Mas para quem esse assunto deve ser endereçado? O que, ou quem é esse “Eu”?

O Eu já sabe quem é e não questionaria e nem mesmo responderia. O ego não tem ideia de quem é o Eu, mas está preparado para dar todas as opiniões sobre o assunto. Identifica-se com objetos: pensamentos e sentimentos acumulados, percepções e memórias. Ele pensa que o Eu é o corpo, a mente, etc., e responderá à questão “quem sou Eu?” contando “sua história”. Ele acredita que a investigação está “se aprofundando”, como se o Eu tivesse uma localização e fosse algo diferente daquele que procura pelo Ser. Ele concebe a meditação sobre o Eu como uma forma de mergulho interno em águas profundas.

O Vedanta é o meio de conhecimento para a autoinvestigação. Declara desde o início que não há nada a ser ganho, nada a ser feito, nenhum lugar para ir, dentro ou fora: você já é o Ser, Consciência pura, que é livre. O trabalho do Vedanta é despir o não-Eu que continua obscurecendo a sua visão.

É como limpar o vidro do espelho para que você possa ver seu próprio rosto. Não é como se o seu rosto viesse a existir através da clareza da reflexão. Seu rosto sempre esteve lá. É importante ter isso em mente durante a autoinvestigação, ou então podemos conceber o processo como culminando em alguma experiência definitiva e extraordinária. E o anseio por tal experiência nos leva em direção à ação e nos distancia da contemplação e do conhecimento, ou seja, em direção à yoga e para longe do Vedanta.

Ninguém se autoinvestiga a menos que esteja descontente com o *status quo*. Nós nunca queremos libertação, *moksa*, da felicidade; somente da infelicidade. Assim, a autoinvestigação parte de onde nos encontramos como indivíduos infelizes. Mas por que estamos infelizes? Porque não funciona nenhuma das coisas que tentamos na esperança de nos libertar da infelicidade.

A autoinvestigação não será bem-sucedida se tentarmos nos forçar a acreditar que somos a Consciência pura enquanto todo o nosso passado e hábitos de

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

pensamento e ação, nos inclinarem a acreditar no oposto: que somos corpos-mentes individuais. Nós devemos ser pacientes. Nós devemos insistir nisso, escutando as palavras do Vedanta e as aplicando repetidas vezes em nosso cotidiano de acordo com a nossa situação. E necessitamos de um professor.

Tendemos a nos rebelar diante da ideia de que necessitamos de ajuda neste ou em qualquer outro esforço: em parte, devido ao valor dado à autoconfiança na cultura ocidental e em outra parte, devido a vaidade do ego, presente em todas as culturas. Existe algo dentro de nós que declara com alguma rebeldia: "Eu mesmo posso fazer isso."

Mas não podemos. Lembre-se de que nossos meios habituais de conhecimento, percepção, só podem nos ensinar sobre objetos. O Eu não é um objeto, mas o último sujeito. E o único meio de conhecimento para o Eu é o Vedanta, essencialmente os grandes dizeres dos Upanishads. Se nos aproximamos do Vedanta por conta própria, sem a ajuda de alguém que é livre e que sabe como desdobrar esses grandes dizeres, nós os interpretaremos de acordo com nosso próprio conhecimento limitado. O que isso significa na prática, é que provavelmente tentaremos fazer do Eu um objeto a ser entendido. O autoconhecimento não é algo que o ego possa objetivar e acrescentar ao seu currículo.

Somente nos abrindo ao conhecimento que o professor pode despertar em nós é que perceberemos o Ser. Esse professor é descrito como "um oceano de compaixão" e como tal deve ser para empreender este trabalho. Considere: o professor é livre e ele sabe que também somos livres. A liberdade é a nossa natureza verdadeira. No entanto, chegamos a um professor e dizemos: "Por favor, me liberte".

É uma situação cômica. A famosa ilustração disso no Vedanta é a da cobra e da corda. Um viajante, ao entardecer, fica paralizado quando encontra em seu caminho o que ele acredita ser uma cobra prestes a atacá-lo. Outro homem aparece e o avisa que a cobra é um rolo de corda. Ambos podem rir da situação depois que o homem assustado percebe o erro.

Mas enquanto o homem está vendo a cobra, ela é real para ele, assim como o seu medo e a sua paralisia. E o homem que sabe que a cobra é uma projeção, poderia facilmente deixar o viajante sozinho com seu medo, em vez de se dar ao trabalho de dissipá-lo. Mas ele sente compaixão pelo viajante e assim ele o instrui, sabendo que, quer ele faça isso ou não, não há cobra, o viajante não corre perigo e, mais cedo ou mais tarde, deve perceber o seu erro.

Quando chegamos a um professor competente, somos muito parecidos com o viajante. Estamos dizendo de fato, "Salve-me da cobra!" O professor sabe que não há cobra, mas ele nos orienta nesse conhecimento por sua compaixão e porque *Isvara* determinou o encontro entre aluno e professor. É o Ser instruindo o Ser na natureza do Ser.

## Qualificações Para o Autoconhecimento

### Verso 7

**São necessárias qualificações para o autoconhecimento. Tempo, lugar e circunstâncias são meios auxiliares.**



ESTE VERSO DIRECIONA nossa atenção dos meios de conhecimento para as qualificações necessárias que um indivíduo precisa para fazer uso adequado dos meios. É característico do Vedanta que comece cada ensinamento diferenciando aquilo que nos conduzirá ao conhecimento daquilo que não o fará.

Este verso nos diz que as circunstâncias externas, embora úteis, não produzem em si mesmas o autoconhecimento ou o conhecimento do “Eu” Universal. A intenção aqui é nos impedir de enfatizar demais as condições sob as quais conduzimos a autoinvestigação.

Podemos nos tornar muito apegados às rotinas e ao meio ambiente: acordar em um determinado momento, meditar por tanto tempo em um lugar específico, ter nosso cobertor ou assento especial, vestir certas roupas, etc. Tudo isso pode ser condizente com a autoinvestigação, mas não é necessário e não têm poder para nos libertar da ignorância. Mais uma vez, a autoinvestigação sozinha será suficiente.

O verso enfatiza a predisposição para receber o ensino. Sem essa preparação, os meios de conhecimento podem não funcionar. A culpa não será atribuída ao ensino ou ao professor, mas as insuficientes qualificações do aluno.

Poderemos dizer que o Vedanta não funciona para nós e que preferimos outro meio de conhecimento para realizar o Ser pleno não-dual, mas o Vedanta é o único meio de conhecimento disponível. Se o Vedanta não está funcionando para nós, isso só pode significar que ainda não estamos completamente qualificados. Os versos a seguir detalharão a natureza dessa qualificação.

### Verso 8

**Sem a presença de um professor qualificado, o autoconhecimento não ocorrerá. Quatro qualificações são enumeradas por aqueles grandes mestres que realizaram o Ser e atingiram a visão da não-dualidade revelada pelo Vedanta.**



O TEXTO EM breve fornecerá uma descrição detalhada dos quatro pré-requisitos para a autoinvestigação, mas primeiro nos diz que esses meios são prescritos por aqueles que “viram” ou compreenderam a verdade contida nas palavras do Vedanta.

Este pode ser o momento apropriado para fazer a distinção entre filosofia e Vedanta. No ocidente, a filosofia se transformou em uma disciplina acadêmica em que a natureza dos objetos e como eles são percebidos é debatida pelas escolas de pensamento em disputa. O progresso científico reduziu drasticamente o campo da especulação filosófica, de modo que agora é pouco mais que uma sala estreita, onde argumentos intrincados sobre os significados das palavras são levados a cabo sem a devida conclusão. O Vedanta é por vezes referido como filosofia, mas isto é um erro.

A palavra em sânscrito que é frequentemente traduzida como filosofia é “*darshan*”, que significa “visão”. Com referência ao Vedanta, essa visão é o conhecimento do Ser Pleno como Consciência pura. Para quem tem a visão, ela é absoluta. Ela pode ser apoiada pela lógica, mas não pode ser dependente ou deduzida pela lógica, pois não é um objeto de percepção ou inferência.

As quatro qualificações para entender as palavras do Vedanta estão prestes a ser detalhadas nos versos seguintes, mas devemos entender que essas qualificações nos vêm daqueles professores que conhecem o Eu. Em outras palavras, essas qualificações não são arbitrárias, não são produto da percepção individual ou especulação. Elas têm sido universalmente prescritas, desde tempos imemoriais, como sendo indispensáveis.

O Vedanta não é filosofia, pois não é conhecimento especulativo, mas certo e preciso. Tampouco é misticismo, pois sua visão não é pessoal: pode ser analisada e provada universalmente como verdadeira e acessível a todos que tenham as qualificações necessárias.

As palavras do Vedanta são os meios; o fim é a libertação, *moksa*. Os meios só podem operar em alguém que tenha as quatro qualificações e um professor competente para esclarecer as palavras. Todos esses elementos devem estar presentes ou a libertação, nossa verdadeira natureza, não será realizada.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

### Verso 9

**As quatro qualificações são: (1) discriminação entre o efêmero e o eterno (2) desapego com referência a objetos (3) seis qualificações secundárias e (4) desejo ardente de libertação.**



ENCABEÇANDO A LISTA de qualificações, está a discriminação. Uma pessoa qualificada deve ser capaz de distinguir o que é eterno do que é temporal.

Não é difícil dizer o que é temporal: tudo o que experienciamos, cada objeto, é temporal. Quanto ao eterno, se soubéssemos do “Eu” pleno e universal, não precisaríamos do Vedanta. Assim, a discriminação preocupa-se em identificar e descartar o que vem e vai. É um processo de negação.

A próxima qualificação diz respeito à nossa atitude em relação àquilo que a discriminação identificou como temporal: o desapego. Uma vez que sabemos que algo não vai durar, também sabemos que não pode nos fornecer eficazmente a felicidade e segurança que estamos sempre buscando. Queremos nos livrar da insegurança, e é esse desejo de libertação que nos levou ao Vedanta. Esse desejo não pode ser satisfeito por objetos que vêm e vão. Tais objetos só podem aumentar nossa insegurança, apesar da felicidade temporária que atribuímos a eles de forma equivocada.

Uma vez que percebemos que objetos temporais não nos satisfarão, perdemos o interesse neles. Essa falta de interesse é uma definição de desapego. Nós não gastamos mais nossa energia buscando coisas que sabemos que nos desapontarão e nos abandonarão. O desapego é a consequência lógica da discriminação.

Há uma falsa ideia de desapego que surge do desânimo. Ainda queremos coisas temporais, mas elas se mostraram tão difíceis de obter que estamos preparados para abandonar sua busca. Embora não seja desapego em um sentido apropriado, esse distanciamento da busca de objetos não é desprovido de valor, especialmente se tivermos um professor competente que nos leve ao verdadeiro desapego por meio da discriminação.

As seis qualificações são um subconjunto de virtudes que apoiam esse desapego. Elas serão detalhadas à medida que o texto avança.

A última das quatro qualificações é realmente a primeira na ordem de operação: desejo ardente de libertação. É esse caráter da mente, uma concentração de todas as coisas no objetivo da libertação, que fornece a força motriz para as outras qualificações. Quanto mais intenso esse anseio, mais assiduamente aplicamos a discriminação, o desapego e as virtudes associadas.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

### Verso 10

**Discriminação é a firme compreensão do Ser ilimitado não-dual, sem ação, a Consciência ordinária - que é eterna, e que o mundo dos objetos em mudança não é eterno.**



TUDO O QUE podemos perceber e experienciar é temporal. Discriminação é saber disso. Aquilo que resta depois de eliminarmos tudo o que é temporal, isto é, o mundo inteiro, é a Consciência, o “Eu” pleno universal. É ao conhecer o Ser pleno que percebemos que somos livres. É confundindo o “Eu” pleno com objetos, que nos tornamos identificados, ou seja, temporais.

A discriminação reforça a afirmação feita nos versos anteriores de que a ação não pode levar ao conhecimento. No mundo fenomenal, o mundo dos objetos, causa e efeito estão operando e fornecem uma explicação para a mudança aparente. Cada efeito é da mesma natureza que a sua causa, assim como o fogo produzirá calor e não frio. Toda ação é finita - começa e termina no tempo - e só pode produzir um efeito finito. Portanto, se nosso objetivo é conhecer a ilimitação, a ação não é o meio apropriado.

Tudo o que fazemos é motivado pelo desejo de sermos livres. Livres de quê? Da insegurança. Os momentos de nossa maior felicidade estão sempre cheios de tristeza porque sabemos que o momento está se esvaindo, mesmo quando estamos curtindo. Esse sentimento de insegurança está na raiz de toda a nossa infelicidade, e uma tentativa de banir esse sentimento está na raiz de todas as nossas ações. Queremos algo que dure, e a vida não é outra coisa senão a busca por algo duradouro. Todas as nossas canções populares são sobre o amor que durará "eternamente" ou uma lamentação sobre o amor "eterno" que de alguma forma morreu.

A maioria de nós aceita que o melhor que podemos fazer na vida é obter o máximo de riqueza e prazer. Mesmo as ações altruístas são baseadas no desejo de prazer: é bom aliviar o sofrimento dos outros, especialmente se nos identificamos com esse sofrimento. Mas o prazer não dura, e a riqueza está sempre sujeita às incertezas do mercado e de nossas próprias circunstâncias. Objetos inseguros, não importando o quanto sejam multiplicados, não podem aumentar a segurança, pois são efeito e a natureza é sua causa.

Alguns de nós percebemos a qualidade frágil e fugaz da felicidade baseada em objetos. Se pensarmos que a vida não nos oferece mais nada, podemos nos desesperar. Grande parte da angústia existencial expressa na literatura e na filosofia do século XX encontra sua origem nessa compreensão. O Vedanta, no entanto, nos diz que não precisamos ficar confinados ao que é temporal. De fato, isso nos diz que estamos livres de tudo que é temporal, que somos ilimitados e

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

naturalmente alegres e satisfeitos. O primeiro passo para saber disso é o cultivo da discriminação. Precisamos parar de buscar a felicidade e a segurança naquelas mesmas coisas que estão desmoronando enquanto tentamos agarrá-las. Nós devemos ver o mundo pelo que ele é. Isso exigirá que abandonemos muitas ilusões afetuosas, e a principal delas é a de que a felicidade está nos objetos. A discriminação constante é necessária.

### Verso 11

**A ausência de anseio por mudar as coisas, do corpo para estados mentais espirituais, é desapego.**



QUEREMOS MUDAR AS coisas porque somos infelizes. Achamos que uma mudança – perder 15 quilos, conseguir um emprego melhor ou um cônjuge mais atraente, fazer uma hora de *yoga* antes do café da manhã, etc – nos fará felizes. Mas, a lista de possíveis melhorias é interminável, e a satisfação que elas trazem nunca dura.

Quando percebemos, através da discriminação, que os objetos temporais nunca nos trarão a felicidade duradoura que desejamos, perdemos o interesse por esses objetos. Essa perda de interesse é desapego. Não deve ser confundido com apatia; é, em vez disso, o conhecimento correto de que não podemos assegurar a felicidade através de qualquer rearranjo de nossas circunstâncias, começando com a mais básica de todas as circunstâncias: nossa existência corpórea.

Todos nós sabemos que o corpo é temporal, ainda assim nos identificamos com ele como se fosse um com o nosso “Eu” pleno ilimitado. É difícil imaginarmos a Consciência separada da consciência corporal. Mas, se aplicarmos a discriminação, consistentemente, para diferenciar aquilo que é temporal daquilo que é eterno, descobriremos, repetidas vezes, que o corpo deve ser classificado com as coisas que vêm e vão. Isso será visto, quando o apego emocional for colocado de lado, pelo que é: apenas outro objeto passageiro na Consciência.

Quando percebermos isso, com suficiente convicção, deixaremos de permitir que o corpo e seus apetites assumam o papel de orquestrador principal de nossas ações. A gama de objetos aos quais o desapego se aplica começa com o corpo, de acordo com o verso, e se estende a todos os estados espirituais que podem ser experienciados ou desejados. Podemos vir a quebrar a identificação com nossos corpos, apenas para começar um programa de aperfeiçoamento espiritual. Mudança, nós acreditamos, nos trará felicidade duradoura, se não aqui, então talvez daqui em diante.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

O Vedanta não postula um céu eterno como resultado de ações meritórias realizadas na Terra, nem sua lógica permite tal possibilidade. Lembre-se que todo efeito é da natureza de sua causa. Ações finitas não podem culminar em uma bem-aventurança infinita. O céu que alguns adeptos dos Vedas aceitam como uma possibilidade real é um estado temporário: é desfrutado como resultado de ações ligadas ao tempo, e terminará quando o mérito dessas ações estiver esgotado. Isto é ao menos logicamente consistente, mas não precisa ser aceito, nem tem qualquer relevância na realização daquilo que é ilimitado, que é o objetivo do Vedanta.

Nosso desapego não deve levar à negligência do corpo, nem a nenhum dos nossos deveres no mundo. O corpo é útil. É o resultado do nosso *karma* e nos permite desenvolver esse *karma*. Deve ser respeitado, mas não idolatrado. O corpo é, como o próprio Vedanta, um meio. Às vezes confundimos os meios com o fim e aí está o começo de nossos problemas.

O fim que estamos buscando é conhecer nossa natureza como ilimitação e perfeita alegria-satisfação. O Vedanta nos diz que podemos conhecer isso, compreendendo a verdade do grande mantra "Você é aquilo" (*Tatavamsi*) – o indivíduo e a totalidade são um. Tudo neste mundo, tudo o que é temporal, quando usado apropriadamente, serve para esse fim. Mas, os objetos devem ser mantidos em seu devido lugar.

Desapego é manter os objetos em seu devido lugar. Quando fazemos isso, não precisamos temer o mundo nem desprezá-lo. Pois, a verdade é que o mundo não é nosso inimigo. Ele não conspira manter-nos ligados a ele. Não tem intenção. Lembre-se, *Isvara* é impessoal. Os valores que atribuímos ao mundo são o que o Vedanta chama de imposições. Às vezes, impomos felicidade aos objetos; às vezes, miséria. Mas não há objetos felizes ou miseráveis.

Alguns de nós pensam que o desapego significa fugir dos objetos: entrar em um mosteiro ou viajar para as profundezas do Himalaia. Há um pouco de sabedoria caseira que, às vezes, chega às canecas de café e placas de parede: "Não importa aonde você vá, você está aqui". O desapego pode ser feito em Nova York e também em Rishikesh. Depende do nosso entendimento, não da nossa geografia.

O desapego acompanha a discriminação, mas isso pode não acontecer imediatamente. A discriminação pode nos levar à percepção de que uma determinada ação não resultará em conhecimento. Ainda nos encontramos atraídos para realizar essa ação. Nosso desapego ainda não está nos governando em relação a isso.

Há uma diferença entre um valor cognitivo e um valor emocional. Lembre-se das expressões de São Paulo e Duryodhana mencionadas anteriormente (comentários sobre o verso 3): simplesmente conhecer a melhor coisa a fazer – ou a não fazer – não nos permite necessariamente sujeitar ou adaptar a ação ao conhecimento. A emoção, enraizada no hábito contumaz, não é facilmente, ou

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

instantaneamente, vencida. Nossos valores são um pouco parecidos com diamantes: eles são moldados pelo tempo, pela pressão, e são muito rígidos. Devemos ser pacientes e continuar a aplicar a discriminação até que o desapego acompanhe, automaticamente.

Quanto mais desapegados nos tornamos, seja lá como, mais provamos a libertação que é o objetivo final do Vedanta. Ser desapegado é descobrir que a felicidade está em nós, não nos objetos. O desapego nos liberta da escravidão para tudo que é limitado pelo tempo. Nos liberta da infelicidade.

### Verso 12

**A mente é resolvida quando sustentada pelo desapego em relação aos objetos, sua atenção é removida dos objetos e repetidamente colocada no Ser.**



O DESAPEGO ESTÁ sujeito a muitos mal-entendidos. Na maioria das vezes, dá a entender que se deve remover a atenção dos objetos dos sentidos pela força de vontade. É por isso que alguns de nós compara desapego com tornar-se um eremita ou realizar severas austeridades, destinadas a disciplinar os apetites físicos errantes.

O Vedanta corrige esse mal-entendido. Em vez de forçar a desviar nossa atenção dos objetos, somos aconselhados a examiná-los repetidas vezes, observando suas limitações. Uma limitação não é um defeito ou uma falha. É um limite além do qual um objeto não pode ir.

Buscamos objetos porque acreditamos que eles nos libertarão da insegurança, a causa de nossa infelicidade. Mas os objetos, sendo temporais, são inseguros. Aquilo que nos leva a acreditar que um objeto inseguro pode nos aliviar da insegurança é chamado de “imposição” ou “projeção”. Atribuímos uma qualidade a um objeto, que ele não possui. Nós estendemos seu limite natural além de sua limitação real.

Por exemplo, a maioria de nós impõe um valor ao dinheiro que ele não possui. Pensamos que ter uma grande quantia de dinheiro nos tornará seguros e, portanto, felizes. Portanto, a equação, dinheiro é igual felicidade, é uma imposição popular que fornece motivo para muito do que acontece no mundo. Ora, o dinheiro tem um valor. Podemos usá-lo para comprar as coisas que precisamos para viver confortavelmente, mas não podemos usá-lo para comprar segurança, isto é, felicidade.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Não é por acaso que aqueles instrumentos financeiros são chamados de “*securities*”. O nome ressalta a imposição de valor que colocamos no dinheiro. Quando desenvolvemos o desapego, essa imposição é negada. Começamos a examinar o dinheiro objetivamente. Torna-se então evidente que o desejo por dinheiro é muitas vezes a causa de muita miséria.

Primeiro, há o enorme esforço para obter uma quantia suficiente de dinheiro. E o dinheiro tem essa propriedade aparentemente mágica: ele diminui à medida que cresce. Quanto mais temos, menos substancial parece. Nós sempre queremos mais. E, então, estamos divididos entre acumulá-lo e gastá-lo. Assim como investir também se torna um problema. Em quem confiar nos negócios envolve muita preocupação. Ficamos com medo dos outros, pensando que eles estão atrás do nosso dinheiro. Então, o que buscamos para a segurança, pensando que é a chave para a felicidade, nos deixou ainda mais inseguros, solitários e assustados.

Podemos negar o falso valor que impomos ao dinheiro na segunda-feira, apenas para encontrá-lo novamente povoando nossa mente na terça-feira. É aqui que o *shama* (quietude mental) faz o seu trabalho, levando-nos a examinar a limitação do dinheiro – e de todos os outros objetos – repetidas vezes, até colocarmos as imposições para repousar de uma vez por todas. Quando isso ocorre, nossa mente fica resolvida, isto é, ela é capaz de permanecer em nosso objetivo principal: libertação através do conhecimento do “Eu” pleno.

Claro que o mundo está cheio de objetos e incontáveis imposições. Negar todos eles, um a um, parece uma tarefa bastante assustadora, se não impossível. Mas podemos lidar com eles em um pacote, por assim dizer, introduzindo o conceito de *Isvara*. Vamos lembrar que *Isvara* é o nome dado à ordem da criação. É um conjunto impessoal de leis pelas quais o universo opera.

A imposição nos leva a tentar manipular *Isvara* para obter alguma vantagem pessoal. Muitas vezes, quando a nossa própria iniciativa falha, recorreremos à oração, implorando a alguma divindade para fornecer os bens que desejamos. Isso às vezes parece funcionar, mas apenas porque coincidentemente recebemos um retorno de alguma ação, logo depois de fazermos nossa oração. Podemos gritar, “Milagre!”, mas é simplesmente *Isvara* cuidando de seus negócios impessoais.

Uma forma de praticar *shama* (quietude mental) para tornar nosso desapego firme, é reconhecer que todos os objetos do mundo estão no domínio de *Isvara*, não no nosso. Aceitamos que tudo o que acontece ocorre como deve acontecer, de acordo com as leis que não criamos nem somos capazes de manipular. Nós desistimos de nossa falsa apropriação de objetos, por assim dizer e, ao fazê-lo, nos libertamos de sua insegurança intrínseca.

Se resolvermos nossa mente fazendo as pazes com *Isvara*, o desapego se tornará nossa posição padrão em relação aos objetos. Vamos começar a ver as coisas como elas são, com todas as suas limitações, e parar de distorcer a

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

realidade através da imposição de valores. Vamos parar de nos preparar para o sofrimento, por buscar nossa segurança no mundo em constante mudança.

### Verso 13

**Colocar os órgãos de percepção e ação em seus respectivos lugares e depois retirá-los de seus respectivos objetos é chamado de autocontrole.**



*SHAMA* É UM processo reflexivo no qual os objetos são despojados dos valores falsos que a ignorância atribui a eles. Fortalece o desapego em uma mente madura em que é um tanto quanto estabelecido. *Dama* pode ser entendido como uma segunda linha de defesa: lida com aquelas situações que escaparam do alcance de *shama*.

Eventos e emoções podem vir sobre nós rapidamente – às vezes, muito rápido, para permitir que *shama* seja aplicado em tempo. A raiva é o melhor exemplo. *Dama* é aquela força de vontade que nos permite conter a raiva em vez de nos identificarmos com ela e expressá-la, fazendo gerar um ciclo *kármico* que dificulta a autoinvestigação.

Muito da raiva é impessoal. Quando recebemos uma palavra dura, geralmente tem pouco a ver conosco. Apenas acontece de estarmos nos arredores de onde a raiva entrou em erupção. No entanto, tendemos a tomá-la pessoalmente e somos fortemente atraídos a responder à altura. *Dama* é uma disciplina dos sentidos e órgãos de ação, que nos ajuda a parar de responder de tal modo.

Até mesmo a raiva que parece se originar de nós é uma reação, geralmente da frustração de um desejo. A palavra dura ou agressiva pode vir de *Isvara*, a criação fenomenal, que “diz não” à nossa posse de algum objeto estimado. A raiva sempre procurará se expressar. *Dama* irá bloquear esta expressão, permitindo-nos processar a emoção, através da compreensão da sua causa e dos potenciais danos.

A educação moral das crianças é uma série de lições de *dama*. E a civilidade de uma sociedade depende da manutenção de *dama*.

Podemos imaginar a mente como uma espécie de asilo e nossos pensamentos e emoções agitados como os habitantes perturbados. *Shama* é a psicóloga que resolve os problemas dos habitantes por meio de análise. *Dama* é o guarda da portaria, alerta, que restringe à força os habitantes que tentam sair, mas ainda não estão aptos para entrar na sociedade. A analogia pode parecer um pouco extrema:

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

não somos loucos, dizemos a nós mesmos. Mas, a aparência de sanidade que muitos de nós apresenta depende, em grande parte, do exercício de *dama*, que é o arbítrio, em vez de *shama*, que é a compreensão. Nós precisamos de ambos.

### Verso 14

**Não-dependência de objetos externos pelo ego, ou ausência de "meu", é *uparati*. Objetividade para todas as dores sem ansiedade, reclamação ou tentativa de vingança é chamado de *titiksha*.**



O EGO É um pensamento que nos diz que somos um corpo-mente individual em um mundo de objetos independentes, alguns dos quais nós próprios. Em outras palavras, o ego usurpa o papel do "Eu" como sujeito supremo e identifica o senso "Eu" com objetos selecionados: meu corpo, minha mente, minha casa, minha esposa, meus filhos, etc.

Quanto mais forte essa identificação se torna, maior o domínio que a ignorância tem sobre nós. Estar livre da ignorância requer que discriminemos o Ser pleno do ego. Na prática, isso significa perceber que os objetos que o ego alega "pertencer" a mim não são meus, porque "Eu" sou pura Consciência plena, não um corpo que possui coisas, nem uma mente que sente as coisas, nem um protagonista que faz coisas. "Eu" sou infinitamente não-limitado, e minha natureza é a perfeita alegria e satisfação.

Esta não-inclinação do ego sobre objetos auxilia no desapego. Considere: neste momento alguém está morrendo, uma casa está queimando, dinheiro está sendo roubado. Mas, o moribundo não é nosso parente ou amigo, a casa não é nossa casa, o dinheiro não sai do nosso bolso. Então não estamos perturbados. Podemos nos manter objetivos, mesmo que possamos ser simpáticos. Mas, uma vez que assumimos a propriedade de qualquer coisa, nos tornamos ligados a esse objeto. O bem-estar alheio se torna nosso bem-estar. E, nós sofreremos de acordo com o destino desses objetos possuídos.

Quando o ego nega a propriedade, ele perde sua forma, por assim dizer. Sua forma depende da Consciência que se identifica com os objetos. Quando essa identificação cessa, o ego entra em colapso. Então o ego lutará furiosamente para manter esse senso de identidade. A não-inclinação do ego é estabelecida através da discriminação e reforçada pelo desapego. Devemos nos recordar continuamente: "não possuímos nada". Tudo pertence a Isvara.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Isso não significa que devemos cultivar um senso de irresponsabilidade. Somos submetidos ao que podemos chamar de obrigações de custódia para com os bens e pessoas colocadas sob nossos cuidados. O *dharma*, do qual é o cumprimento de nosso dever, pode exigir nossa ação para aliviar o sofrimento em certas situações. Mas, não precisamos assumir a propriedade dessas situações. É o *dharma* de um médico manter seus pacientes vivos, mas alguns morrerão, apesar de seus melhores esforços. Seu ego não assume a propriedade do resultado. Ele cumpre seu dever e deixa a natureza, *Isvara*, seguir seu curso.

O sofrimento corporal e mental é inevitável: o corpo adoecerá; a mente ficará triste. Nem a saúde nem a felicidade são uma posse permanente, pois o corpo está morrendo a partir do momento em que nasce, e o mesmo pode ser dito para a felicidade baseada em objetos. O desapego vem da objetividade para com essas dores: não somos o corpo sofredor nem a mente triste; somos a Consciência observando esses fenômenos mutáveis. Tal objetividade também reflui para o desapego, estabelecendo-o cada vez com mais firmeza.

Essa objetividade em relação à dor não deve ser confundida com a noção de masoquismo devotado, que procura a dor e até a produz: Os santos cristãos se flagelaram; os ascetas orientais se esfomearam; e há histórias fantásticas de penitências autoimpostas de todas as tradições religiosas. A objetividade discutida aqui é aceitar a dor que não pode ser evitada.

O verso também nos diz que o desapego nos aconselha a suportar a dor inevitável sem ansiedade, reclamação ou vingança. A dor pode ser agravada quando acrescentamos angústia mental a angústia física, ao nos determos no pensamento da dor. Podemos nos tornar preocupados com o sofrimento, em vez de simplesmente permitir que ele venha e vá como deve.

Também podemos nos habituar a reclamar do nosso sofrimento. Pode ser natural contar a um amigo sobre alguma dor que estamos sofrendo. Isso pode nos ajudar a aliviar nosso sofrimento e nos tornar mais objetivos sobre isso. Mas estamos acostumados a transformar o sofrimento em uma grande história, que é frequentemente repetida para aqueles que podemos obrigar a ouvir. Pense naquela tia que introduz a narrativa da sua operação de vesícula em todas as conversas e que tem feito isso há anos. (Todos nós temos nossa própria narrativa de vesícula, por assim dizer.) Quanto mais reclamamos, mais o ego vem para reivindicar esse sofrimento, que então se torna mais um objeto para ele se apoiar.

Por fim, a tendência de buscar vingança, pelo sofrimento que nos foi infligido, deve ser repelida. Olho por olho pode ser uma receita aceitável para a justiça, sob a lei, mas um investimento emocional no retorno do sofrimento, pelo sofrimento causado, não é compatível com a busca da libertação da ignorância. Lembre-se de que todas as coisas acontecem de acordo com as leis imutáveis do *karma*. Nosso sofrimento não está isento dessas leis. Pensar que fomos pessoalmente

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

prejudicados é entender mal a própria natureza dessa manifestação, que é inteiramente impessoal. Todos nós estamos operando de acordo com o plano de *Isvara*, e a sabedoria sugere que aceitemos o que acontece, sem iniciar outro ciclo de *karma* por um ato de retaliação que podemos imaginar ser justificável. Se buscarmos vingança, o sofrimento gerará mais sofrimento. Se suportarmos nossas dores com desapego, elas se esgotarão e permaneceremos em paz.

### Verso 15

**A convicção, firme e sempre presente, de que as palavras das escrituras e do professor são verdadeiras é chamada *shraddha*, a fé que aguarda o resultado da investigação.**



*SHRADDHA* É GERALMENTE traduzido como “fé”. Mas, como o verso declara, é a convicção de que o ensinamento e o professor são confiáveis para dizer a verdade, tanto quanto confiamos que um amigo autêntico nos quer bem, de coração.

A palavra “fé” está, infelizmente, associada ao argumento de autoridade, o que torna seu uso neste contexto passível de mal-entendido. As religiões exigem fé, pois elas lidam com doutrinas que não podem ser demonstradas como verdadeiras, mas devem ser aceitas como declarações de uma divindade, entregue a um mensageiro selecionado e retransmitida para nós através de uma escritura.

Neste esquema, tudo depende da nossa confiança no mensageiro. E com base em que essa confiança pode ser dada? Conhecemos o mensageiro pessoalmente? Ele se mostrou ser nosso amigo? O mensageiro, no caso da maioria das religiões, é alguém que tem a reputação de ter vivido milhares de anos atrás, então não podemos conhecê-lo, e como a doutrina que ele proclamou não pode ser demonstrada, não temos motivo racional para aceitá-la. No entanto, milhões de nós aceitamos tais doutrinas, pois nos é dito desde o tempo em que somos muito jovens que devemos “acreditar”, ou então arriscar um terrível destino, agora e daqui em diante.

A fé que é necessária para que o Vedanta funcione devidamente não é nada disso. Nenhum medo está envolvido; nenhuma ameaça de punição por falhar em “acreditar”. De fato, a crença não é apenas desnecessária, é proibida. O Vedanta não tem doutrinas baseadas em uma autoridade que alguém possa apenas concordar para ser salvo. A verdade do Vedanta só se torna verdade, para nós, quando aplicamos o conhecimento na nossa própria situação. Caso contrário, permanece acadêmica e inútil.

## **A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO**

Os Upanishads foram escritos há milhares de anos, mas seu ensinamento só pode ser revelado por um professor vivo, como este texto nos lembra repetidamente. Ele (o professor) nos conduz à verdade que ele realizou, para que então possamos estar livres de nossa insegurança, a fonte de nossa infelicidade. E, esta verdade foi escrita e transmitida através dos milênios, mas é verdadeiramente uma tradição viva, não uma coleção estática de doutrinas ou preceitos.

O professor usa as palavras da tradição para nos mostrar a lógica de nossa própria experiência. À medida que aplicamos a lógica e descobrimos sua solidez, passamos a confiar no professor e no ensinamento, assim como confiamos em um amigo autêntico e nos conselhos gentis que ele nos dá.

O Vedanta é chamado de meio de conhecimento. Nosso progresso no estudo de qualquer assunto requer que tenhamos fé em nosso instrutor e na verdade de seu ensino. Se quisermos conhecer o cálculo ou a química, devemos primeiro aceitar nossa ignorância e confiar no conhecimento de outra pessoa, depois permitir que o professor trabalhe em nossa ignorância, removendo-a passo a passo, até que possamos exercer o conhecimento desejado por nós mesmos.

Se não temos confiança no professor, não podemos aprender com ele. Os meios de conhecimento que ele emprega não serão eficazes, pois duvidaremos tanto da competência do professor quanto da verdade de seu ensino a cada passo do caminho. Mas, nossa confiança não deve ser entregue ou oferecida levemente, nem devemos permitir que nossas dúvidas permaneçam sem solução.

Alguns gurus modernos enfatizam a necessidade de seus discípulos se “renderem” a eles. Esses professores devem ser evitados. Se quisermos nos render a qualquer coisa, deve ser para as escrituras, os meios de conhecimento que o professor está exercendo, e essa entrega deve ter uma base racional.

O Vedanta é antigo. Mas a mera longevidade não é garantia de verdade. Algumas das besteiras mais extravagantes jamais vistas na mente do homem existem desde tempos imemoriais e não são menos ridículas por causa disso. Mas o Vedanta tem um histórico comprovado de libertar as pessoas do sofrimento.

Uma maneira de julgar as qualificações de um professor é observar como ele vive e interage com as pessoas. Um verdadeiro professor está sempre à vontade. Ele não tem nada a ganhar e nada a perder. E ele nos incentivará a examinar cuidadosamente o ensino, resolvendo todas as nossas dúvidas, em vez de reprimi-las. Este é o processo no qual devemos colocar nossa fé.

Mas, uma vez que aceitamos os meios de conhecimento, devemos permitir que ele faça o seu trabalho. Não podemos medir a verdade do Vedanta por nossas opiniões pessoais; são, em vez disso, as nossas opiniões pessoais que devem ser

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

medidas pela verdade do Vedanta. À medida que nossa confiança cresce, os meios de conhecimento se tornarão mais eficazes.

Nosso condicionamento nos inclina fortemente a impor valores aos objetos e a nos apegar a esses objetos na vã esperança de que eles nos libertem da insegurança que nos torna infelizes. O Vedanta é nosso amigo comprovado; nosso condicionamento baseado na autoignorância é como um inimigo que tenta nos separar de nosso amigo. *Shraddha* é a lealdade que nosso amigo conquistou de nós, a confiança duradoura que nos permite permanecer firmes.

### Verso 16

**Sempre e em todos os sentidos, concentrar a mente na Consciência é chamado de *samadana*; não é pacificar ou entreter a mente.**



A MENTE PODE ser comparada a uma criança de dois anos: ela tem um curto período de atenção e energia infinita. Nunca para. Corre de uma coisa para outra. Se permitirmos que uma criança de dois anos corra livremente, acabaremos perseguindo-a de sala em sala, arrumando as bagunças e mantendo-a fora de perigo. O mesmo acontece com a mente que tem liberdade total.

Devemos tratar a mente um pouco como faríamos com uma criança de dois anos: confiná-la a uma área segura, proporcionando-lhe uma ocupação saudável e disciplinando-a gentilmente. O verso nos adverte contra “pacificar” a mente, isto é, ceder às suas exigências. Se o fizermos, ela vai agir como uma criança mimada, que chora, faz birra e nunca está contente.

O desapego é uma mudança da atenção da mente de objetos limitados para o Eu/Ser ilimitado. Para que o Vedanta faça o seu trabalho, ele deve receber toda a nossa atenção. Não podemos fazer dele um passatempo ocasional, permitindo que a mente corra atrás dos objetos sempre que desejar, e esperar que o Vedanta nos liberte da ignorância. Retornar a mente com paciência e perseverança ao Ser pleno, fortalecerá nosso desapego.

Verso 17

**O desejo ardente de abandonar o apego pelos objetos que nascem da autoignorância, e reconhecer o Ser pleno como o valor mais alto, é *mumukshutva*.**



TODAS AS NOSSAS ações são motivadas pelo desejo de estarmos livres da insegurança. Realizamos uma ação após a outra porque a primeira ação não nos deixou seguros; por isso, esperamos que uma segunda ação nos torne seguros, e assim procedemos, de ação a ação, *ad infinitum*.

Queremos dinheiro para nos libertar da insegurança da pobreza. Mas o dinheiro é, por natureza, inseguro: ele pode ser perdido por meio de investimentos fracassados, por meio da inflação, por meio de ações judiciais, pela perda de um emprego - a lista é longa. E, como foi observado anteriormente, quanto mais dinheiro acumulamos, menor a pilha nos parece; nunca temos o suficiente. Bilionários ainda estão tentando ganhar mais dinheiro.

Queremos que o prazer nos liberte da infelicidade. E é claro que queremos um prazer seguro. Mas, como o dinheiro, o prazer é, por sua própria natureza, inseguro porque é temporal: ele vem e vai. Queremos que fique. E o prazer, como o dinheiro, nunca pode ser obtido em quantidades suficientes. Assim, passamos grande parte de nossas vidas repetindo as ações que nos trazem prazer e tentando reduzir o intervalo de tempo entre os prazeres. Em vez de nos libertar, o prazer nos escraviza. Nós nos tornamos viciados em prazer, sempre perseguindo a próxima alta e alimentando a esperança fútil de que podemos nos tornar tão elevados que nunca desceremos. Com cada falha sucessiva, nos tornamos mais miseráveis.

Tentamos nos libertar da insegurança perseguindo o prazer transcendental. Queremos ir para o céu ou nos tornarmos iluminados, e/ou queremos sentir que somos pessoas boas aqui e agora. Então, realizamos bons trabalhos, como são chamados. Nós doamos nosso tempo e uma parte de nossa riqueza para ajudar os outros. Nós rezamos. Nós meditamos. Podemos até nos engajar em atos penitenciais: jejum, silêncio, etc.

Mas o céu é uma esperança bastante tênue: sua existência não pode ser demonstrada e sua natureza, se existir, é usualmente descrita em terminologias pueris e temporais. De maneira alguma pode ser feito uma posse segura. A “iluminação” é muitas vezes simplesmente uma versão do céu da Nova-Era (*New-Age*). Na maioria das vezes, ela é imaginada como uma experiência climática em um curso de prática espiritual, geralmente meditação, que fará o mundo problemático desaparecer e proporcionar felicidade perpétua.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Os cristãos renascentistas tentam banir sua insegurança crendo que um único ato de fé é tudo o que é necessário para obter uma garantia de felicidade eterna, assim como alguns devotos da espiritualidade oriental tentam se convencer de que já estão iluminados. Ambas as abordagens se enquadram na categoria de “pensamento desejoso” (*wishfull thinking*), e um pensamento é o mais inseguro de todos os objetos.

Outras seitas religiosas prescrevem rituais e sacramentos que supostamente fornecem a graça necessária para uma recompensa eterna. Alguns de nós que rejeitam as alegações da religião e da espiritualidade ainda sentem que não somos bons o suficiente. Por isso, tentamos obter um senso seguro de valor-próprio por meio de um compromisso humanitário com vários tipos de ações. O fato de que essas ações precisam ser repetidas mostra que elas não podem banir nosso sentimento de insegurança. Nenhuma ação realizada no tempo pode trazer um resultado eterno.

Quando percebemos que a ação não pode nos libertar da insegurança, nosso desejo de libertação não desaparece. Mas quando chegamos a essa desilusão com a ação, nos tornamos receptivos ao conhecimento de que a libertação não está nos objetos, mas em nós: a libertação é o nosso próprio Ser/Eu. Então, as palavras do Vedanta que nos dizem que somos ilimitados e da natureza da perfeita alegria-satisfação começam a ressoar como verdade.

É nesse ponto que provavelmente encontraremos um professor competente que possa nos ajudar a transformar nosso desejo de libertação em um desejo de conhecimento. Lembre-se: é a ignorância que nos mantém em escravidão. Nós identificamos o Eu pleno com o não-Eu (o eu limitado); nós confundimos a Consciência com os objetos que aparecem na Consciência. É com o propósito de resolver essa confusão que o Vedanta e o professor existem. A autoignorância é o problema; o autoconhecimento é a solução.

Ignorância é a crença de que existem muitas coisas separadas e que somos apenas um entre esses vários objetos. O Vedanta é um meio para saber que a realidade é não-dual e que os objetos existem como aparências na Consciência. A discriminação separa a realidade das aparências, o Eu do não-Eu (o eu aparente). No entanto, isso parece representar um problema: Como o conhecimento da não-dualidade pode ser realizado ao separar tudo em duas categorias?

Somos confrontados com a proposição de que o Eu/Ser é um e o Eu/Ser é tudo o que existe. Mas também nos é dito que o Ser pleno pode aparecer como o não-Ser, os cinco invólucros ou (*five sheaths*). O Vedanta é um meio de conhecimento que resolve essa aparente contradição. É um processo pelo qual o Eu/Ser descobre sua própria natureza verdadeira, que parece estar coberta pelo não-Ser. A aparência do não-Ser ocorre quando a Consciência olha para si mesma do ponto de vista de um corpo-mente individual. Quando a Consciência se vê em

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

sua pureza, é una. Esta é, em poucas palavras, a essência do ensinamento que o Vedanta desenvolve. Somente quem tem um intenso desejo de libertação, juntamente com as outras qualificações, terá uma mente suficientemente sutil e atenta para compreendê-lo.

Os Upanishads falam de cinco invólucros, ou (*five sheaths*) com os quais o *Self* (Ser pleno) erroneamente se identifica. Mais tarde, o texto considerará esses invólucros “5-*sheaths*” em detalhes, mas eles podem ser brevemente introduzidos no contexto deste verso, pois a libertação que desejamos só pode ser percebida quando deixamos de identificar o Ser pleno com os vários invólucros/*sheaths* ou coberturas aparentes. Esta identificação constitui escravidão.

O primeiro invólucro/*sheath* é o corpo físico, conhecido como o invólucro de alimento. O corpo é inerte, uma composição dos elementos densos, mas nós o confundimos com a Consciência. Dizemos: "sou gordo" ou "sou velho", etc. A Consciência não tem tais propriedades, nem está sujeita à composição e decomposição. Portanto, o Ser pleno não pode ser o corpo.

O segundo invólucro/*sheath* são os *pranas* de ar-vital: ele opera o corpo, regulando a respiração, a assimilação de alimentos e todas as funções autônomas. Alguns iogues tentam manipular a respiração para acalmar a mente e desfrutar de estados incomuns de prazer. Mas o Ser/Consciência plena não é o *prana* ou ar-vital, nem pode ser conhecido através da manipulação da respiração. Assim como o corpo, o ar é inerte (não senciente).

A terceira cobertura é o invólucro/*sheath* mental: a sede de nossas emoções. A mente correlaciona as informações fornecidas pelos sentidos corporais e então reage às suas impressões: duvida, teme, deseja; muda de uma emoção para outra. Quando dizemos “estou triste” ou “estou preocupado”, estamos nos identificando com o invólucro/*sheath* mental. Mas o Ser pleno não tem emoções. Não tem humor. Nunca é perturbado pelas circunstâncias. A mente, portanto, não é o *Self* (o Ser pleno).

A quarta cobertura é o invólucro/*sheath* intelectual: é onde as decisões são tomadas. A mente refere suas impressões e emoções ao intelecto, que deve então avaliá-las como desejáveis ou não e decidir o que fazer com elas. Os critérios que o intelecto usa nesse processo são experiências passadas. Estamos sempre interpretando o presente em termos do passado. Nós não entendemos o que é, mas sim o que foi. O Eu pleno não é passado ou presente; não tem experiências com as quais avaliar as impressões da mente. É eterno. Não age. Não tem nada a ganhar ou a perder através da ação. O intelecto, então, não é o Ser pleno.

A quinta cobertura é o invólucro/*sheath* da felicidade (*the bliss-sheath*): é onde experienciamos a perfeita alegria-satisfação. Geralmente é identificado com o sono profundo, onde não mais experienciamos objetos, como fazemos nos estados de sonho e de vigília. Mas o Vedanta ensina que essa experiência de felicidade ocorre sempre que a dualidade sujeito-objeto é resolvida, pois ocorre sempre que um

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

desejo é realizado e no breve espaço entre os pensamentos quando o sujeito ainda não se identificou com o próximo objeto a surgir, que é o próximo pensamento. Mais uma vez, o Eu pleno não é temporal: não é um estado passageiro e, portanto, não pode ser a experiência da felicidade que vem e vai.

Quando todas essas coberturas aparentes são removidas através do reconhecimento de suas limitações, o que resta é o Self (o Ser pleno). É importante que os invólucros/*sheaths* sejam entendidos metaforicamente, para que não pensemos que descobri-los seja um processo dinâmico que envolve um curso de ação. O Ser pleno nunca é coberto, nunca é oculto, apenas é identificado erroneamente com aquilo que aparece na Consciência. Essa má identificação envolve uma contração do entendimento que nos leva a pensar que o finito contém o infinito. É o contrário, o que significa que nada é realmente finito.

O poeta William Blake escreveu certa vez: "Se as portas da percepção fossem limpas, tudo pareceria ao homem tal como é, infinito". Às vezes a poesia está mais próxima do alvo do que a prosa. No Bhagavad Gita, o poema épico da Índia, Krishna diz: "Quando alguém vê a eternidade em coisas que passam e o infinito em coisas finitas, então a pessoa tem conhecimento puro."

É através desse conhecimento puro que o aparente paradoxo do Ser pleno perguntando sobre sua própria natureza pode ser resolvido. Nesse conhecimento está a nossa única segurança, a nossa verdadeira libertação.

## O Professor

### Verso 18

**Para obter a libertação, uma pessoa qualificada que queira conhecer a verdade deve se aproximar de um professor que tenha conhecimento das escrituras.**



UM DESEJO DE libertação deve ser convertido em um desejo de conhecimento, se quisermos perceber nossa natureza como Ser pleno. Esta conversão é realizada por um professor que é bem versado em *moksa shastra*, ou seja, aqueles escritos cujo tema é o autoconhecimento, principalmente os Upanishads e um de seus textos derivados, o Bhagavad Gita.

O estudante deve aplicar-se a aprender a essência desses escritos sob a orientação do professor. Os dois versos seguintes descrevem as características de um professor qualificado.

### Versos 19-20

**Um professor qualificado é aquele que conhece a importância das escrituras para o autoconhecimento e cuja mente é unificada com a Consciência. Sua mente brilha como as brasas do fogo sem combustível. Ele pode expor os meios de conhecimento com confiança, é compassivo sem uma razão específica, não é afetado por desejos por objetos e é amigável para os buscadores que se aproximam com uma atitude apropriada.**



O CATÁLOGO DAS qualificações do professor inclui características já discutidas, como o conhecimento dos escritos do Vedanta e a compaixão, mas também enfatiza que o professor deve estar livre de desejos. Um professor que quer riqueza ou favores sexuais obviamente não está livre de desejos, mas muitos desses professores têm conseguido, por algum tempo, atrair muitos seguidores no ocidente. Alguém familiarizado com os versos acima poderia ter reconhecido facilmente o fascínio de Rajneesh pelo Rolls Royces - ele tinha 93 deles - e o comportamento desregrado que ele encorajou, desqualificando-o como professor. No entanto, muitos buscadores continuam a fornecer a sua devoção e o seu dinheiro a tais pessoas manifestamente desqualificadas.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

O professor deve ser o benfeitor do aluno e não o contrário. O melhor serviço que se pode dar ao professor é a devoção ao ensino. Isso envolve estudar os escritos prescritos e fazer perguntas apropriadas. Se um professor é incapaz de resolver nossas dúvidas, isso pode significar que ele não é um bom professor ou que não temos as qualificações para ser um bom aluno. Em ambos os casos, o Vedanta não irá remover a nossa ignorância.

Que a mente do professor seja como as brasas incandescente de um incêndio privado de combustível, ou seja, forneça uma imagem vívida. Quando um fogo está sendo alimentado, ele crepita e gera faíscas, aumenta ou diminui de intensidade e é sempre mutável. Tal é a mente inconstante de um homem comum sujeito a desejos. Mas a mente do professor é como um leito de brasas incandescentes que não consomem mais combustível: calma, firme e luminosa.

O professor também é amigo do buscador. Ele não o denigre, mas o recebe com gentileza. Muitos autoproclamados professores atuam em um cenário suntuoso, onde seus alunos agem como cortesãos, submissos e não-críticos. Esses professores, as vezes, “destruidores de egos”, o que pode assumir a forma de humilhação pública, supostamente para o bem do aluno, que é mantido em estado de ansiedade. Qualquer professor que gere medo ou tensão deve ser evitado. Se você não sente realmente que seu professor é seu amigo, ele não é seu verdadeiro professor. É um teste simples.

Nossa devoção ao professor cresce em proporção ao conhecimento do Ser pleno que somos capazes de realizar sob sua direção. Tal devoção é, na verdade, amor ao Eu/Ser universal, que o professor revela como a única realidade.

### Verso 21

**O buscador deve pedir proteção contra as agitações produzidas pelo envolvimento com o *samsara*.**



MUITOS DOS UPANISHADS e comentários sobre o Vedanta estão na forma de um diálogo entre aluno e professor. Um grito do coração irrompe do aluno. Ele é indefeso diante de grandes tormentos e implora a proteção do professor. Poucos de nós podemos sentir tal fervor emocional ao declarar nossa desilusão com o mundo e nosso desejo de nos libertarmos do sofrimento, mas sentimos isso mesmo assim.

*Samsara* é frequentemente comparado nas escrituras a um incêndio florestal. Ora, um incêndio florestal é diferente de qualquer outro fogo. Uma vez que atinja certo momento, é impossível parar até que tenha consumido tudo em seu caminho.

**Traduzido por Vedanta Brasil - Grupo de Estudo ([www.vedantabrasil.com](http://www.vedantabrasil.com))**

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

*Samsara* é o mundo fenomenal, em que tentamos em vão encontrar a felicidade duradoura entre objetos que estão constantemente mudando. Nosso desejo incessante é como um fogo inextinguível que consome, um após o outro, a infindável sucessão de objetos que pensamos que nos trará felicidade, e é esse fogo que o aluno deve pedir ao professor para extinguir.

De todas as agitações que o *samsara* nos sujeita, a mais terrível é o medo da morte. Enquanto identificarmos o nosso Eu/Ser com objetos que vêm e vão, o medo da morte permanecerá conosco. O pensamento de que podemos deixar de existir nos aterroriza, não importa como tentemos afastar o pensamento ou mostrar um rosto corajoso.

Somente o professor pode nos ajudar aqui, pois somente o autoconhecimento pode nos libertar da identificação com fenômenos que surgem e desaparecem na Consciência, que parecem nascer e morrer, como o corpo e a mente. O estudante que esgotou todos os meios habituais pelos quais as pessoas esperam se tornar livres e seguras - riqueza, prazer e virtude - agora está qualificado para ouvir a verdade do Vedanta de um professor competente sob cuja proteção ele se entrega.

### Verso 22

**Os professores serenos, virtuosos e iluminados que atravessaram o oceano do *samsara* são como a primavera, pois trazem vida nova aos investigadores, ajudando-os a conhecer a verdade de sua natureza sem esperar por resultados.**



AQUI, O ALUNO empenha a sua fé/confiança no conhecimento do professor. Ele conhece o professor como alguém que não é mais afligido pela ignorância e que, sem desejo de recompensa, ajuda a libertar os outros da ignorância.

O aluno compara o professor à primavera. Quando a primavera traz vida e cor de volta à terra estéril, o professor faz com que o broto do autoconhecimento cresça no terreno devastado pelo *samsara*.

Verso 23

**Uma vez aceito como estudante, um investigador qualificado pode relaxar à sombra da árvore da tradição do ensino, pois ele ou ela entende que o Vedanta é um meio válido e comprovado para alcançar a libertação.**



O ESTUDANTE DO Vedanta pode deixar de lado seus medos, pois encontrou o caminho para se libertar do *samsara*. Ele pode ter a certeza de que muitos seguiram esse caminho com sucesso e que o professor o guiará pelo caminho comprovado.

Mas o estudante deve entregar-se inteiramente ao ensino. Um compromisso parcial não terá resultado. O esforço correto requer que apliquemos as verdades do Vedanta em todas as áreas de nossas vidas. Não podemos compartimentar o ensino e torná-lo um passatempo ocasional e esperar que ele funcione. A busca pelo autoconhecimento deve ser total.

O professor mostrará ao aluno a sua verdadeira natureza, mas o aluno terá que seguir o curso prescrito de escuta, reflexão e contemplação. Escutar envolve deixar de lado todas as opiniões e o aprendizado anterior e dar atenção imparcial ao ensino. A reflexão, ou o esclarecimento de dúvidas, ocorre depois de termos escutado. Nesta fase, examinamos todas as possíveis objeções ao ensino, não aceitando nada até que estejamos firmemente convencidos de sua verdade. Mas mesmo depois de nos convenceremos, nossos hábitos mentais, a força inercial de nosso *karma*, oferecerão resistência. Essa resistência é superada contemplando a verdade de novo e de novo e aplicando-a às várias circunstâncias de nossas vidas até que esteja completamente integrada, até que substitua todos os nossos erros e preconceitos anteriores.

Verso 24

**O professor revela a causa do sofrimento que leva a muitos nascimentos e mortes e a escravidão no mundo causada pela ignorância da verdadeira natureza do investigador, e revela a solução como a discriminação entre o Eu e o não-Eu. A discriminação entre o real, o Eu/Ser pleno, e o aparentemente real, o não-Eu (Jiva), destrói a autoignorância e seus efeitos.**



A ESCRAVIDÃO É identificada pelo professor como a identificação com o não-Eu, e sua causa é atribuída à ignorância. Este ensinamento, no entanto, nos apresenta uma aparente contradição. Se o Ser, Consciência plena, é ilimitado, então abrange

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

tudo; caso contrário, seria limitado. Essa lógica nos leva à conclusão inevitável de que mesmo o não-Eu deve ser englobado pelo Eu.

A ignorância, então, não pode existir independentemente da Consciência; não pode limitar o que é ilimitado. Então, como podemos explicar a escravidão, que é limitação? A analogia da cobra e da corda pode nos ajudar a resolver essa aparente contradição. Não podemos negar que o viajante no crepúsculo vê o que parece ser uma cobra, nem podemos afirmar que a cobra é real. O viajante não precisa ser libertado da cobra, mas apenas da sua percepção equivocada. Ele não está vendo a corda pelo que realmente é. Seu conhecimento não é fiel ao objeto.

Quando percebemos objetos como existentes independentemente da Consciência, criamos um mundo de cobras, por assim dizer. A Consciência é a única realidade, portanto, se nosso conhecimento fosse fiel ao objeto, veríamos apenas a Consciência. Na verdade, não haveria objetos, nem cobras. Isso não quer dizer que a discriminação fará com que o mundo fenomenal desapareça ou mude sua aparência, apenas que será entendido como uma manifestação da Consciência.

O professor diz que distinguir o Eu do não-Eu não apenas destruirá os efeitos da ignorância, ou seja, a percepção da cobra, mas a própria raiz da ignorância, ou seja, o crepúsculo. Quando soubermos que a corda é uma corda, a partir de então a reconheceremos como tal: não perderemos esse conhecimento e voltaremos a vê-la como uma cobra sob qualquer condição.

Assim, a aparente contradição é resolvida: o não-Eu (*anatma*) é o Eu (*atma*) mal compreendido. A ignorância não é uma coisa existente separadamente, oposta ao autoconhecimento. Isso pode ser esclarecido substituindo o termo “Consciência” pelo Eu (Self/Ser pleno). Podemos enquadrar o significado do verso da seguinte maneira: a noção de algo que existe independentemente da Consciência só pode aparecer na Consciência. A noção de limitação existe apenas na Consciência ilimitada e se resolve na Consciência quando analisada apropriadamente.

O Vedanta é simples. Mas nem sempre é fácil aplicar-se à nossa situação, pois o conhecimento é impedido pela ignorância arraigada, cuja imensa complexidade deve desmoronar.

## O Que Há Para Ser Conhecido

### Verso 25

**O estudante quer saber o seguinte: (1) a natureza e a origem da escravidão, (2) como a escravidão é sustentada, (3) como a libertação é obtida, (4) a natureza do não-Eu, (5) a natureza do Eu e (6) como discriminar entre o Eu e o não-Eu.**



O ALUNO QUER o ensino inteiro. Ele está especialmente ansioso para saber como se discrimina entre o Eu e o não-Eu, que é a chave para a libertação - a joia suprema do Vedanta.

O estudante foi informado de que ele é livre, que ele é a Consciência ilimitada. Ele então pergunta: “Como eu me tornei prisioneiro?” Ele obviamente não aceitou a afirmação do professor e ainda identifica a Consciência com o corpo-mente individual. Ele sabe, no entanto, que há uma maneira de se libertar dessa identificação, e é isso que ele quer que seja ensinado. O professor garante que todas as suas perguntas serão respondidas.

### Verso 26

**Ouçã com atenção, pois a discriminação é ensinada em detalhes e aplicada com diligência em todos os momentos.**



O VEDANTA É prático, não teórico. Não é uma filosofia, mas um meio de conhecimento. Não nos é exigido dar consentimento intelectual a uma proposição, mas examinar criticamente o ensinamento por meio de nossa própria análise e experiência. Quando descobrimos que o ensinamento é sólido, espera-se que o usemos como princípio governante em nossas vidas. Os versos seguintes descrevem em detalhes o que é o não-Eu (*anatma*).

## O Que é o não-Eu?

### Verso 27

**O corpo físico nasce como resultado do *karma* de vidas anteriores. É o local da experiência para o indivíduo e é feito de matéria densa que evoluiu da divisão e recombinação de elementos sutis.**



O ESTUDANTE PERGUNTOU o que constitui o não-Eu. É importante ter em mente que a descrição neste e nos versos seguintes é dada em resposta a essa pergunta. O texto não está fornecendo um catálogo de objetos existentes independentemente que surjam de um ato de criação, mas sim detalhando objetos aparentes que, embora não separados da Consciência, são mal compreendidos. Esse mal-entendido compreende tudo o que é o não-Eu.

O verso começa com o corpo físico, que conforme dizem é o resultado do *karma*. O corpo foi formado por alguns de nossos atos passados, que também determinam o tempo e o lugar de seu nascimento, seus parentes e todas as circunstâncias que encontrará. Lembre-se de que a organização de *Isvara* é completamente impessoal e infalivelmente exata.

Podemos preferir um mundo em que somos absolvidos das consequências de nossas ações, um mundo compatível com nossos desejos e compreensível para nosso intelecto. Em outras palavras, um mundo projetado para nossa gratificação pessoal. E podemos pensar que uma injustiça é um castigo de Deus, do cosmos ou da sociedade, quando não conseguimos o que queremos. Mas reclamar da nossa sorte na vida é entender mal a ordem a que nossos corpos e mentes pertencem. A lei do *karma* assegura que tudo é perfeitamente distribuído neste mundo, não importa quão insatisfatório possa parecer para nós do ponto de vista do desejo pessoal.

O corpo é formado a partir de uma combinação dos cinco elementos densos, que derivaram dos elementos sutis de acordo com uma determinada fórmula. Mas tais detalhes não precisam nos preocupar. O ponto principal do verso é que todo o ambiente em que o corpo se encontra é perfeitamente adequado ao *karma* do indivíduo.

E o corpo é um objeto denso entre outros objetos densos. É percebido, assim como todos esses objetos, pelo corpo sutil, que é retomado no próximo verso.

### Verso 28

**O corpo sutil é composto de cinco órgãos da percepção, cinco órgãos de ação, cinco funções fisiológicas, cinco elementos sutis, começando com o espaço, etc., o ego, mente, intelecto, memória, ignorância, desejo e ação.**



NESTE PONTO, O texto lista os aspectos do não-Eu incluídos no corpo sutil, como sendo distintos do corpo físico. O corpo sutil será mais tarde submetido a uma análise mais detalhada, mas agora estamos empenhados em montar o catálogo, por assim dizer. É porque a ignorância assume que esses aspectos do corpo sutil são reais e precisam ser claramente delineados. Em última análise, a sua natureza ilusória será demonstrada. O corpo sutil não é, em qualquer momento, real. Lembre-se de que, embora o texto esteja agora lidando com o não-Eu, ele não recuou, nem qualificou sua afirmação de que apenas o Eu é real. Isso seria uma descrição da ignorância.

Antes que os cinco elementos se tornem densos e se manifestem como objetos físicos, incluindo o corpo, eles existem de forma sutil que não pode ser percebida pelos sentidos. Cada elemento sutil tem três qualidades: *sattva*, *rajas* e *tamas*. *Sattva* é luz e inteligência; *rajas* é desejo e atividade; *tamas* é escuridão e estabilidade.

Os cinco órgãos de ação surgem do aspecto *rajas* dos cinco elementos. Eles são: fala (espaço), mãos (ar), pernas (fogo), órgão sexual (água), ânus (terra). O aspecto *rajas* dos elementos sutis também dá origem aos sistemas fisiológicos governados pelos cinco *pranas*: respiração, digestão, assimilação, circulação e a expulsão do corpo sutil do corpo físico no momento da morte.

Do aspecto *sattva* dos cinco elementos, vêm os órgãos dos sentidos: audição (espaço), tato (ar), visão (fogo), paladar (água) e olfato (terra). Do aspecto total de *sattva*, integrando todos os elementos, vem o intelecto (*antahkarana*), que pode ser diferenciado pelos modos de pensamento (*vritti*). *Manas* significa dúvida, desejo, emoção; *buddhi* para decisão; *chitta* para memória; *ahamkara* para o ego.

Também são encontrados no corpo sutil a ignorância (*avidya*), o desejo (*kama*) e a ação (*karma*). Ignorância neste contexto refere-se à imposição de valores sobre objetos mencionados em versos anteriores: atribuímos Consciência, nossa verdadeira natureza, aos objetos que aparecem na Consciência. Isso leva a um desejo por esses objetos, e o desejo leva à ação, que perpetua o ciclo de *karma* que constitui a escravidão.

Verso 29

**O corpo sutil nasce dos elementos em seu estado sutil e contém as impressões das experiências anteriores (*vasanas*). É o experienciador dos resultados de ações boas e más, e é um *upadhi* sem princípio para o *jivatma*. O sonho é o seu estado natural. Ilumina os objetos dos sonhos sem a ajuda do corpo físico.**



NOSSAS EXPERIÊNCIAS PASSADAS dão forma ao corpo sutil, por assim dizer. É no corpo sutil que recebemos os frutos de nossas ações, "boas" e "ruins", que são termos relativos. Do ponto de vista do objetivo de se libertar da ignorância, o *karma* "ruim" é aquele que impede essa libertação. Do ponto de vista do objetivo de desfrutar dos prazeres físicos, o *karma* "ruim" é aquele que impede esse prazer.

Este verso introduz o termo "*upadhi*". Nossa compreensão do *upadhi* é indispensável se quisermos dar sentido a este texto em particular e ao Vedanta como um meio de conhecimento. Um *upadhi* é difícil de definir, pois não tem existência nítida, mesmo fenomenalmente. Pode ser melhor descrito como os atributos de uma coisa parecendo estar em outra coisa devido à sua proximidade. O exemplo habitual é o de uma rosa e um cristal. A vermelhidão da rosa parece ser um atributo do cristal quando a rosa é colocada perto do cristal. A vermelhidão no cristal é um *upadhi*. É mera aparência sem substância. Quando entendemos que o cristal só parece ser vermelho devido à sua proximidade com a rosa, o *upadhi* é negado, ou seja, não é mais considerado real. É assim que funciona a discriminação.

Ora, o corpo sutil é descrito neste verso como o *upadhi* do *Self* (Ser pleno). É aquilo que faz com que a Consciência pareça inerente a um corpo-mente individual. Mas é apenas a proximidade do corpo sutil com o Eu/Ser pleno, por assim dizer, que produz essa aparência.

Quando somos capazes de identificar o corpo sutil, em todas as suas manifestações, como o não-Eu, não podemos mais ser enganados pelo *upadhi*. É como se o que estivesse obscurecendo a rosa de nossa visão fosse removido e a vermelhidão do cristal (o corpo sutil) fosse revelada como mera aparência. Quando, através da discriminação, o *upadhi* do corpo sutil é identificado como o não-Eu, veremos então que somos ilimitados e da natureza da alegria e contentamento, como descrito no Verso 1. Assim, todo o objetivo do Vedanta é nos capacitar para realizar essa discriminação.

O corpo sutil se manifesta no estado de sonho. Ele aparece sem um corpo físico e produz todos os fenômenos do mundo dos sonhos por sua própria luz. Análises posteriores considerarão a natureza dos objetos do sonho em comparação

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

com os objetos do estado de vigília e demonstrarão que ambos são fenômenos mentais, isto é, manifestações do corpo sutil.

### Verso 30

**O corpo sutil é a ferramenta do indivíduo para realizar ações. O indivíduo, cuja natureza é a Consciência sem ação está livre do corpo sutil, mas se torna um ator aparente quando a Consciência ilumina o corpo sutil.**



É O CORPO sutil que habilita o indivíduo a agir e a desfrutar dos resultados das ações; mas em si mesmo o corpo sutil é inerte, como uma ferramenta é inerte. O *Self* (Ser pleno) anima o corpo sutil.

Quando o *Self* (Ser pleno) anima o corpo sutil, o indivíduo aparece. É esse indivíduo aparente que realiza ações. O *Self* (Ser pleno) não está envolvido nas ações, porque não é o corpo sutil. Lembre-se do significado de um *upadhi*. É a proximidade do corpo sutil com o *Self* (Ser pleno), por assim dizer, que faz com que ele pareça ser sensível. Então, nós identificamos o *Self* (Ser pleno) com o corpo sutil, atribuindo existência e conhecimento ilimitado àquilo que é apenas aparente, inerte e limitado.

A discriminação nega essa identificação e libera a Consciência dos vários aspectos do corpo sutil com os quais ela se confunde.

### Verso 31

**Um poder chamado *maya* reside na Consciência ilimitada. Não é manifesto e dá origem ao mundo. É ignorância sem começo e é da natureza dos três *gunas* (*sattva, rajas, tamas*) e está além de seus efeitos. Qualquer um com uma mente pura percebe os seus efeitos.**



AGORA O TEXTO nos leva do não-Eu percebido como o indivíduo para o não-Eu percebido como o mundo aparente. Estamos nos afastando da visão panorâmica de tudo o que é perceptível, por assim dizer.

Devemos ter em mente que nesta e em todas as discussões subsequentes de *maya*, estamos lidando com aquilo que não tem nenhuma existência em si mesmo.

Traduzido por Vedanta Brasil - Grupo de Estudo ([www.vedantabrasil.com](http://www.vedantabrasil.com))

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

*Maya* não é real. Se esquecermos disso, perderemos nossa discriminação e nos enredaremos em uma cosmologia que atribui existência independente a objetos que apenas parecem ser diferentes do *Self/Ser* pleno devido à ignorância.

*Maya* é uma explicação provisória, uma concessão à ignorância. O texto começa declarando, sem ressalva, que somos da natureza da ilimitação e da alegria-satisfação. Como somos ilimitados, nada existe fora de nós. Como podemos então explicar nossa percepção de diversos objetos que parecem existir fora de nós?

O Vedanta atribui essa percepção da diversidade à ignorância. Mas não permanece nisso, pois simplesmente saber que somos ignorantes não nos liberta da ignorância, não mais do que saber que estamos fisicamente doentes nos cura da doença. Assim como precisamos de um remédio para doenças, precisamos de um meio de conhecimento para remover a ignorância.

Quando chegamos a entender *maya* e seu funcionamento, nos libertamos da falsa identificação do Ser com objetos. Somente o indivíduo raro e altamente qualificado pode libertar-se da ignorância sem compreender *maya*. É como se estivéssemos perdidos em uma floresta; O Vedanta nos mostra o caminho de volta ao permitir refazermos nossos passos, e esse caminho de volta nos leva através de *maya* para a sua essência, o Eu.

*Maya* é uma explicação de como a ignorância manifesta o mundo aparente de diversos objetos. Como só existe o Eu, *maya* obviamente não pode ser independente da Consciência. Por isso, é descrito como um poder da Consciência e, como tal, sem começo. Também é imanifesto, como a Consciência é imanifesta, isto é, sem forma. Como, então, sabemos de sua existência?

O texto diz que *maya* pode ser inferida de seus efeitos, que são os diversos objetos acessíveis à nossa mente e aos nossos sentidos. Podemos identificar três qualidades nos objetos: conhecimento, atividade e inércia, que correspondem a *sattva*, *rajas* e *tamas*. Assim, podemos inferir a *maya* não-manifesta, como a causa dos objetos manifestados, possui essas qualidades e as distribui em tudo o que percebemos, incluindo nossas próprias mentes e corpos.

A função declarada do Vedanta é revelar o conhecimento da Consciência não-dual e ilimitada. No entanto, ao introduzir *maya*, o texto parece estar estabelecendo a dualidade. No verso seguinte, o texto oferece uma clarificação dessa aparente contradição.

Verso 32

**O poder de *maya* é uma grande maravilha e não pode ser racionalmente explicado, porque não é real nem inexistente, nem uma combinação dos dois. Não é separado nem não separado da Consciência, nem é constituído de partes.**



TENDO INTRODUZIDO *MAYA*, o texto agora lida com a impossibilidade de defini-la. Sentimos que entendemos uma coisa quando somos capazes de atribuir-lhe certos limites e atribuir um nome que denote esses limites. Mas como *maya* é um poder da Consciência e não uma entidade independentemente existente, ela deve ser entendida em sua relação com a Consciência. A dificuldade é que a Consciência é ilimitada e não tem relações, já que não há nada fora da Consciência com a qual ela possa se relacionar. Então, como o estado característico de *maya* pode ser definido?

Talvez a melhor abordagem para uma definição de *maya* possa ser encontrada recorrendo à analogia da cobra e da corda. O viajante no crepúsculo vê um rolo de corda na estrada e o confunde com uma cobra. Que tipo de estado ontológico pode ser atribuído à cobra? Nenhum. No entanto, o que pode ser chamado de existência subjetiva depende da ignorância do viajante. Assim, a ignorância é apenas a ausência de conhecimento. Portanto, a cobra é apenas a ausência do conhecimento da corda, assim como *maya* é a ausência do conhecimento do Eu.

Quando tentamos definir *maya*, estamos na mesma posição de quando tentamos definir a cobra. *Maya* não é Consciência, nem é não-Consciência, nem é algo intermediário, pois as duas categorias são mutuamente exclusivas, assim como a existência e a não-existência. Nós não podemos definir *maya*, pois é um equívoco, assim como não podemos definir uma cobra que é, na verdade, uma corda.

Há uma enorme implicação aqui. A qualidade indefinida de *maya* deve se estender a tudo o que é manifestado através de *maya*. Todos os objetos perceptíveis, apesar das definições que atribuímos a eles, realmente aparecem nesta terra crepuscular onde a cobra proverbial vive e não vive. Nós somos como o viajante; a Consciência é a corda; *maya* é a cobra. As palavras só podem nos levar até aqui.

Verso 33

**O não-manifesto aparece como os três *gunas* e é o corpo causal da Consciência. O sono profundo, o estado em que todas as atividades dos sentidos e da mente são resolvidas, é o seu estado mais sutil.**



*MAYA* É O *upadhi* da Consciência ilimitada, o *Self*. É conhecido por inferência como tendo a forma dos três *gunas*. Faz com que a Consciência se identifique com a manifestação desses *gunas*. É, portanto, chamado de corpo causal do *Self*.

*Maya* não é diretamente percebida pelos sentidos, mas é inferida a partir das suas projeções que ocorrem durante o estado de vigília e sonho, onde as relações sujeito-objeto ocorrem. No sono profundo, as relações sujeito-objeto cessam. O sono profundo é chamado de estado distinto do Eu (embora o Eu não tenha estados, que são experiências transitórias) porque a Consciência, sendo ilimitada e completa, não tem relações sujeito-objeto. Mas o sono profundo em si não traz o autoconhecimento. *Maya* permanece no sono profundo, mas não é manifestada. Os *gunas* estão em repouso, por assim dizer, mas presentes na forma de semente. Quando o indivíduo retorna ao estado de sonho ou de vigília, essas sementes germinam e o mundo fenomenal é novamente percebido; é o retorno das relações sujeito-objeto.

## O Que é o Eu Ilimitado?

### Verso 34

**Agora vou ensinar-lhe a natureza do Eu/Ser ilimitado, conhecendo quem é aquele que está livre da escravidão e percebendo a não-separação com tudo o que existe.**



CONFUNDIR O NÃO-EU (Eu aparente) com e o Eu real é a causa do nosso sofrimento. Discriminação é o caminho para acabar com essa confusão. O texto tem descrito o não-Eu para que o aluno possa reconhecer objetos que aparecem na Consciência como sendo distintos da Consciência. Mas o estudante também pediu para ser ensinado sobre a natureza do Eu real. O professor está prestes a oferecer essa instrução.

Ele começa dizendo que o Eu real é ilimitado. O Eu/Ser não ocupa um ponto particular no espaço, como os objetos físicos, nem surge e desaparece em pontos específicos no tempo, como os pensamentos e sentimentos. Se o Eu não tem localização ou duração, não é limitado pelo espaço e tempo. Quais outros limites existem? Nenhum.

O professor também diz que quando percebemos que o Eu é ilimitado, ganhamos unidade com tudo o que é (*Isvara*). Esta descrição é figurativa. Tudo o que pode ser ganho pode e será perdido, pois o ganho implica tempo: nós obtemos algo em algum ponto que não possuíamos antes. Se, por natureza, somos um com *Isvara*, isto é, por força do Eu ilimitado, essa unicidade não pode ser obtida. Então, o que o professor está dizendo?

*Isvara* é a manifestação total de tudo o que aparece na Consciência. O *jiva* se identifica como uma pequena parte dessa manifestação: como corpo e mente individual, limitados a um lugar e tempo específicos. Essa limitação é o que constitui o senso de escravidão, de ser pequeno, inadequado, incompleto e inseguro. Quando esta limitação é vista como irreal, ela desaparece. Não há, na realidade, nenhum *jiva* e nenhum *Isvara*, pois um depende do outro. A noção de individualidade não pode existir independentemente da noção de uma totalidade alienígena e vice-versa. O ego só existe em relação ao não-ego. Quando um se dissolve, ambos se dissolvem. É neste contexto que a unidade com *Isvara* é descrita como resultado da realização do Eu ilimitado. No entanto, não é como se duas coisas fossem unidas, mas sim que sua distinção é vista como irreal.

A palavra “ilimitado” precisa ser explicada, pois traz significados implícitos enganosos, como grandeza e poder. O Eu não é grande ou poderoso. Sem limite

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

significa que não é limitado ou modificado pelas experiências que ocorrem nele: alegria e tristeza, prazer e dor, as dualidades inerentes ao não-Eu. Sem-limites é outro termo para *moksa*, libertação, pois significa que - você - está livre da experiência.

### Verso 35

**Tudo o que percebemos através dos sentidos e da mente vem e vai em nossa Consciência. Mas nossa Consciência não vem e vai. Ela está presente “o tempo todo”, como diz o verso, o que significa que nunca se desvanece no passado nem nos aguarda no futuro; não é nem mesmo, verdadeiramente falando, no presente, que é definida em relação ao passado e ao futuro. A Consciência, o Eu/Ser pleno, é literalmente atemporal.**



OBJETOS QUE VÊM e vão são conhecidos pelo Self/Ser. Mas o Ser pleno, não sendo um objeto, nunca é conhecido. É isso o que o distingue. Ele nunca pode ser objetivado, pois se fosse esse o caso, algo além do Ser seria requerido para conhecê-lo. A Consciência exigiria outra Consciência, *ad infinitum*. Mas a Consciência, sendo ilimitada, não pode ser duplicada. É toda-abrangente e, portanto, é necessariamente única e autoexistente.

O verso distingue o Eu das cinco coberturas, ou *koshas*, que são vários tipos de experiência - aquelas do corpo, energia, mente e o fazedor e desfrutador de ações - que tendemos a confundir com o Eu. Todas essas chamadas coberturas são obviamente limitadas pelo espaço e pelo tempo, e não podem ser o Eu ilimitado, que as observa à medida que vêm e vão na Consciência.

Os três estados da experiência são a vigília, o sonho e o sono profundo. Por agora, deve ser evidente para nós que esses estados também vêm e vão e, portanto, não podem ser o Eu ilimitado. O pensamento “Eu” presente em todas as experiências e em todos os estados é o Eu ilimitado.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

### Verso 36

**Como o "Eu", a Consciência, conhece a presença e a ausência da mente e seus pensamentos nos estados experienciais de vigília, sonho e sono profundo.**



O EU É melhor definido como aquele que conhece todos os estados de experiência. É o Ser pleno, o Eu, que permanece inalterado como testemunha de todas as mudanças. Mas esta testemunha está presente quando a mente e seus pensamentos estão ausentes.

Neste momento, podemos entender uma testemunha em relação aos objetos. Mas quando não há objetos, como podemos falar de uma testemunha? Quando testemunhamos um evento, não surgimos simultaneamente com o evento. Nós existimos como Consciência antes, durante e depois do evento.

No estado de vigília, os sentidos percebem objetos externos em um mundo que não depende de nossa imaginação pessoal. No sonho, percebemos objetos dependentes da mente pessoal. Os objetos percebidos na vigília e no sonho podem ser considerados, respectivamente, impessoais e pessoais, ou objetivos e subjetivos. Mas a percepção em ambos os estados, apesar da natureza de seu objeto, é uma modificação da mente, um pensamento. O *Self* (Ser pleno), o Eu, testemunha esses pensamentos.

No sono profundo, não há objetos pessoais ou impessoais. Os pensamentos se resolvem na Consciência indiferenciada. Como nós sabemos disso? Lembramos disso no estado de vigília. Lembramos que dormimos profundamente e não sonhamos, isto é, a mente e seus pensamentos estavam ausentes. Mas a Consciência ainda estava presente, testemunhando a ausência de pensamentos. A partir disso, podemos concluir que nem os pensamentos nem a ausência de pensamentos são o Ser pleno, que permanece como a testemunha, mesmo quando a mente se dissolve.

### Verso 37

**A Consciência vê tudo por si, mas ninguém vê a Consciência. Ilumina a mente, mas a mente não a ilumina.**



A CONSCIÊNCIA, O Eu, distingue-se ainda dos objetos que aparecem na Consciência, o não-Eu, por enfatizar sua autonomia. Não precisamos de meios de

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

conhecimento para saber que existimos; nós precisamos de um meio de conhecimento para conhecer os objetos. Consciência é autoconhecimento.

Os objetos não podem ser percebidos sem a ajuda dos órgãos dos sentidos e da mente, que, por sua vez, dependem de outras ajudas externas, como a luz do sol ou outra fonte no caso de objetos visíveis. Objetos, então, não são autoevidentes. Eles se tornam conhecidos através da operação de um poder externo a eles. E os meios pelos quais os objetos são percebidos não são autoexistentes, pois os sentidos confiam na mente e a mente na Consciência. Assim, todos os meios de conhecimento dependem, em última instância, da Consciência, mas a Consciência não depende de nada.

A mente e os sentidos são componentes do corpo sutil, que é um *upadhi* do Ser: o corpo sutil só parece ser senciente devido à sua proximidade com a Consciência. Assim, tudo o que é percebido através dos sentidos e da mente torna-se perceptível apenas pelo poder da Consciência. Parece que a mente e os sentidos conhecem as coisas, mas também são insensíveis. O Eu é o único conhecedor.

E como o Eu é percebido? Ele não é. Nada existe fora da Consciência que possa iluminá-la como um objeto. Se fosse esse o caso, teria de haver outra Consciência para perceber a Consciência. O que separaria os dois? A Consciência é, por natureza, ilimitada e, como tal, única. Não pode haver duas Consciências, nem uma regressão infinita de Consciências. Nós simplesmente sabemos que somos. Conhecimento e existência são os mesmos.

### Verso 38

**A Consciência brilha como “Eu” nos três estados de experiência e testemunha a mente revelando os elementos sem forma (ar e espaço) e os elementos da forma (fogo, água, terra). Ela não muda.**



ESTAMOS CIENTES DAS mudanças que ocorrem quando passamos da vigília para o sonho e posteriormente para o sono profundo. Essa Consciência, que não muda, mas é a testemunha da mudança, é chamada neste verso de "Eu".

A mudança somente pode ser percebida contra um fundo imutável. Mudança é movimento. O movimento só pode ser medido em relação a algo que não se move. Aquilo que nos permite perceber a mudança, aquele que observa o movimento através dos estados sucessivos, deve ser algo que não muda ou se move: o “Eu” do verdadeiro *Self* (Ser pleno).

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Esse "Eu" não é o ego, com sua história de experiências e catálogo de gostos e aversões e várias identificações com objetos. Uma distinção é feita no Vedanta entre o ego e o "Eu"; o ego é chamado *ahamkara* e o Eu, *aham*. O primeiro é fenomenal; o segundo real. O ego é aquilo que realiza ações; o verdadeiro "Eu" é aquele que observa o ego e as ações que ele realiza. O ego está mudando; o "Eu", o *aham*, é imutável.

O *aham* é a testemunha. Mas é um tipo estranho de testemunha, pois torna todos os eventos testemunhados perceptíveis por sua própria luz. Sem a testemunha, não há eventos. Mas sem os eventos, a testemunha permanece, autoiluminada. Imagine uma lâmpada de rua em cuja luz muitas cenas acontecem no decorrer de uma noite. Sua luz permanece se a rua está vazia ou cheia de pessoas, se há barulho e alvoroço ou silêncio perfeito. É estacionária, imperturbável, sem ação, permanente, imutável. O poder e a pureza de sua luz não são afetados por aquilo que ela ilumina. Tal é o "Eu" do *Self* (Ser pleno).

## O Que é Escravidão?

### Verso 39

**O "Eu" no não-Eu erroneamente pensa que é uma pessoa, sente-se ligado aos objetos e sofre as aflições do nascimento e da morte. Assim como um bicho-da-seda se prende em um casulo, o indivíduo pensa que seu corpo em decomposição é real e, por ignorância, nutre, unge e o protege.**



A ESCRAVIDÃO É um pensamento. É pensar que o não-Eu é o Eu. O professor já descreveu o Eu como a Consciência ilimitada, então não há nada além do Eu. O não-Eu, então, não pode existir ao lado do Eu como uma realidade separada e independente. É apenas um mal-entendido do Eu: um pensamento na Consciência e, como tal, não separado da Consciência.

O verso anterior descreveu o *Self* (Ser pleno) como o “Eu” que testemunha os estados mutáveis de vigília, sonho e sono profundo. Neste verso, é informado que quando confundimos a testemunha com os objetos que ela testemunha, o resultado é a escravidão: as aflições do nascimento e da morte.

Como pode um pensamento errado nos levar a nascer ou morrer? Quando esse pensamento equivocado identifica o “Eu” como o corpo, o “Eu” assume todas as limitações do corpo que nasce, sofre e morre. Nós, como Consciência, não nascemos, mas o corpo, que aparece na Consciência, nasce. O “Eu” que testemunha o nascimento do corpo se esquece, por assim dizer, e acredita, ignorantemente, que se tornou o corpo.

A escravidão é melhor entendida como um caso de identidade equivocada, ou talvez mais precisamente, como um caso de amnésia. Nós nunca podemos ser diferentes do que somos, mas nos esquecemos do que somos. A amnésia é um dispositivo popular usado em muitos filmes e novelas. Sua popularidade se deve ao fato de que é ao mesmo tempo assustador e tentador imaginar que perdemos as marcas de nossa identidade.

Por um lado, a amnésia nos livra de todas as circunstâncias dolorosas que criamos em torno de nós mesmos, como o condenado bicho da seda citado neste verso. Isso nos liberta. Por outro lado, temos uma profunda necessidade de saber quem e o que somos e é assustador sermos privados desse conhecimento. Parece equivalente a ser privado da própria vida, pois a Consciência e a existência são inseparáveis. No nível fenomenal, há um conflito entre identidade e liberdade; mas esse conflito está arraigado em uma identidade falsa, ao assumir que somos o que não somos.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Quando nos esquecemos de que somos a Consciência ilimitada e nos identificamos com o corpo, acreditamos ser mortais; acreditamos que, eventualmente, seremos privados da vida. O terrível medo da morte nos apanha. Então nos apegamos a este corpo como se fosse a própria vida. Mas o corpo nada mais é do que uma composição dos elementos dos quais é formado e ao qual retornará. Não importa quão dedicados nós somos ao seu cuidado e nutrição, a decomposição inevitável do corpo já está em andamento e não pode ser interrompida.

O professor diz que confundir o corpo com o *Self* (Ser pleno) ocorre devido a um pensamento errôneo. Como todos os pensamentos vêm e vão, essa identidade equivocada - esse esquecimento da nossa natureza - não pode durar.

No enredo do filme ou novela, a amnésia do personagem é curada quando ele se lembra de suas marcas habituais de identidade: ele se lembra de seu nome, sua profissão, sua esposa e filhos, sua história pessoal e muitos outros detalhes. No Vedanta, a cura para a amnésia é bem o contrário: o estudante percebe que nenhuma das marcas habituais de identidade pode dizer quem ele é. Para conhecer sua verdadeira natureza, ele deve parar de se identificar com os objetos que aparecem em sua Consciência, principalmente com o corpo.

Assim, o professor está apenas tentando acelerar a cura inexorável da amnésia do aluno. Ele diz a ele: "Você não é o corpo", e segura o espelho do Eu, o verdadeiro rosto do aluno, e diz: "*Tat Tvam Asi*" ("Você é aquilo").

## Como a Escravidão Acontece?

### Verso 40

**O poder predominante de *maya*, *tamas*, oculta a Consciência que é sem início, radiante e não dual, como um eclipse oculta o sol.**



O ALUNO QUER saber como a escravidão surgiu. Qual é a causa exata para ele esquecer a sua verdadeira natureza e acreditar que ele é o não-Eu? O professor se refere novamente à misteriosa *maya*; em particular, aquela que lança uma sombra com o seu poderoso véu, por assim dizer, sobre a Consciência autoluminosa.

A comparação é feita entre *maya* e a sombra que parece ocultar o sol durante um eclipse. Uma sombra não é uma realidade independente; é antes, a ausência de luz. Não tem substância, mas tem o poder de obscurecer aquilo que é real.

E mesmo enquanto a sombra tem sua existência breve e fenomenal, o sol continua a brilhar. O Eu, da mesma forma, não é afetado pela sombra de *maya*, que parece ocultá-lo. O verso diz que esse poder ocultador de *maya* consiste principalmente de *tamas*, a qualidade mais densa da matéria.

*Maya* apresenta objetos para a Consciência que são, na realidade, meros reflexos da Consciência. Nem todos os objetos refletem a Consciência com a mesma clareza. *Tamas* é um refletor tão pobre que a Consciência não pode se reconhecer nele. Pense no sol brilhando no mundo: ele brilha na água, mas seu brilho é absorvido pela lama. *Tamas* é a lama.

É claro que, ao falar sobre *maya* e seus poderes, estamos usando palavras para descrever algo que é apenas aparentemente real e é apenas um fenômeno passageiro. Toda essa discussão sobre *tamas* oferece uma explicação que, após um exame mais minucioso, levanta a questão: dizer que *tamas* encobre o Eu como uma sombra que oculta o sol durante um eclipse é meramente uma maneira metafórica de dizer que de alguma forma, e misteriosamente, o Eu não reconhece o Eu.

*Maya* não pode ser explicada ou definida, pois não tem existência. No entanto, produz um efeito aparente: a ignorância do Eu. Pode aquilo que é irreal causar um efeito real? Obviamente não. Então essa ignorância, como *maya*, é *mithya*: é e não é, como a cobra na corda. Se tentarmos descrever e discutir a natureza da cobra, teremos dificuldades, pois não há cobra. O mesmo é verdade para *maya*. Mas assim como a cobra, embora irreal, produz um efeito: medo, então *maya*, embora irreal, produz um efeito: a ignorância do Eu. Mas se pensarmos em *maya* e

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

ignorância por qualquer período de tempo, os conceitos se dissolvem, pois eles não têm substância, e ficamos com a única coisa que é real: a Consciência. Portanto, se queremos ser livres da escravidão, precisamos pensar apenas em *maya* por algum tempo, e a sombra da ignorância passará.

Swami Dayananda frequentemente fala das aparentes manifestações de *maya* como “disponíveis para uso”. Elas não existem, nem são inexistentes. Elas têm o que pode ser melhor descrito como uma função provisória no plano fenomenal. Essa tortura de palavras é o acompanhamento inevitável de qualquer discussão extensa de *maya*, pois é impossível falar sobre aquilo que não tem substância. É como tentar capturar um nevoeiro ou perseguir uma sombra. Ou como tentar tirar o veneno da cobra projetada na corda.

### Verso 41

**A Consciência é livre de impurezas, mas quando é eclipsada pela ignorância, o indivíduo considera o corpo como sendo o Self/Ser. É então afligido com o forte poder de *rajas* e sujeito a desejos compulsivos, raiva, ódio, etc.**



DIZEM QUE HÁ um véu poderoso que oculta de nós o conhecimento de que somos a Consciência pura. No sono profundo, não reconhecemos objetos, mas também não conhecemos o Ser pleno. Apenas nos lembramos do sono profundo no estado de vigília. Lembramos que não sabíamos de nada. Isso só pode significar que estivemos de alguma forma presentes durante esse período de vazio, que depois estabelecemos por inferência no estado de vigília. Sabemos que o tempo, de alguma forma, foi interrompido e supomos a existência do sono profundo, lembrando o tempo anterior e o tempo após essa ocorrência. O tempo é medido pela sucessão de pensamentos. Sem pensamentos, sem tempo. O sono profundo deve ser a lembrança da experiência da atemporalidade, que é o mesmo que a falta de pensamentos, mas a Consciência permanece. Para onde iria a Consciência? Ela está sempre presente e igual, em todo lugar.

Mas voltamos a sonhar e acordar. O tempo é retomado. Para onde foi durante o sono profundo? De onde ressuscitou? E por quê?

O Vedanta atribui dois poderes a *maya*: ocultar (*avarana*) e projetar (*vikshepa*). Afirma que, durante o sono profundo, assim como no sonho e no despertar, o conhecimento do Eu está oculto de nós. É claro que surge a pergunta: Se somos o Eu, como podemos nunca saber disso? Parece incrível que isso possa ser verdade, mas está de acordo com a nossa experiência. É por isso que, se você perguntasse a alguém: "Você sabe que você é uma Consciência ilimitada e da natureza da

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

alegria-satisfação?", você provavelmente receberá uma resposta negativa, junto com um olhar que indica que sua sanidade pode estar sob revisão por esse alguém.

Nós nos definimos pelas coisas com as quais nos identificamos: corpo, mente, intelecto, ações e memórias. E como esses pontos de identificação estão sempre mudando, nossa identidade está sempre mudando, por isso temos uma série de identidades, dependendo de várias circunstâncias e mudanças.

É por isso que pensamos que somos os fenômenos que testemunhamos. O Vedanta diz que estamos errados ao supor que estamos ignorando o fato mais óbvio: a própria testemunha. Isto é o que não muda. Esta é a nossa única identidade permanente. No sono profundo, os objetos desaparecem e apenas a testemunha permanece. Mas *tamas* predomina no sono profundo, então a testemunha não se reconhece. O espelho está lá, mas a sala está escura.

Como chegamos a esquecer de que somos a testemunha é um mistério que só pode ser resolvido lembrando que somos a testemunha. Então, percebemos que nunca ignoramos nosso verdadeiro Eu. Mais uma vez, devemos recorrer à cobra e à corda: os fenômenos mutáveis que pensamos ser a cobra. Como a cobra veio a existir? Ela não existe. Para onde foi a corda quando a cobra apareceu? Lugar algum. A cobra nunca apareceu. A corda nunca desapareceu.

A cobra só aparece na imaginação quando não sabemos que é uma corda. A cobra é o poder de projeção, *vikshepa*. A falta de conhecimento da corda que faz a projeção da cobra possível é *avarana*. O primeiro não pode ocorrer sem o segundo. O texto às vezes dá a impressão de que *avarana* é a causa de *vikshepa*. Mas isso é como dizer que o espaço é a causa de objetos que aparecem no espaço. Os dois não podem ser separados. Projeção e ignorância são companheiros inseparáveis, tanto quanto objetos e espaço.

O verso diz que as projeções são dolorosas: elas nos afligem com desejo e raiva. A raiva é um desejo frustrado. Quando confundimos o Eu com o não-Eu - autoconscientização pelas coisas que aparecem na Consciência - também confundimos a localização de qualquer felicidade que experienciamos: pensamos que a felicidade está no objeto. Assim, buscamos objetos que achamos que nos darão prazer e fugimos de objetos que achamos que nos trarão dor. A vida então se torna uma série de acusações e recuos em uma batalha interminável que não podemos vencer, pois a felicidade não está nos objetos. É a nossa natureza. Vivenciamos nossa natureza na presença de objetos quando o desejo diminui, e então cometemos o erro fatal de confundir o Eu com o não-Eu. É por isso que estamos aqui. É por isso que estou escrevendo este texto e você está lendo. Estamos tentando esclarecer essa mesma confusão. Isso é o Vedanta.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

### Verso 42

**Esta escravidão surgiu apenas devido a esses dois poderes ilusórios (ocultar e projetar) pelos quais a pessoa se torna um andarilho ao considerar o corpo como sendo o Ser pleno.**



O ANDARILHO NÃO tem destino. Sua vida é uma das atrações superficiais, que o atraem aqui e ali na esperança de alcançar alguma satisfação. Quando a atração desvanece ou a satisfação falha, o desejo por algo novo, algo mais, algo diferente, o impele a seguir em frente e fazer a mesma coisa novamente, em circunstâncias aparentemente diferentes, que produzirão o mesmo resultado.

O verso nos diz que os dois poderes de *maya*, ocultar e projetar, perpetuam essa peregrinação fazendo com que a pessoa se identifique com o corpo. Não sabendo que somos a Consciência pura, pensamos que somos carne e osso. E então buscamos a felicidade duradoura através dos prazeres transitórios que o corpo é capaz de experimentar. Isso necessariamente nos leva a vagar, pois tais prazeres não duram e buscá-los exige que procuremos constantemente novos estímulos, dos quais o mundo fenomenal oferece uma variedade aparentemente infinita. Agora temos um mercado global massivo projetado para proporcionar prazeres corporais e gerar interesse em variações sempre novas para eles. Mas toda essa estrutura repousa na ignorância. Uma vez que sabemos que somos o Ser pleno, o mercado perde sua influência sobre nós. Nós já não projetamos a felicidade em objetos, então os objetos perdem a sua atração. Nós somos livres.

Mas saber que somos livres envolve entender como aparentemente nos tornamos aprisionados. O verso seguinte nos fornece uma elaborada metáfora sobre como a nossa escravidão se desenvolve.

### Verso 43

**A ignorância é a semente da árvore do *samsara*; o sentido de "Eu" no corpo físico é o broto; desejos múltiplos são a folhagem; ações são a seiva; o corpo é o tronco; os *pranas* são os ramos; os órgãos de ação e percepção são os galhos e os objetos dos sentidos são as flores; seus frutos são várias alegrias e tristezas nascidas de muitas ações que o indivíduo, como um pássaro sentado em um galho, come e desfruta.**



## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

*SAMSARA* É O mundo sujeito a mudanças, que é o mundo do tempo. Neste mundo, aquilo que não existia no começo e não existiria no final parece existir no meio. E os objetos de fato existem, mas não são reais, nem duradouros. Eles se tornam algo, então eles aparentemente se tornam nada, o que só pode significar que na verdade eles nunca foram, mas apenas pareciam ser, como uma miragem, que é um fenômeno visual produzido pela conjunção dos olhos e dos elementos e mal interpretado como uma substância. Nossos sentidos fornecem os dados corretamente; nossa mente os interpreta erroneamente.

*Samsara* é geralmente apresentado como uma roda que gira e gira para ilustrar sua monotonia repetitiva. Aqui, a imagem é de uma árvore, que permite uma descrição mais detalhada de como a ignorância se manifesta e opera.

A semente que contém em potencial todas as manifestações do *samsara* é a ignorância do Eu, ou *avarana*, esse poder que oculta nossa verdadeira natureza e nos faz identificar com objetos que aparecem na Consciência, principalmente com o corpo. Isso leva à busca de prazeres corporais, como discutido nos versos anteriores.

A Consciência encarnada, o *jiva*, é retratada como um pássaro que se empoleira na árvore, comendo seus frutos. Nós temos nossa boca preparada para a doçura da felicidade duradoura; o que temos é prazer e dor de curta duração, que deixa um gosto amargo. Todo o mecanismo do *samsara* descrito nesta elaborada metáfora tem como resultado desapontamento e desilusão. É literalmente difícil de engolir. Quando ficamos fartos, por assim dizer, começamos a procurar uma maneira de escapar da árvore e de sua dieta de frutos amargos.

## Como Conquistar a Libertação?

### Verso 44

**Para utilizar as escrituras adequadamente, deve-se estar comprometido com o próprio *dharma*. A purificação da mente resulta deste compromisso. O reconhecimento do Eu ocorre em uma mente pura e destrói a ignorância e seus efeitos.**



AS ESCRITURAS MENCIONADAS são as palavras do Vedanta que revelam a natureza do Ser pleno como Consciência pura. Tais palavras são os meios exclusivos de conhecimento para reconhecer o *Self*. Por que isso deveria ser assim? Porque os únicos outros meios de conhecimento à nossa disposição são a percepção sensorial e a inferência baseada na percepção sensorial.

Como o Eu não é um objeto, ele não pode ser conhecido pela percepção sensorial. O Eu é o sujeito que conhece. Por quais meios o sujeito pode ser conhecido? Não pode ser conhecido, no sentido usual do termo. As palavras do Vedanta que descrevem o *Self* são na maior parte negações, todas as quais são baseadas na noção de ilimitação.

Neste momento, tudo o que podemos reconhecer através dos sentidos são objetos individuais, isto é, coisas limitadas, cada uma separada e distinta da outra. Pensamentos e emoções, que são baseadas em percepções, também podem ser classificadas como objetos, todas com limites aparentes, se não no espaço, então no tempo. Assim, o Vedanta está nos dizendo que o Eu não é um objeto em nenhum sentido, mas também nos é dito que é possível conhecer o Ser pleno através de palavras, como o magnífico ditado: "Você é aquilo" (*Tat Tvam Asi*), o que significa que o que pensamos é nosso eu limitado ("você") é, na verdade, Consciência ilimitada ("aquilo").

Mas simplesmente repetir a frase para nós mesmos não nos ajudará a assimilar seu significado. Para isso, precisamos do conhecimento inteiro, o conhecimento integral do Vedanta, desdobrado para nós por um professor competente. Nós também temos que estar qualificados para recebermos o ensinamento. O verso anterior nos ofereceu a elaborada metáfora da árvore do *samsara*. O Vedanta é o meio de escapar da árvore. Ele liberta o pássaro, o *jiva*, libertando-o da ignorância que o faz se identificar com um corpo-mente individual.

O Vedanta é para a mente, não para o *Self/Ser*. O Eu não precisa de instrução. Mas a mente é um reflexo do Eu e está sujeita a uma grande confusão devido aos poderes de *maya* que ocultam o Ser pleno e depois o identificam erroneamente com

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

os objetos. Estar comprometido com os meios de conhecimento, o Vedanta, é estar comprometido com o nosso *dharma*, de acordo com o verso. O *dharma* é um conceito complexo. Essencialmente significa “aquilo que é universalmente correto”, mas neste verso significa fazer o que é natural para nós como indivíduos, à medida que somos confrontados com várias circunstâncias. Uma mãe que age como uma filha na presença de sua filha não está seguindo o seu *dharma*. Um indivíduo com um temperamento artístico que trabalha como açougueiro não está agindo em harmonia com o seu *svadharma*. *Dharma* e virtudes sociais podem coincidir, mas eles não são sinônimos, especialmente no caso do *dharma* individual, o que pode até mesmo nos levar a evitar o que geralmente são consideradas boas obras.

Em última análise, o que é certo é aquilo que nos libertará da ignorância do Ser pleno. Os caminhos que levam a essa libertação são variados; eles também podem ser longos e tortuosos e parecerem bastante estranhos e inadequados para o objetivo final. O *Dharma* encena um vasto drama com uma conspiração cósmica imensamente complicada. Mas se estamos comprometidos com o conhecimento do Ser pleno, como revelado pelo Vedanta, podemos ter certeza de que estamos seguindo o nosso *dharma*, pois o conhecimento do Ser pleno é o *dharma* final de todos. É a Roma para a qual todos os caminhos levam, por assim dizer.

Seguir nosso *dharma*, de acordo com o verso, purifica nossa mente. Purificação significa, essencialmente, deixar de identificar o Eu com os objetos que aparecem no Eu, começando com o corpo, depois procedendo aos pensamentos e emoções e aos muitos desejos que nos mantêm aninhados na árvore do *samsara*, comendo os frutos amargos e doces da ignorância. Isso só é possível quando um indivíduo não tenta ser algo que ele ou ela não é. *Svadharma* significa aceitar o condicionamento e os papéis que ele impõe. Não viver em harmonia com a natureza relativa de alguém cria conflitos e impede a discriminação.

Quando a mente está discriminando, não nos identificamos mais com objetos limitados, incluindo o nosso eu aparente. Então, vemos o que as palavras do Vedanta proclamam: que somos ilimitados e da natureza da alegria-satisfação. Esse conhecimento não é especulativo, mas existencial. Nós vivemos isso, não como uma experiência no tempo, mas como nossa identidade permanente.

## Como Discriminar o Eu do Não-Eu?

### Verso 45

**É livre aquele que separa “aquilo” que é sem associação e ação, “aquilo” que é o mais íntimo Eu, o sujeito único e independente de todos os objetos, como o revestimento externo é separado da grama “munja”. Ele é livre, quem resolve tudo no Ser pleno e permanece, como aquele mesmo Ser pleno em seu conhecimento.**



COM ESTE VERSO, o professor começa a desdobrar a principal prática do Vedanta: a discriminação. Muito foi dito até agora para distinguir a natureza do Eu do não-Eu. O estudante agora é informado de que esse conhecimento tem que ser colocado em prática incessantemente para que a escravidão seja superada.

Nós temos o hábito de nos identificarmos com nossos pensamentos, que são vários e estão sempre mudando. Essa identificação é a fonte de nossa infelicidade, de nossa busca. E é essa infelicidade que nos trouxe ao Vedanta, ao professor.

Agora somos informados de que este hábito de identificação com pensamentos deve ser desaprendido. Isso não será fácil, como a comparação da grama *munja* deixa claro. Essa grama tem um caule interno tenro, mas é revestida por uma cobertura externa que só pode ser descascada com grande cuidado e atenção, para não cortarmos os dedos em suas bordas afiadas.

O Eu/Ser, a Consciência, deve ser constantemente diferenciado dos objetos que aparecem na Consciência. Os objetos, como o revestimento externo da grama *munja*, se apegam à Consciência e resistem a ser removidos. Devemos estar comprometidos com um processo lento e estável, se quisermos ter sucesso. A impaciência ou desatenção só resultará em dedos dilacerados, isto é, a incapacidade de separar o Ser do não-Ser (Ser aparente).

O verso também enfatiza dois fatos de grande significado: o Ser pleno é sem ação, e os objetos devem ser resolvidos não apenas no Ser pleno, mas como o Ser pleno.

A frustração inicial que alguns de nós experienciamos quando chegamos ao Vedanta surge da nossa tendência em direção a uma espiritualidade muscular: queremos um programa, uma lista de tarefas: levantar ao amanhecer, fazer 30 minutos de *hatha* yoga, meditar por uma hora, etc. É difícil aceitar que já somos o Eu/Ser, a Consciência e não há nada que possamos fazer para nos tornarmos aquilo que já somos. Nós simplesmente temos que esclarecer nossa confusão. Mas

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

essa confusão tem tremendo poder de permanência e força inercial. Ela floresce na ação, que é o *karma*. E é o *karma* que mantém a roda do *samsara* girando. É o *karma* que rega a árvore do *samsara* e produz seu fruto amargo. Então, a primeira coisa que temos que entender é que a ação não é a resposta. A discriminação é.

Também temos que resistir à tendência de tornar a Consciência um objeto entre outros objetos. Para evitar isso, o verso nos diz que não precisamos apenas resolver todos os objetos na Consciência, mas como Consciência. O ego quer transformar o Ser pleno em um objeto, um pensamento. Pode prontamente adotar um programa de resolução de objetos, desde que consiga resolver a Consciência no ego, que é o grande objeto, o superobjeto. Geralmente, é o que a pessoa que proclama “Eu sou iluminado” tem feito.

Nós nunca podemos nos tornar iluminados. Nós nunca podemos nos tornar nada. Somos o que somos, sempre e para sempre, e isso é a Consciência sem ação. Para perceber isso, primeiro somos aconselhados a separar os objetos da Consciência e, depois, a resolver esses objetos na/como Consciência. O significado desta resolução pode não ser tão claro, na verdade, pode parecer contraditório.

Se os objetos devem ser separados da Consciência, como eles podem ser resolvidos na Consciência? Essa resolução não exigiria que a separação realizada pela discriminação fosse revertida? Por que deveríamos tão assiduamente distinguir o Eu do não-Eu apenas para fundir os dois novamente? Por que não deixar as coisas como elas são? Porque precisamos esclarecer a confusão de que somos objetos e que os objetos existem independentemente da Consciência. Resolver objetos é simples, mas não é fácil. Não há objetos separados dos pensamentos dos objetos; eles são conhecidos e experienciados na Consciência quando aparecem na mente. A mente não pode conhecer um objeto a menos que seja iluminada pela Consciência, o Ser/Eu pleno. Não há separação entre o pensamento do objeto e a Consciência em que ele aparece. Portanto, se o objeto é realmente o pensamento do objeto, o objeto não é nada além da Consciência. E Eu sou a Consciência. Portanto, os objetos são Eu (*Ser*). A resolução ou fusão ocorre dessa forma.

Resolver objetos não é fácil, por causa da tendência profundamente arraigada de tomar a percepção como realidade. Como esta análise indica, existem apenas objetos aparentes, o que é contrário às nossas noções mais fundamentais de objetos, isto é, que eles são reais e estão longe e separados de nós. De fato, a própria noção de testemunha dos objetos é uma concessão à ignorância, um modo de falar que nos ajuda a superar o hábito de ver a dualidade. Uma vez que percebemos que somos a testemunha, o próximo passo é perceber que não há nada para testemunhar, nenhuma realidade separada para observar. Se houvesse, a dualidade seria verdadeira e a não-dualidade uma ficção. Este verso nos diz que através da discriminação podemos finalmente perceber, não a distinção de sujeito e objeto, mas o fato de que há apenas a Consciência, olhando para a Consciência, como Consciência.

Verso 46

**O corpo físico é feito de comida, sustentado por comida e morre sem comida. Aparentemente cobre a Consciência. Esta bolsa de pele, ossos e resíduos nunca pode ser o puro Ser pleno.**



O PROFESSOR COMEÇA a aplicar a discriminação, o primeiro dos cinco *sheaths* (invólucros) que confundimos com o Eu, o corpo físico. A primeira coisa que devemos esclarecer é a composição do corpo: em uma palavra que é, comida.

Comemos coisas e essas coisas tornam-se os vários componentes do corpo através dos processos de digestão e assimilação. Se não comermos, o corpo morre. Muito do que comemos, nós eliminamos: de um lado e do outro. Como essas coisas podem ser confundidas com a Consciência?

A comida é obviamente inerte. Não tem Consciência e, portanto, não pode transmitir Consciência alguma. No entanto, nós teimosamente acreditamos que a nossa Consciência reside no corpo. Talvez seja a ilusão mais difícil de superar. Nós podemos ver o absurdo de nossa suposição, mas não podemos, muito rapidamente, nos livrarmos dessa suposição. Está em nossos ossos, por assim dizer.

A prática da discriminação deve começar com a análise do corpo, o mais denso dos invólucros (*sheaths*) que confundimos com o Eu, a Consciência. E tal análise deve ser repetida até que a ilusão corporal diminua e desapareça. Essa ilusão é tão enraizada e possui uma resiliência tão grande que, às vezes, podemos duvidar se teremos sucesso em nos livrarmos dela.

Alguns de nós podem ser tentados a adotar práticas ascéticas que fazem parte da maioria das tradições religiosas. Em vez de análise e discriminação, podemos achar mais imediatamente satisfatório começar um regime de negação de prazeres corporais; tal negação pode até mesmo se estender à sensata atenção às necessidades corporais. Essa abordagem nos oferece o que parece ser um progresso quantificável, mas na verdade tende a reforçar a identificação com o corpo, tornando-o foco de nossa prática. O ascetismo religioso geralmente tenta libertar o espírito do corpo físico. O corpo sutil é geralmente concebido como sendo o espírito. Acredita-se que o jejum, a abstinência sexual e até mesmo a imposição de dor forçará os desejos do corpo a uma submissão final a pensamentos mais nobres. O ascetismo levou a muitos experimentos grotescos, mas nunca livrou ninguém da autoignorância.

Se não somos comida, então manipular as modificações dos alimentos que formam o corpo obviamente não tem nada a ver com o Ser. O ascetismo é um programa orientado para a ação, atraente para o ego energético, mas é

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

simplesmente irrelevante para qualquer tentativa inteligente de reconhecer o Ser pleno.

É verdade que a satisfação densa do prazer do corpo físico torna impossível a autoinvestigação, pois aumenta nossa tendência de esquecer nossa natureza e a nos identificar erroneamente com os objetos. Assim, um compromisso com o Vedanta envolve necessariamente uma diminuição de tal satisfação, que é realizada não pela força de vontade, mas pela compreensão. É a luz da discriminação, não o chicote da disciplina, que nos libertará do apego ao corpo físico.

### Verso 47

**O corpo físico é um objeto de percepção, uma montagem inerte. Não existe antes do nascimento e depois da morte. Ele ganha novos atributos a cada momento, tornando sua natureza incerta. Como o corpo pode ser o Ser, aquilo que está ciente das suas próprias modificações?**



O VERSO ANTERIOR examinou a natureza do corpo como alimento; este verso considera o corpo em relação ao tempo. O corpo é um fenômeno passageiro; não tem permanência.

Este é um pensamento terrível para nós quando nos identificamos com o corpo: é o pensamento da morte. E a morte do corpo, sabemos, é certa de ocorrer; isso pode acontecer a qualquer momento, de várias formas inesperadas. A única maneira de escaparmos do medo da morte é perceber que não somos o corpo. Nós nunca nascemos; nós nunca morremos. Isso é difícil de aceitar. Isso contradiz a noção habitual de que somos pacotes individuais de carne e osso, aguardando nossa inevitável extinção. E, por mais terrível que possa ser este último pensamento, é tão antigo e familiar que dificilmente podemos imaginar que possa não ser verdade. Somente uma implacável aplicação da discriminação pode nos livrar do hábito de identificação com o corpo, que se agarra a nós como a casca da grama *munja*.

Falar do corpo requer que ignoremos o fato de que o próprio termo “corpo” não denota nenhuma entidade única e coerente; é a forma verbal de várias coisas que ficam juntas por um breve período, tomando forma em combinações que mudam constantemente, depois se separam, não deixando vestígios. Não há realmente nenhum “corpo” para se falar, mas apenas esse agrupamento temporário de elementos que vemos ir e vir.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Quando nos identificamos com o que é visto, pensamos que somos essa entidade imaginada que chamamos de corpo. Mas nós não somos mais o corpo do que nós somos os outros objetos que nossos sentidos experienciam, todos os quais são inertes, isto é, sem vida, em si mesmos.

Nós somos aquilo que conhece o corpo. Somos testemunhas de todas essas modificações de alimentos que duram pouco tempo. A testemunha está lá antes que o corpo nasça; está lá enquanto o corpo dura; permanece depois que o corpo morre. Não é temporal e mortal. É o que somos: Consciência pura, imutável, sem ação e sempre presente.

### Verso 48

**O *prana*, dotado dos cinco órgãos de ação, permeia o corpo físico e é chamado de *pranamaya kosha* porque aparentemente oculta o Ser pleno, a Consciência ilimitada.**



O CORPO É um conjunto de elementos feitos de comida; como tal, é inerte, sem vida. Então, como explicamos suas atividades? Pelo que é chamado *prana*, às vezes traduzido como “a força vital” ou “a respiração”.

Quando a respiração deixa o corpo, ele morre e os elementos começam a se decompor. É a respiração que faz o corpo parecer viver e se mover. É responsável por atividades involuntárias, como respiração, digestão, assimilação e por ações voluntárias, como caminhar, pegar coisas, etc.

*Prana* é mais sutil que os elementos densos que constituem o corpo, mas ainda é matéria. Os elementos densos são predominantemente *tamas*: o *prana* é predominantemente *rajas*. Lembre-se de que *tamas* está inativo e *rajas* está ativo. Sem *rajas*, nada se move; sem *tamas*, não há nada para ser movido. *Samsara*, o mundo das aparências em mudança, é *tamas* mantido em constante movimento por *rajas*. O verso anterior dizia que o corpo está sempre mudando. Esta transformação física incessante ocorre devido ao *prana-rajas*. Quando o *prana* deixa o corpo, ele se torna novamente inerte, que é seu estado intrínseco como um conjunto de elementos.

*Prana* é às vezes chamado de *atma/self*, o Eu, do corpo, na medida em que dá ao corpo vida aparente. Mas qual é o *atma/self*, o Eu do *prana*? O verso seguinte explicará porque o *prana* não pode ser o Eu/Ser, Consciência pura.

Verso 49

**O invólucro (*sheath*) *prana* não pode ser o Eu/Ser, pois é uma modificação do elemento ar. Ele entra e sai do corpo, não é senciente e é sempre dependente.**



PESSOAS EM TODAS as culturas identificam a respiração com a vida. A Bíblia postula um Criador extracósmico que molda um pedaço de terra na forma de um homem e dá um sopro de vida a essa forma. Então, o sopro da vida é igualado ao sopro de Deus. Tal noção transmite uma qualidade criativa divina ao ar. É o ar que supostamente dá vida, sustenta a vida e retira a vida.

É compreensível que uma mística tenha se formado em torno das propriedades do ar. Na cultura védica, a respiração é chamada de *prana* e muita atenção tem sido dedicada à relação entre a respiração e a mente. Há muito se sabe que quando respiramos devagar, temos menos pensamentos; menos pensamentos conduzem a uma mente mais calma, o que é mais prazeroso do que uma mente agitada. Os iogues descobriram que é possível retardar a respiração até um ponto em que os pensamentos parecem cessar completamente: esse estado é chamado de *samadhi*. É muito prazeroso, mas não dura.

*Samadhi* pode ser confundido com o autoconhecimento. Mas o Eu/Ser é ilimitado; e não depende de nada. *Samadhi* depende das circunstâncias. Portanto, é limitado por essas circunstâncias. E a mera cessação do pensamento não é o autoconhecimento. Nós experienciamos a ausência de pensamentos toda vez que entramos no estado de sono profundo, mas não emergimos do sono profundo com um firme conhecimento do Ser pleno. Assim, a manipulação da respiração através da ciência do controle da respiração, chamada *pranayama*, pode produzir um estado temporário de falta de pensamentos, mas não pode nos estabelecer como Consciência imutável.

O verso explica o que deve, a esta altura, ser óbvio: que o *prana* não pode ser o Eu, porque vem e vai; aquilo que é ilimitado não vem e vai. *Prana* é uma modificação do ar e o ar é inanimado. A respiração não sabe de nada. Não pode discriminar o Eu do não-Eu; não tem poder de determinação; não pode sequer controlar o seu próprio afluxo e fluxo e os processos corporais que dependem dela e dos quais ela depende. É um programa sem autoconsciência.

Assim, o professor demonstrou que os invólucros (*sheaths*) de comida (o corpo) e do ar (o *prana*) claramente não são a Consciência ilimitada. Ele agora passa a analisar as manifestações cada vez mais sutis de *maya* que também são confundidas com o Eu/Ser.

### Verso 50

**Os órgãos da percepção e da mente compõem o *manomaya kosha*. Ele permeia o *pranamaya kosha* e é muito poderoso porque projeta a aparente dualidade de "Eu" e "meu". Ele pode diferenciar nomes e atributos.**



ESTE VERSO INTRODUZ a mente, um termo que não é fácil nem universalmente definido. No ocidente, a mente é geralmente retratada como uma entidade estável, algo na ordem de um recipiente para pensamentos, sentimentos e memórias. Mas a mente não é mais estável do que as noções que incessantemente vêm e vão nela. Na verdade, a mente nada mais é do que essas noções.

Falar da mente, então, é falar de algo que não existe, exceto como uma série de pensamentos. Os pensamentos, incluindo os mais abstratos, surgem das percepções dos sentidos. Um conjunto de percepções forma um objeto e damos um nome ao objeto. A mente é então uma função de atribuir nomes às formas feitas de percepções sensoriais.

A estabilidade convencionalmente atribuída à mente é realmente a Consciência imutável identificada erroneamente com os pensamentos. Quando essa má identificação acontece, o que chamamos de mente se torna um *kosha*, isto é, um invólucro (*sheath*) que oculta a nossa verdadeira natureza.

Os pensamentos são feitos da mais sutil manifestação da matéria chamada *sattva*. A Consciência é refletida mais claramente em *sattva*, que é a luz da inteligibilidade, do que em *tamas*, que predomina na matéria inerte, ou seja, o corpo; ou em *rajas*, que estimula a atividade corporal através da circulação do *prana*.

Na medida em que o Eu é suscetível de descrição, os termos existência, Consciência e ilimitado são geralmente aplicados a ele. Não há distinção entre existência e Consciência: sei que sou e sou o que sei. Quando a Consciência é refletida em *sattva*, sabemos que somos, mas não sabemos o que somos. A natureza ilimitada da existência/Consciência é identificada com pensamentos. Nós temos o senso do "Eu", mas tentamos limitá-lo nos objetos em constante mudança que acreditamos nos definir.

Nossos pensamentos dividem os objetos naqueles que pensamos que somos e naqueles que pensamos que não somos. Pensamos que somos o corpo e certos outros pensamentos selecionados, e esses objetos nós separamos do resto de nossas percepções, que chamamos de mundo. Então vivemos como indivíduos no meio de inúmeros objetos alienígenas. Chegamos a nos sentir insignificantes, uma partícula de matéria em um vasto cosmos para o qual nossa extinção será indiferente. É um pensamento doloroso e assustador. Tentamos compensar com o

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

contrapensamento que somos de fato alguém, que somos importantes, que não desapareceremos com a morte do corpo.

Mas nossa incerteza permanece. Enquanto tentamos nos estabelecer no pensamento, estamos em terreno movediço. No entanto, como o verso nos diz, os pensamentos são muito poderosos. Eles parecem reais. É difícil não acreditar neles. No entanto, os pensamentos são tão variados e mutáveis e contraditórios que chegamos a duvidar deles. “O mundo é como eu concebo? Eu sou quem eu penso que sou?” Somos assombrados por tais dúvidas, que tentamos banir de muitas maneiras: através da religião dogmática ou do ateísmo igualmente dogmático; por indiferença fingida ou desesperada procura de prazer; mesmo através da aceitação do desespero. Os pensamentos são alistados para a batalha de pensamentos.

Muitos de nós sofrem o que é chamado de crise de identidade: quem ou o que quer que pensemos ser muda constantemente, como deve ser quando nos identificamos com a mudança de pensamentos. A receita habitual para tal crise é tentar descobrir um núcleo de personalidade estável em que possamos descansar confortavelmente. Isso é muito parecido com a tentativa de construir um castelo de areia na beira da praia: a incessante maré de pensamentos irá lavar toda e qualquer identidade que tentarmos manter. Assim, enquanto nos identificarmos com nossos pensamentos, sofreremos de insegurança.

Vidas podem ser perdidas em uma busca fútil pela autoidentificação através da personalidade. No entanto, todos nós queremos saber quem somos e não podemos descansar até sabermos. Este texto começou com uma definição clara de quem somos: ilimitados e alegres-satisfeitos. Agora está removendo, um por um, os equívocos sobre quem somos. Os *sheaths* (invólucros) nada mais são do que uma série de equívocos cada vez mais sutis. Quando esses equívocos forem finalmente dissipados, nossa crise de identidade acabará. Nós conheceremos finalmente, e para sempre, a nossa verdadeira natureza, na qual sempre nos apoiamos.

### Verso 51

**O *manomaya kosha* não é o Eu/Ser, porque muda, começa e acaba, é triste por natureza e é um objeto de percepção. A Consciência nunca aparece como um objeto conhecido.**



NÃO APENAS TENDEMOS a nos identificar erroneamente com nossos pensamentos, mas também temos a ilusão de que podemos controlá-los. Mas os pensamentos são rápidos, em constante mutação e bastante rudes: eles vêm sem convite, permanecem o tempo que lhes apetecer e partem sem aviso prévio. O Eu

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

imutável não pode ser feito de pensamentos, que são as criaturas selvagens de um momento.

E esse momento geralmente não é feliz. O verso diz que esta camada de pensamentos é de natureza triste. Ansiamos pela segurança de uma paz duradoura; os pensamentos nos submetem à insegurança da mudança constante. Nós só conhecemos a alegria-satisfação quando os pensamentos cessam, como acontece no sono profundo, ou sempre tão brevemente no intervalo em que um pensamento termina e outro ainda não começou.

Os pensamentos também são objetos de percepção. Não podemos ser aquilo que percebemos, porque somos o percebedor. A afirmação foi feita - e será feita novamente, quando necessário - que quem vê não pode ser o que é visto; o sujeito não pode se tornar o objeto sem outro sujeito para percebê-lo, *ad infinitum*. Para reverter a uma analogia usada anteriormente, aquele que vê e que tenta se ver é como alguém tentando tirar os olhos dele mesmo para dar uma olhada melhor neles. Isso não pode ser feito. Os pensamentos, então, que são percebidos, não podem ser o Eu, que é o percebedor.

### Verso 52

**O intelecto com suas modificações de pensamento e os órgãos da percepção são *vijnanamaya kosha*. Ele causa o *samsara* e o sentimento de fazedor.**



O TEXTO DIVIDE o instrumento interior nos invólucros (*sheaths*) mentais e intelectuais, a diferença é que um funciona como criador de dúvidas, e o outro solucionador de dúvidas; a mente cria e o intelecto soluciona.

Os órgãos dos sentidos apresentam à mente o que parece ser um objeto; esse objeto é então referido ao intelecto, onde um curso de ação ou inação é prescrito, baseado em nossa experiência passada de objetos que acreditamos ter nos dado prazer ou dor. Sob a direção do intelecto, corremos em direção a objetos ou nos afastamos e somos apanhados na teia da antecipação, em que desejamos certos resultados e tememos outros.

O intelecto se identifica como o fazedor. Dirige os órgãos de ação. O intelecto, então, é o gerador de *karma*. Enquanto seus ditames forem seguidos, permaneceremos na árvore do *samsara*, comendo os frutos doces e amargos de nossas ações.

Verso 53

**O *vijnanamaya kosha* ilumina os objetos, pois reflete a Consciência. É uma forma modificada de ignorância que funciona como um órgão de conhecimento e ação, e pensa que o corpo e os órgãos dos sentidos são o “Eu”.**



O INVÓLUCRO (*SHEATH*) intelectual é um impostor. Ele assume a identidade do Eu de uma maneira tão convincente que geralmente não temos a menor dúvida de que somos a pessoa manifestada nos pensamentos e ações. Seu principal pensamento é: "Eu sou este corpo". Deste ponto de vista, ele passa então a avaliar os dados fornecidos pelos órgãos dos sentidos e a determinar um curso de ação.

O *sheath* (invólucro) do intelecto é o que é geralmente entendido na psicologia ocidental como o ego, o senso do "Eu". Qualquer pensamento sobre quem somos contém um sujeito e um predicado: o "Eu" mais um atributo, por exemplo, "Eu sou magro", "Eu sou inteligente", "Eu quero isso", "Eu não quero aquilo", etc. Os atributos variam, mas o "Eu" nunca varia. Esse é um fato óbvio que universalmente não é notado. Em vez de perceber que somos o “Eu”, achamos que somos os atributos que estão sempre mudando. O *sheath* (invólucro) intelectual nos permite cometer esse erro, pois reflete a Consciência e passamos a acreditar na reflexão como real. É como se fôssemos confundir o rosto no espelho com o nosso rosto real.

Mas o verso nos diz que esse invólucro (*sheath*) é uma modificação da ignorância. É inerte: não tem vida em si, mas só aparece animado à luz da Consciência. No entanto, quando a Consciência brilha no intelecto, pensamos que o intelecto brilha pela sua própria luz. O “Eu” que é a Consciência não-dual parece se tornar o “Eu” que pensa e age no mundo da dualidade.

O método do Vedanta é a discriminação entre o Eu e o não-Eu. Essa discriminação só pode ocorrer no intelecto, pois é aí que o não-Eu faz suas falsas afirmações. O intelecto não pode descobrir o Ser pleno, pois depende do Ser pleno para sua própria aparência, assim como o rosto no espelho depende da face real que ele reflete. Nos próximos dois versos é descrita como essa confusão entre Consciência e reflexo da Consciência acontece.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

### Versos 54, 55

**A natureza do *vijnanamaya kosha* não pode ser determinada, pois é uma modificação da ignorância. É o local do senso do “Eu” e é o indivíduo, aquele que pensa que age. Como as impressões das ações anteriores estão arraigadas, ele realiza boas e más ações e desfruta os resultados. Move-se através de reinos mais elevados e mais baixos. Daí vêm a alegria, a tristeza e os três estados de experiência.**



O INTELECTO É o ego. É a fonte de todos os nossos problemas, pois nos convence de que somos o corpo e nos leva a realizar ações na esperança de agradar o corpo. A miséria do mundo surge dessa falsa identificação, que poucos reconhecem. O Vedanta existe apenas para remover essa falsa identificação. É um meio de conhecimento que opera no intelecto/ego.

Nós nos identificamos com o corpo quando ignoramos o fato de que somos a Consciência pura. O intelecto mantém essa ignorância e é considerada sem começo. Por quê? Porque a ignorância é irreal. Não tem existência positiva, mas sim a ausência de conhecimento. Digamos, por exemplo, que eu não tenha conhecimento de cálculo integral. Quando minha ignorância de cálculo começou? Nunca começou, pois não é algo em si, mas uma simples falta de algo. É como o espaço em que não há objeto. Quando o não-objeto apareceu primeiro no espaço? Isso nunca aconteceu, pois nunca foi e nunca será.

Por que é importante reconhecermos a ignorância como sem começo? Assim, podemos distinguir o real do irreal, o intelecto do Eu. Deve ser lembrado que as descrições dos vários invólucros (*sheaths*) não são detalhes fornecidos sobre objetos ou condições reais. Elas são um mapa de *maya*, muito parecido com o mapa da “Terra do Nunca” de Peter Pan. Mas enquanto estivermos sonhando com a Terra do Nunca, é útil ter um mapa. Enquanto estivermos trabalhando sob a ilusão de que somos o corpo, é útil saber como chegamos a uma noção tão falsa e como podemos escapar dela.

O intelecto é a cadeia que nos liga à falsa identificação; é também a chave que pode abrir a cadeia. O verso nos diz que o intelecto é o *jiva*, o indivíduo. Um indivíduo é diferenciado de outros indivíduos pelo caráter do seu corpo-mente em particular. O intelecto é o repositório dessas características, que se expressam em ações - *karmas* - tanto boas quanto más, com boas ações sendo aquelas que removem a ignorância e as más ações aquelas que as fomentam.

Embora o intelecto identifique o Ser pleno com o corpo, somos informados de que isso acontece não apenas com um corpo, mas com muitos corpos ao longo de muitas vidas. Essa subida e descida do intelecto portador de *karma* pode ser entendida em dois níveis: um se refere à reencarnação, que não precisamos

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

considerar; outra mais importante refere-se à maneira como o intelecto se move de pensamentos nobres de autoafirmação para pensamentos sombrios e autodestrutivos.

As experiências de vigília, sonho e sono profundo existem para o intelecto, pois esses estados manifestam os *karmas* que trazem o *jiva* para o mundo das aparências, onde ele desfruta e sofre.

O *sheath* (invólucro) do intelecto é onde a nossa chamada escravidão se origina. Ele nos faz agir no mundo, convencendo-nos de que podemos nos tornar seguros e completos através da aquisição de objetos e experiências. Ele perpetua a louca perseguição que nos mantém girando e girando na roda do *samsara*, chegando rapidamente a lugar nenhum. Quando percebemos que o intelecto é apenas um reflexo da Consciência, e a roda do *samsara* é apenas um conceito, a roda para. E nós estamos livres, como sempre estivemos.

### Verso 56

**Não pode ser o Eu, porque muda, empresta a sua luz da Consciência, é limitado, um objeto de percepção, é inconsistente e condicionado pelo tempo.**



O INVÓLUCRO (*SHEATH*) do intelecto é o que geralmente chamamos de ego. No uso popular, o ego tem um significado pejorativo: é aquilo que nos faz separarmos dos outros e subjugar-los aos nossos desejos, em particular, ao nosso desejo de autoengrandecimento. Nós nos sentimos pequenos e queremos nos sentir grandes ou pelo menos maiores do que a pessoa que está ao nosso lado. Mas não consideramos um elogio quando dizem que temos um grande ego.

De fato, não podemos ter nem um grande ego nem um pequeno ego, pois não somos o ego: nós somos o Eu real. O intelecto é onde reside o ego-pensamento, mas não é o mesmo pensamento o tempo todo. Assumimos uma série de identidades para compensar nossos vários e inconstantes sentimentos de inadequação. Nós dizemos: "Eu sou X", então dizemos "Eu sou Y", então, "Eu sou Z", etc.

O que permanece inalterado em todas as circunstâncias é o "Eu", que é o Eu ilimitado; que mudanças são as várias identificações que confundimos com o Eu. Quando o intelecto propõe a noção "eu sou o corpo", o que é real é o "Eu"; o que é falso é a identificação do "Eu" com o corpo.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

O ego é um caleidoscópio de identidades opostas. Nós pensamos que somos espertos, então pensamos que somos tolos; acreditamos que nosso rosto é bonito, então achamos feio; nós nos identificamos com o medo ou a raiva, a felicidade ou a tristeza - com todo o espectro de emoções por turnos. Como o intelecto tem essa qualidade de camaleão, não pode ser a Consciência imutável, que é o Eu.

E o intelecto é também como a lua: brilha não pela sua própria luz, mas refletindo a luz da Consciência. Se o intelecto fosse autoexistente, sua luz seria constante e invariável em sua intensidade. Mas como a lua, tem suas fases. Às vezes parece muito brilhante; outras vezes enfraquece. Seu brilho depende de sua capacidade como refletor, e isso depende das manifestações mutantes das qualidades, os *gunas*, discutidos anteriormente. Quando a mente é *sattívica*, é brilhante; quando é *rajásica*, é turva e escura; quando é *tamásica*, é quase eclipsada.

O intelecto também é limitado pelos objetos com os quais se identifica. A Consciência sem limites brilha em todos os intelectos e em todos os *jivas*, igualmente, mas os intelectos só podem brilhar com luz refletida sobre os *karmas* particulares que manifestam. Talvez o preconceito mais difícil de superar seja a crença de que a Consciência está contida no intelecto individual que pensamos ser. Que o Eu não é o ego é a lição mais difícil de aprender.

Mesmo depois de termos usado o Vedanta para nos estudarmos por algum tempo, tendemos a pensar no Eu como um eu individual, na Consciência como consciência individual. Temos que perceber, através de repetidas análises, através da aplicação do ensino em todas as situações, que não existe um eu individual; existem apenas egos individuais, que são reflexos do mesmo Eu em todos os casos. Isso significa que eu nunca consigo perceber o Eu; Eu nunca posso me tornar iluminado. O que chamamos de realização ou iluminação é a própria dissolução do ego, o falso "Eu", no conhecimento da Consciência, que é advaita: "não dois". Enquanto eu me sentir iluminado, há duas coisas: eu e minha iluminação. O "eu" é o ego limitado, mais uma vez posando como o Eu ilimitado.

O ego, o pensamento "eu", também é percebido, o que significa que não pode ser o percebedor. Isso significa que, na verdade, não é realmente o "Eu", o sujeito, mas apenas outro objeto, erroneamente chamado e incompreendido, devido à ignorância. Há apenas um "Eu" e não pode ser percebido, pois não é um objeto.

O verso também nos diz que o invólucro (*sheath*) do intelecto não pode ser o Eu, porque é inconsistente, isto é, vai e vem. Quando o sono profundo está presente, o intelecto/ego está ausente. Quando acordamos ou sonhamos, o intelecto/ego retorna. Ele surge simultaneamente com a percepção dos objetos, pois nada mais é do que essa percepção. Não há ego sem o não-ego, não há sujeito sem um objeto. No entanto, há um estado em que essa dualidade desaparece: o sono profundo. Isso demonstra que o *sheath* (invólucro) do intelecto não pode ser o

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Eu, pois é limitado pelo tempo: agora você o vê, agora você não o vê. Também desaparece quando a alegria-satisfação é experienciada, o que nos leva ao último dos cinco invólucros (*sheaths*), o *anandamaya kosha*.

### Verso 57

**O *anandamaya kosha* é uma modificação nascida de *tamas*, é permeado pelos três graus de bem-aventurança (*bliss*) experiencial refletidos (*priya*, *moda* e *pramoda*) e surge na Consciência com o ganho de um objeto desejável. É o resultado prazeroso de atos meritórios. Quando é experienciado, qualquer um que tenha um corpo desfruta sem esforço, tornando-se bem-aventurança.**



O *SHEATH* (INVÓLUCRO) do intelecto gera ações e experiencia seus resultados. Resultados agradáveis são limitados e, portanto, não são o *Self*. Quando essa alegria-satisfação limitada é confundida com o Ser pleno, ela se torna o *anandamaya kosha*.

O verso começa descrevendo essa alegria-satisfação limitada como uma modificação mental, isto é, um pensamento. O pensamento é predominantemente *sattvico*, mas o verso enfatiza o elemento *tamásico* nesse pensamento de alegria-satisfação. *Tamas* é inerte, o mais monótono e opaco refletor da Consciência, de modo que qualquer alegria-satisfação da qual ele seja um constituinte deve compartilhar suas qualidades. Assim, somos informados de que qualquer pensamento que pareça nos trazer felicidade é, na melhor das hipóteses, um reflexo obscuro de nossa verdadeira natureza.

Então, qual é precisamente a natureza dessa alegria-satisfação que experienciamos? Dizem-nos que é permeado de bem-aventurança, termo usado para descrever a Consciência pura, o *Self*. Assim, o Ser pleno está presente em toda a alegria-satisfação, incluindo aquela contida em um pensamento e atribuída a um objeto. A discriminação que nos é imposta aqui é aquela que distingue a alegria-satisfação ilimitada de seu reflexo em objetos limitados.

Essa alegria-satisfação refletida é temporal: ocorre em três estágios distintos. O primeiro é chamado *priya*: é o prazer que experimentamos na proximidade de um objeto desejável. O segundo é chamado *moda*: é o prazer que experienciamos quando obtemos o objeto desejável. O terceiro é chamado *pramoda*: é o prazer que sentimos quando desfrutamos de um objeto desejável. Digamos, por exemplo, que passamos por uma vitrine de padaria e visualizamos um delicioso pedaço de bolo. Ao ver o bolo, experienciamos *priya*; quando compramos o bolo, experienciamos *moda*; quando comemos o bolo, experienciamos *pramoda*.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Esses estágios são detalhados no Vedanta para ilustrar que a alegria-satisfação aparentemente derivada de objetos vem e vai, varia em intensidade e não pode ser o Eu ilimitado. No entanto, essa alegria-satisfação - toda alegria-satisfação - não pode ser diferente do Ser pleno. Dizem-nos que quando nossas boas ações produzem circunstâncias nas quais experienciamos prazer, nos tornamos a alegria-satisfação em si, isto é, *ananda*. Então o verso parece nos apresentar uma contradição. Para resolvê-la, devemos entender o significado de *ananda*.

No primeiro verso, é informado que o Eu é ilimitado e de natureza da alegria-satisfação: o termo sânscrito é *paramanandam*. Ora, a ilimitação e a alegria-satisfação não são dois atributos diferentes, nem são atributos, pois o Ser pleno não pode ser dividido e descrito. Mas isso é precisamente o que as palavras fazem, por isso devemos estar atentos às limitações da linguagem quando envolvidos nessa investigação. Do ponto de vista do *Self*, não há distinções: a ausência de limites e a alegria-satisfação são sinônimos. Como esta unidade deve ser entendida?

O intelecto impõe limitações aparentes ao Eu, identificando-o com objetos, e os objetos nada mais são do que pensamentos. Quando esses pensamentos cessam, como fazem tão brevemente quando experienciamos a alegria-satisfação, as limitações desaparecem e nós repousamos no Ser pleno, como o Ser pleno. Mas, tão logo experienciamos alegria-satisfação, o intelecto reivindica isso e, na forma do ego, declara: "Sou feliz". Além disso, o ego atribui a sua felicidade à posse de um objeto ou às circunstâncias. Assim, *ananda* é obscurecida pelo pensamento e sua natureza ilimitada torna-se circunscrita pelo tempo.

As palavras "*ananta*", que significa ilimitado, e "*ananda*", que significa alegria-satisfação, são frequentemente usadas de forma intercambiáveis nos textos do Vedanta, pois alegria-satisfação pode ser descrita como a negação de toda limitação. O sofrimento não é outra coisa senão uma tentativa de encontrar alegria-satisfação ilimitada em objetos limitados. Toda a grande poesia lírica do ocidente é um lamento sobre a natureza fugaz da alegria-satisfação que experienciamos através dos objetos e uma expressão do desejo profundo de uma alegria-satisfação duradoura. É também esse desejo que leva as pessoas a abraçar as religiões que prometem felicidade eterna após a morte.

Se analisarmos o que ocorre quando experienciamos a felicidade, perceberemos que a satisfação do desejo, isto é, a obtenção do objeto, é a mesma que a ausência do desejo. A alegria-satisfação não está querendo nada. O Eu não quer nada, pois é completo.

Os cinco *sheaths* (invólucros) que estivemos considerando, surgem do desejo de se sentir completo. A ignorância oculta o Eu, depois vai procurá-lo onde não está: no mundo dos objetos. Nos momentos em que sentimos alegria-satisfação, estamos, na realidade, saboreando a alegria-satisfação do Ser pleno, que é a nossa

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

natureza. Mas atribuímos essa alegria-satisfação ao que é coincidente no mundo fenomenal. Assim, a alegria-satisfação que é a nossa natureza é mal identificada com uma experiência. E assim nossas vidas se transformam em uma louca perseguição atrás da alegria-satisfação refletida. Nós estamos, na verdade, perseguindo nossa própria sombra.

### Verso 58

**Ele se manifesta totalmente no sono profundo. É experienciado parcialmente em sonhos e na vigília através da contemplação ou ganho de objetos desejados.**



SE ESTIVESSE EM nosso poder, permaneceríamos em um estado de alegria-satisfação perpétua. No entanto, nossas experiências de felicidade são sempre breves demais e parecemos impotentes para prolongá-las. Somos obrigados, por alguma força, a abrir mão de qualquer alegria-satisfação que venha a nós e a seguir em frente, abraçando novamente os medos e desejos que nos conduzem pela vida.

A experiência mais satisfatória de alegria-satisfação nos chega em sono profundo. Nesse intervalo entre os sonhos ou entre o sonho e o despertar, o ego está ausente. E quando o ego está ausente, o mesmo acontece com o não-ego. Nós já não somos mais um corpo-mente individual fazendo nosso caminho incerto através de um mundo de objetos desconcertantes. A dualidade entra em colapso e, por um tempo, estamos em paz.

Recordamos o sono profundo no estado de vigília. Inferimos isso a partir do fato de que um período de tempo transcorreu no qual não sabíamos nada, pois não podemos nos lembrar de experienciar objetos; e sabemos que a ausência dessa experiência foi maravilhosa, pois expressamos nossa satisfação com ela na frase: "Eu dormi bem". Seria bastante revelador reconhecer o quanto desejável seria encontrarmos um estado em que nós, como normalmente nos identificamos, simplesmente desaparecêssemos. O que isso deve nos dizer?

Deve ser uma indicação de que a nossa condição habitual de sujeito que percebe objetos não é natural para nós, ou então, repousaríamos confortavelmente nela. Deve também nos dizer que o sono profundo é natural para nós, pois repousamos confortavelmente nele. Então, o que é essa força que nos tira do sono profundo e nos lança de volta ao doloroso mundo da dualidade? É o *karma*.

Quando ignoramos o que somos, nos sentimos incompletos. Nós então concebemos desejos para aquelas coisas que acreditamos que nos completarão.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Isso nos leva a agir para obter as coisas que desejamos. Ignorância, desejo e ação formam o motor do *karma*. Enquanto permanecermos ignorantes do *Self/Ser*, o sono profundo permanece uma experiência que vem e vai em vez do conhecimento certo da não-dualidade. É um acontecimento negativo percebido pelo ego e definido não pelo que é, mas pelo que não é. O ego retoma sua forma quando deixamos o sono profundo, e a nossa busca pela felicidade continua, na qual o prazer que experienciamos é condicionado pelo tempo e varia em intensidade, como foi explicado na consideração de *priya*, *moda* e *pramoda*: ver, obter e desfrutar.

### Verso 59

**Não é o Eu real, porque é uma modificação de *prakriti*, depende da mente, que age como um *upadhi*, é o resultado de ações meritórias e se manifesta em graus.**



UM *UPADHI*, UM adjunto-limitante, é um caso de identidade equivocada. Sua proximidade com o *Self* nos leva a atribuir suas qualidades, neste caso as da mente, ao Eu. Tão logo experienciamos alegria-satisfação, o intelecto/ego reivindica isso e atribui-lhe uma causa. Em vez de reconhecer a alegria-satisfação como nossa natureza, pensamos nela como tendo sido obtida pela aquisição de um objeto.

Chegamos a associar certas coisas à felicidade, pois elas são lembradas como tendo estado presentes quando a felicidade foi experienciada. Assim, *anandamaya* não é a alegria-satisfação do Ser pleno, mas um pensamento que se repete: é o pensamento que vê a alegria-satisfação como um efeito dependente de certas circunstâncias. Esse pensamento nasce da ignorância; é uma modificação de *prakriti*, que é outro nome para *maya*. É a miragem no deserto, a cobra na corda.

O indivíduo encarnado experiencia a alegria-satisfação como resultado de boas ações, chamado *punya karma*, ou pode ser mais preciso dizer que a alegria-satisfação é experienciada sob circunstâncias associadas às boas ações. Se, por natureza, somos alegria-satisfação, então ela não pode depender de nenhuma ação. Essa alegria-satisfação dependente também é temporal. É experienciada em estágios e graus, como já detalhado na explicação de ver, obter e desfrutar de objetos desejáveis (*priya*, *moda* e *pramoda*).

Essa alegria-satisfação que é nossa natureza não é um produto da mente e dos sentidos, que operam nos estados de vigília e sonhos, nem é o produto da ausência de mente e sentidos, como no estado de sono profundo ou em *samadhi*. Não é um estado, pois um estado só pode ser uma experiência passageira: vem e vai. O Eu (*Self*) não vem e vai. É aquilo que testemunha todos os estados, assim

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

como sua ausência. E a alegria-satisfação que é nossa natureza e que reside na ilimitação de nossa natureza: os dois são um. Então, qualquer coisa que esteja vinculada de qualquer forma, incluindo os mais intensos e prolongados estados de alegria-satisfação, como em *samadhi*, não pode ser o *Self*.

### Verso 60

**Quando a negação dos *koshas* é feita pela investigação lógica baseada nas escrituras, a Consciência é isolada e conhecida como o Eu.**



A PALAVRA “ATMA” é geralmente traduzida como Eu, ou Consciência pura. No entanto, na literatura védica, encontramos o *atma* sendo usado para descrever o corpo, o *prana* ou a mente. Não é que o significado da palavra mude, mas sim que a compreensão do Eu ocorre em diferentes níveis. Os cinco *koshas* são, em certo sentido, cinco *atmas*, pois podemos confundir o Eu com qualquer um desses invólucros (*sheaths*), como são chamados.

À medida que o texto nos leva a considerar a natureza de cada um desses *sheaths* (invólucros), percebemos que eles não são ilimitados e da natureza da alegria-satisfação, que é a definição do Eu - o *atma* - fornecido no primeiro verso. Cada *kosha* representa uma identificação incorreta devido à ignorância. Um por um, os *sheaths* (invólucros) são arrancados pela lógica até que tudo o que resta é o Eu como testemunha desse processo.

O Ser pleno não pode ser negado: dizer que o Eu, a Consciência, não existe, requer a existência (e Consciência) de quem faz a negação e leva a uma regressão infinita. É como tentar engolir sua própria cabeça. Não podemos negar o Eu sem outro Eu - uma segunda Consciência sem limites - para testemunhar a negação. O que pode distinguir uma Consciência ilimitada de outra? Não pode haver duas entidades desse tipo. Portanto, o Eu (Ser pleno) é advaita: "não dois".

A testemunha, o Eu, está na forma de conhecimento. Mas esse conhecimento não é de nenhum objeto, pois o Eu teria que assumir as limitações de um objeto e estaria sujeito à negação. Este conhecimento só pode ser da sua própria natureza, que é sem forma porque é ilimitada. No entanto, a testemunha não deve ser igualada ao vazio do sono profundo, pois ela se conhece como a Consciência em que todas as coisas são conhecidas.

Os *koshas* são reconhecidos pelo Eu (Ser pleno), mas eles não reconhecem o Ser pleno, nem são eles mesmos. No entanto, é somente através do Eu que eles parecem existir. A discriminação nega os *koshas*, então nega a negação, pois não

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

pode haver tal coisa como o não-Eu. Os *koshas*, no final, são apenas a cobra vista na corda: eles não são reais, são uma projeção de *maya*. Se isto não está inteiramente claro para nós neste ponto do texto, tampouco está para o discípulo sincero, que pede instrução adicional sobre a natureza do Ser pleno e agora o receberá.

## O Ser, Sua Natureza Essencial

### Verso 61

**O Eu, a Consciência, pode ser conhecido por qualquer pessoa com discriminação. É autoluminoso, um todo sem partes, distinto dos cinco invólucros (sheaths), testemunha dos três estados de experiência, imutável e imaculado por qualquer coisa que esteja em contato com ele.**



O VERSO COMEÇA com uma afirmação ousada: o autoconhecimento está disponível para qualquer um capaz de discriminar o Ser do não-Ser. Isso significa que você e eu, aplicando os meios apropriados, podemos saber que somos a Consciência pura. O autoconhecimento, no entanto, não é da mesma ordem que o conhecimento de objetos, mas sim a realização de nossa identidade. Sempre que a palavra “conhecimento” é usada em conexão com o Eu, essa distinção deve ser lembrada.

O Vedanta tem sido chamado de religião universal, embora “religião” seja um termo enganoso, pois implica em autoridade dogmática. Vedanta não é uma fé nesse sentido, mas é um meio de conhecimento adequado para a exportação de sua cultura nativa.

Os Upanishads ocorrem no final dos Vedas - quatro agrupamentos prolongados, principalmente relacionados à adoração ritual. Tem sido habitual a apresentação do Vedanta no contexto dos Vedas. Mas nem todos com fome pela verdade têm um apetite igual pelo ritual védico, e o Vedanta não precisa ser aliado a ele. De fato, há muitas declarações nos Upanishads que descartam a adoração ritual como algo sem sentido para quem conhece o Eu real. Essa adoração geralmente toma a forma da oração de súplica: é uma espécie de contrapartida espiritual em que se oferece reverência ritual a uma divindade em troca de favores. Como o Ser não precisa de nada, não adianta esse tipo de oração.

O Vedanta pode ficar por conta própria. É tão imutável quanto o Ser, que não é contaminado por nada que entre em contato com ele, incluindo quaisquer acréscimos culturais. Mas a comunicação de seu ensino é necessariamente condicionada por circunstâncias culturais, que estão sujeitas a mudanças.

Uma atmosfera mais agradável para o buscador do autoconhecimento pode ter sido proporcionada pela idade dos Vedas do que a oferecida pela moderna tecnocracia ocidental, mas a maior parte dos homens, na maioria das vezes, é, apesar das diferenças culturais, devotada à obtenção de riqueza e prazer, com toda

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

a miséria que acompanha essas atividades. É por isso que o Vedanta é perenemente verdadeiro e universalmente aplicável.

Este comentário é uma tentativa de mostrar a relevância deste texto para aqueles no ocidente, e em outros lugares, que têm um intenso desejo de conhecer a verdade. As palavras de Shankara são tão relevantes no século XXI quanto no século VIII. Não é preciso ser um brâmane nem um estudioso de sânscrito para aprender a discriminar o real do aparentemente real, embora seja natural sentir-se grato àqueles que tão amorosamente preservaram e transmitiram esse meio de conhecimento.

Tendo oferecido as palavras iniciais de encorajamento, o professor no verso acima resume tudo o que foi dito até agora sobre o *Self/Ser* pleno. Essas descrições são principalmente negações. Os cinco invólucros (sheaths) e os três estados demonstraram ser o não-Ser. Que o Ser não tenha partes e não seja afetado por suas aparentes associações, também são descrições negativas. Mas o verso oferece uma descrição positiva. O Ser é autoluminoso: é a sua própria luz, assim como a luz que torna tudo o que vemos inteligível. É, como diz o Kenopanishad, "o olho do olho".

O papel do Ser em tornar todas as coisas inteligíveis pode ser melhor ilustrado através da consideração de percepções no estado de sonho. Nós "vemos" as coisas nos sonhos. Qual é o instrumento de visão? Os olhos estão fechados. Não há fonte de luz externa. Se respondermos "é a mente", então somos compelidos a definir a mente como autoluminosa. Mas a mente nada mais é do que uma série de pensamentos: pode um pensamento acender outro pensamento? Considerar essa possibilidade nos coloca no começo de uma regressão infinita; também é um fato que podemos ter apenas um pensamento de cada vez e que todos os pensamentos são da mesma natureza. Não há pensamento mestre iluminador. Ainda assim, deve haver algo que ilumine a mente, algo que não é um pensamento, mas que torna os pensamentos inteligíveis. Isso nós chamamos de *Self/Ser* pleno, a luz da Consciência pura, na qual todos os pensamentos aparecem.

O verso pode ser planejado como um encorajamento, mas o buscador, cuja discriminação ainda é um trabalho em progresso, parece desanimado, e talvez um pouco assustado, pela negação de tudo aquilo que até agora definiu seu mundo. Os seguintes versos dão voz a esse pesar e o abordam.

**Verso 62**

**O investigador disse: “Eu neguei os cinco invólucros (sheaths) , mas só vejo vazio. Há algo mais a ser conhecido por meio da investigação?”**



O ESTUDANTE DO Vedanta deve estar preparado para a aniquilação do mundo como ele habitualmente o concebeu. O processo pode ser inquietante, e é por isso que o ensino só pode ser recebido corretamente por aqueles que possuem as qualificações detalhadas anteriormente no texto. Mas não importa quão bem preparados estamos para ver nossa concepção do mundo se dissolver, a experiência real pode ser inicialmente desorientadora, deixando-nos com o sentimento de desolação que o estudante expressa no verso acima.

Se a negação dos cinco sheaths (invólucros) nos deixa com um sentimento de vazio, a próxima pergunta que devemos fazer é: Quem é aquele que se sente vazio? Como o Eu real é inteiro e completo, ilimitado e da natureza da alegria-satisfação, não pode ser o experienciador desse sentimento de desolação. Quando o aluno diz: "Eu neguei os cinco sheaths (invólucros)", etc., quem é o "Eu" na declaração?

Para nos libertarmos desse sentimento de desolação, devemos perceber que, embora possamos acreditar que negamos os cinco sheaths (invólucros), existe um fazedor e um desfrutador residual. O "Eu" que acredita ter feito a negação ainda precisa ser negado. É esse "Eu" - o ego - que olha para a perda de identificação com o corpo-mente e se sente desolado: "Quem sou eu agora? O que me resta para apegar-me?" Há uma predisposição para entrar em pânico ou para se desesperar.

É neste momento que o estudante se encontra agora. Alguns de nós que chegamos a esse ponto querem voltar atrás. Somos como alguém que está aprendendo a nadar, que tenta tocar o fundo e percebe que ele está longe nas profundezas da água e não tem mais o apoio de terra firme sob seus pés. Surge então a tentação para retornar à terra firme, isto é, às ilusões familiares da dualidade. É nesse momento que o professor é essencial.

O estudante se vira para o professor e pede ajuda, para que não se afogue no que parece ser um vazio. E o professor fornece a ajuda necessária, conforme desdobrado nos versos seguintes.

### Versos 63-64

**O professor disse: “Sim, é o conhecedor do vazio. Esse é você, a Consciência ilimitada. Você é um adepto da investigação.”**



COM POUCAS PALAVRAS, o professor mudou o foco do aluno do ego para o Ser pleno. Ele desviou sua atenção do vazio deixado pelas negações e colocou-a naquilo que testemunhou as negações e que, mesmo agora, testemunha o sentimento de vazio do estudante.

Depois que os cinco sheaths (invólucros) se mostraram irrealis, o ego, que é a tendência da Consciência de apoiar-se em objetos, retém uma força inercial. Ele olha para o corpo-mente e para os três estados, mas não consegue encontrar um lugar para apoiar-se, pois seu substrato, Consciência, não mais se identifica com esses objetos aparentes. Ele se pergunta: “Se eu não sou nenhuma dessas coisas, o que eu sou?” O professor responde: “Você é aquilo que conhece tudo, até mesmo o vazio que está experienciando. Você é a testemunha de tudo que vem e vai”.

O objetivo do Vedanta é realizar essa mudança de atenção, daquilo que é conhecido pela Consciência testemunhal. O aluno chegou a um estágio crucial em sua investigação e fez a pergunta certa, para a qual o professor o elogia.

Temos um hábito profundamente arraigado de pensar que somos os objetos que percebemos. E mesmo quando esses objetos são negados, mesmo quando sabemos que o corpo-mente é o não-Ser, o ego ressuscita e desperta nossas dúvidas e medos, nos dizendo que perdemos tudo, quando não perdemos nada além da fonte de nossas misérias. O único perdedor neste processo é o ego, que olha para o vazio que sempre foi e se dissolve, assim como a cobra que nunca existiu, se dissolve no conhecimento da corda.

As negações devem ser repetidas e reforçadas por uma discriminação sempre vigilante. Estamos tentando nos libertar das identificações que se tornaram habituais, por isso a discriminação habitual é necessária. *Moksa* não é uma experiência discreta, como as epifanias que às vezes ocorrem na meditação; é o conhecimento que deve se tornar firme através da aplicação persistente. O Vedanta requer trabalho.

Verso 65

**Por favor, saiba em seu intelecto que você é a Consciência ilimitada e atemporal que brilha por si mesma nos estados de vigília, sonho e sono profundo; que brilha como felicidade experiencial e que brilha tanto como "eu" quanto "Eu", o *Self/Ser* pleno mais profundo e o eu refletido que ilumina os objetos.**



O ESTUDANTE ESTÁ seguro de que ele não perdeu nada através das sucessivas negações que o deixaram com uma sensação de vazio. Ele é gentilmente lembrado de que ele é o Eu, e provido mais uma vez com descrições do Ser pleno que apareceram em versos anteriores.

O professor aconselha o aluno a usar o seu intelecto para conhecer a natureza do Ser pleno. Esta é uma exortação para discriminar, isto é, para saber que o Ser pleno não deve ser identificado com os objetos e estados que passam na Consciência imutável. O Ser pleno é essa percepção imutável que testemunha tudo o que vem e vai: os cinco sheaths (invólucros), os estados de vigília, sonho e sono profundo, cada experiência de bem-aventurança e cada objeto percebido.

O senso de vazio do estudante, que o professor agora está tentando preencher com o conhecimento do Eu real, aparentemente surgiu da imperfeição de suas negações. Como cada manifestação do não-Eu é mostrada pela análise como irreal, o estudante sente que está negando seu próprio ser. Ele ainda está tomando posição no ego, o senso do "eu" refletido. Então o professor deve lembrá-lo de uma distinção importante.

Em um verso anterior, a distinção entre "*aham*" e "*ahamkara*" foi explicada. O primeiro significa "Eu" como o *Self* imutável; o segundo é o "eu" refletido que se identifica com objetos em mudança. O sufixo "- *kara*" indica o que está sujeito à modificação. Quando a luz da Consciência pura é refletida no intelecto, ela ilumina o ego que identifica a Consciência pura com os objetos que aparecem nela. O objetivo do Vedanta é desfazer essa identificação.

O verso diz que o *Self/Ser* pleno brilha como "eu" e "Eu". Por que essa duplicação do primeiro pronome pessoal? Mostrar que o "Eu", que é o *Self*, não está sujeito a modificações. É puramente "Eu", sem atributos. O "eu" com atributos é o ego, o *Ser/Self* refletido no intelecto. É esse "eu", que se define através de objetos, que experiencia a sensação de vazio. O professor está dizendo ao aluno para mudar sua atenção e tomar sua posição como Consciência pura, em vez de seu reflexo no ego. Ele também está preparando o aluno para recuperar tudo o que foi negado, não como os objetos separados que eles eram vistos como sendo, mas como a luz do *Self* brilhando em todos os estados, incluindo a bem-aventurança experiencial.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

### Verso 66

**Os sábios são libertados do *samsara* pelo conhecimento de que o eu individual e o Eu ilimitado são não-separados.**



ATÉ QUE A nossa discriminação seja perfeita, vemos os objetos como distintos do Eu e os classificamos como o não-Eu. Este é um estágio necessário para a maioria de nós. Mas o objetivo final da discriminação não é cortar o mundo em dois. O *Self* é advaita - "não dois".

Essa divisão do Eu e do não-Eu deve permanecer, no entanto, enquanto ainda acreditarmos que os objetos são reais e que a felicidade é encontrada nos objetos. É essa crença que nos mantém na roda do *samsara*. Para sair da roda, devemos primeiro parar de perseguir objetos. Isso não acontecerá enquanto confundirmos a alegria-satisfação ilimitada do Ser pleno com seu reflexo no corpo-mente individual e suas experiências. Portanto, devemos começar nossa investigação separando a Consciência dos objetos que aparecem na Consciência e mudando nossa identidade, o nosso sentido do "Eu", dos objetos para a Consciência.

Uma vez que o conhecimento de que somos a Consciência pura se torna firme, a divisão entre o Eu e o não-Eu pode ser vista como o arranjo provisório que sempre foi. O eu individual pode ter aparecido em parte alguma, exceto no Eu ilimitado. O conceito é aparentemente paradoxal, mas a lógica de nossa análise nos leva inexoravelmente a concluir que o eu limitado - o indivíduo - não é mais do que um pensamento aparecendo no Eu ilimitado - Consciência pura. Uma vez que isso seja percebido, o muro imaginário entre o Eu e o não-Eu desaparece, assim como a cobra desaparece na corda. *Samsara* está terminado.

### Verso 67

**Consciência sem limites é existência e conhecimento. É autoevidente, sempre presente, pura, além de maya e é a felicidade não condicionada por experiências temporais.**



NÓS SENTIMOS QUE sabemos algo quando podemos defini-lo. Definições separam objetos uns dos outros descrevendo seus limites; mas o Eu real é ilimitado. Não tem limites espaciais, como os objetos físicos, nem limites temporais, como os pensamentos e sentimentos, nem possuem certos atributos e nem outros.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Ainda nos dizem que pode ser conhecido. Como podemos conhecer o que não podemos definir? Fomos informados no verso 1 que as palavras dos Upanishads são o único meio de conhecer o Ser pleno, e o verso acima nos oferece palavras extraídas dos Upanishads. Somos informados que o Eu real é a Consciência ilimitada, que é existência e conhecimento. As palavras do Vedanta indicando a natureza do Ser pleno são: existência, conhecimento, ilimitação, *sat-chit-ananda*.

Assim, é fornecida uma definição, isto é, um conjunto de palavras que parecem descrever o Ser/*Self* distinguindo-o dos objetos. Uma dessas palavras, no entanto, é "ilimitada". Aquilo que é ilimitado não pode ser separado de outros objetos. Na verdade, a existência ilimitada torna objetos distintos impossíveis. Essa definição do Eu deve então ser considerada sugestiva e não restritiva. É a linguagem que atinge o seu limite, em que as palavras se transformam em sinalizadores e não em destinos.

O verso começa com a palavra "ilimitado", que qualifica a Consciência; e a Consciência é então equiparada com existência e conhecimento. Como não temos experiência de nenhum objeto ilimitado, sabemos que o Ser pleno não pode ser experienciado, então podemos parar de procurá-lo como um evento discreto no tempo ou no espaço. Nós, no entanto, experienciamos coisas que existem e sobre as quais temos conhecimento. Então, como a existência e o conhecimento podem descrever o Ser/*Self*?

Todos os objetos que percebemos existem no tempo, então sua existência não é ilimitada. Somos então confrontados com dois tipos de existência, limitado e ilimitado? A existência limitada exigiria aquilo que não é real no começo nem no fim como algo real no meio. De onde surgiria tal existência e em que dissolveria? E como seria mantido por um determinado período de tempo?

Há mais de 2.500 anos, o pensador grego Parmênides disse que nada surge ou sai do Ser, pois o não-Ser não existe. Portanto, não há tempo em que aquilo que não é, nem quando aquilo que é pode deixar de existir. Na verdade, o tempo, que é uma medida de mudança, não pode ser, pois a mudança requer um estado intermediário de não-Ser, pois uma coisa deixa de ser o que era e se torna algo que não era. E mais uma vez, como pode aquilo que não existe vir a existir? Nada vem do nada. Seu raciocínio é simples, suas conclusões inevitáveis: a mudança é uma ilusão. Ele também conclui que o pensamento e o Ser são idênticos, pois não podemos pensar naquilo que não é. Esta é uma maneira de dizer que a existência e o conhecimento são idênticos. A posteridade geralmente achou mais conveniente ignorar Parmênides do que lidar com seus argumentos.

O Vedanta, no entanto, concorda com Parmênides, e muito além dele. O Bhagavad Gita, um de seus textos fonte, diz que aquilo que é real nunca pode deixar de existir e o que não é nunca pode ser. Portanto, não pode haver existência limitada: aquilo que é por um tempo, então não é. As implicações dessa verdade se

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

opõem radicalmente à nossa maneira habitual de pensar sobre as coisas. Isso nos compele a rejeitar nossa percepção da existência temporal como sendo real. Toda a existência, portanto, deve ser ilimitada, pois a única coisa que poderia limitá-la seria a não-existência. Então, quando percebemos os objetos, estamos de fato experienciando uma existência ilimitada. O objeto percebido, como um evento independente no espaço e no tempo, é tão irreal quanto a cobra na corda. O que é real é somente o Eu ilimitado.

A análise realizada acima sobre a existência também se aplica ao conhecimento. Se os objetos são realmente existência ilimitada, nosso conhecimento, para ser fiel ao objeto, deve ser igualmente ilimitado. Se apenas o Eu existe, somente o Eu pode ser conhecido. Conhecimento de objetos é uma sucessão de pensamentos. Mas esses pensamentos em série requerem um estágio intermediário em que um pensamento tenha terminado e outro ainda não tenha começado, ou então não seríamos capazes de distinguir um pensamento do outro. Este estágio interino é uma ausência de pensamento, do ponto de vista do conhecimento objetivo, mas o que é em si mesmo? Só pode ser a Consciência em que os pensamentos aparecem, e essa Consciência está sempre presente e não é afetada por pensamentos que vêm e vão, o que pode ser nada além de Consciência, apesar de sua aparente diversidade e aparente independência.

Se apenas o Eu existe, somente o Eu pode ser desfrutado. Assim, todo prazer experiencial, aparentemente dependente de objetos e circunstâncias temporais, é uma janela que se abre para uma alegria-satisfação ilimitada. Quando pensamos que a alegria-satisfação está no objeto, o Eu se esquece de si mesmo, por mais estranho que isso soe, e persegue as ilusões produzidas pela ignorância, que, novamente, só podem se manifestar no Ser pleno. Sentimos satisfação quando o sujeito e o objeto deixam de parecer distintos e são percebidos como um; então, não nos consideramos mais separados daquilo que desejamos. Quando conhecemos o Ser pleno, todo sentimento de separação termina. A dor do desejo e a satisfação passageira da posse surgem da nossa identificação com um corpo-mente individual. Estamos sempre buscando apagar esse senso de individualidade, que é a raiz do sofrimento. Estamos sempre buscando o Ser pleno, quer saibamos ou não.

Quando nos é dito que o Ser pleno é existência ilimitada, conhecimento e alegria-satisfação, podemos pensar: “Como posso experienciar este Ser pleno? Pois eu certamente não estou experienciando isso agora”. A resposta é que estamos experienciando o Ser pleno agora; estamos simplesmente interpretando erroneamente a experiência na Consciência refletida que chamamos de ego, que se identifica com objetos aparentes. O ego é o Eu sonhando. O Vedanta é o nosso chamado para despertar. Quando sonhamos, fabricamos todas as pessoas e objetos que parecem existir independentemente de nós. O Ser pleno, através do seu misterioso poder de *maya*, manifesta tudo o que aparece como sendo o mundo e parece existir independentemente de nós. Através dos ensinamentos do Vedanta,

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

percebemos que o Eu é tudo o que é, sempre foi ou sempre será. Então o sonho acaba e todos os fantasmas que nos atormentam se dissolvem. Nós estamos livres.

### Verso 68

**A existência de que o mundo inteiro goza é emprestada da Consciência. É ilusório pensar que algo está separado da Consciência.**



ESSE MODO DE pensamento que assume objetos que existem independentemente de nossa Consciência é tão habitual que só pode ser eliminado por constantes e variadas contemplações da mesma verdade: existe apenas o Ser pleno.

Isso não significa que deixaremos de ver o mundo quando percebermos o Ser pleno: os objetos aparecerão da mesma forma que agora, mas entenderemos que sua diversidade é apenas aparente. A dualidade terá desaparecido, ou melhor, nós reconheceremos que ela nunca existiu, como a cobra que vimos na corda.

Para que algo se destaque da Consciência, seria necessário que houvesse algo de que não estamos conscientes. Uma objeção pode surgir: há coisas que não estávamos conscientes anteriormente e nos conscientizamos mais tarde, de modo que existem coisas que existem independentemente de nossa consciência delas. Vamos examinar o argumento.

É assumido que a Consciência - o *Self* - está limitado a um corpo-mente individual, que é apenas uma entre muitas entidades existentes de forma independente. Além disso, confunde percepções com a Consciência em que aparecem. Com base nessas confusões, assume-se que a dualidade é real e, então, se opõe a essa suposição à não-dualidade como se fosse uma prova. Mas já mostramos que um corpo-mente individual é um objeto que aparece na Consciência. E não há nada que possa limitar a Consciência, assim como não há nada que possa limitar a existência. Tal limitação requer a realidade do não-Ser – isso é um absurdo.

O verso fala sobre a existência "emprestada da Consciência". O que isso pode significar? A Consciência pode ser emprestada? Para quem ou para quê? Quando percebemos objetos, estamos apenas experienciando a Consciência através de órgãos sensoriais individuais. A existência de objetos percebidos pode figurativamente ser considerada "emprestada" da Consciência na forma como uma onda é "emprestada" do oceano ou um pote é "emprestado" da argila. A não-dualidade permanece, mesmo quando aproximada em palavras, que são o meio da dualidade.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Podemos gritar contra a lógica da não-dualidade: “Mas sei que não sou Deus! Eu não criei este mundo!” Nós, é claro, estaríamos nos posicionando novamente como um corpo-mente individual e não como uma Consciência ilimitada. Mas parece indiscutivelmente verdade que o mundo dos objetos tangíveis não é o produto de qualquer vontade consciente de nossa parte. Enquanto permanecemos na dualidade, permanecemos como um sujeito que percebe objetos cuja origem é reconhecidamente desconhecida ou explicada por hipóteses científicas ou dogmas religiosos.

Do mais alto ponto de vista - o do Eu - não há objetos a serem explicados por um sujeito que percebe: tudo é Consciência. À medida que o texto prossegue para desdobrar o ditado “Você é aquilo”, a aparente divisão entre o indivíduo e a totalidade será mostrada como uma ilusão. Mas, se precisarmos de uma explicação provisória para o mundo tal como o percebemos, existe uma cosmologia provisória que explica como a Consciência se volta através de *maya* para manifestações cada vez mais densas até que ela apareça como os objetos que comumente percebemos. Isto foi mencionado brevemente em nossa consideração sobre os *gunas*.

Mas, como afirma o verso acima, enquanto acreditamos que algo está separado da Consciência, estamos iludidos. Isso significa, claro, que a maioria das pessoas está iludida. Aqueles que postulam uma divindade separada da criação material, mas que seja de alguma maneira a causa dela, certamente não estão isentos dessa categoria. Eles estão, de fato, na posição bastante difícil de ter que explicar como Deus pode ter criado algo que não existia em si mesmo, como a si mesmo, em um determinado ponto no tempo e no espaço. A indefensabilidade óbvia dessa posição é um fator no crescimento do ateísmo no ocidente. “Tenha fé!” É cada vez mais considerado como um conselho estúpido.

Muitas pessoas, no entanto, possuem o que acreditam ser o amor de Deus e eles ficam relutantes em renunciá-lo, nem precisam fazê-lo; porque o amor de Deus é frequentemente o conhecimento do Eu incompreendido. O amor de Deus pode ser um meio de afrouxar nossa identificação como corpo-mente individual. Mas a menos que cheguemos ao claro conhecimento do Ser pleno, permaneceremos na dualidade. Mesmo que tenhamos sucesso em imergir nossa personalidade em uma divindade Criadora imaginada, esse Deus nunca poderá ser mais do que julgamos ser a melhor parte do nosso ego em grande escala. E como este texto nos lembra repetidamente, somente o conhecimento do Ser pleno nos libertará. Nada se distingue da Consciência, nem mesmo de Deus. E certamente nem você e eu.

Verso 69

**O Atharva Veda diz: "O mundo é apenas Consciência". Tudo o que é sobreposto à Consciência é apenas Consciência.**



A DUALIDADE É teimosa. Ela toma sua posição no senso comum e diz: “Veja, aqui está você e aqui está o mundo - duas coisas diferentes. Como você pode negar isso?”

A dualidade interpretou nossas percepções por tanto tempo que tendemos a conceder legitimidade sem muita dúvida. Parece natural. Mas, como o Vedanta nos mostrou, é completamente antinatural, e é por isso que estamos sempre tentando nos livrar dela. Nos sentimos à vontade com o que é natural. Nós nunca nos sentimos à vontade no mundo dos objetos.

Mas estamos sempre tentando encontrar alguma maneira de nos sentirmos à vontade neste mundo. O desejo de amar e ser amado, que nós igualamos à felicidade, é um desejo de apagar a diferença entre nós mesmos e pelo menos outro objeto na forma de uma pessoa, para esculpir um relacionamento em que possamos experimentar a unidade e nos sentir à vontade. Essa tentativa de unidade nunca é bem-sucedida e muitas vezes falha miseravelmente, pois é feita do ponto de vista do ego, que é a própria dualidade.

Enquanto nos identificamos com o corpo-mente, permanecemos como um indivíduo incompleto em meio a um mundo de seres e objetos alienígenas. Quando percebemos que o mundo não é diferente da Consciência, e que a pessoa que percebemos não é diferente da Consciência, então o mundo e nossa individualidade se dissolvem como um sonho e a unidade que sempre buscamos é reconhecida como o Ser pleno. Também reconhecemos que as ilusões do mundo e nossa individualidade, que uma vez acreditamos ser reais, podem ter sido nada além da Consciência. O Eu ilimitado é tudo, inclusive o sonho da dualidade.

O objetivo do Vedanta é desviar nossa atenção dos objetos aparentes para a Consciência sobre a qual eles estão sobrepostos. Em última análise, percebemos que mesmo as sobreposições, que temos negado no curso de nossa análise, também são Consciência. Essas sobreposições são apenas pensamentos que vêm e vão, e os pensamentos nada mais são do que a Consciência.

Este verso cita o Mundaka Upanishad, do Atharva Veda: "O mundo é apenas a Consciência". O seguinte verso examina as consequências de negar essa verdade.

### Verso 70

**Se o mundo fosse real, o Eu seria afetado por ele, o Veda deixaria de ser um meio válido de conhecimento e aquele que criou o Veda seria um mentiroso.**



O VEDANTA DISTINGUE o que é real do que é aparentemente real. Aquilo que aparentemente é real tem apenas uma existência provisória: vem e vai. Aquilo que é real não vem e vai, mas permanece como o substrato imutável daquilo que é. O aparentemente real é assim definido como uma sobreposição do real.

Isto foi estabelecido através da discriminação, pela qual nós negamos tudo o que é aparentemente real: o corpo-mente e o mundo dos objetos perceptíveis aos quais ele pertence. Este verso nos convida a considerar as consequências de assumir que o mundo é real. Já conhecemos a principal consequência desse pressuposto: o sofrimento que nos levou a questioná-lo e nos levou ao Vedanta. Mas o texto quer nos estabelecer firmemente no conhecimento do Ser pleno, por isso nos impele a esgotar todas as dúvidas possíveis examinando o que resultaria se os objetos fossem reais.

A primeira consequência é que, se não houvesse substrato imutável, tudo estaria em fluxo; isto é, se os objetos fossem reais, o Ser pleno seria definido pelos objetos. Mas isso é impossível, pois significaria que a mudança definiria o que é real. No entanto, a mudança só pode ser conhecida em relação aquilo que não muda. É o substrato imutável que torna a mudança inteligível. Se isso fosse removido, o mundo se tornaria incompreensível. Nós não poderíamos falar sobre o que é real; não seríamos capazes de falar, pois as palavras são símbolos pelos quais relacionamos os objetos mutáveis à existência imutável.

Quando digo: "A mesa existe", quero dizer que a existência, subjacente a tudo, se manifesta em uma forma particular e transitória convencionalmente conhecida como mesa. Quando a mesa desaparece, como acontece com o tempo, a existência não desaparece com ela. Seria mais preciso, por mais estranho que pareça, dizer "Mesas existência", pois há apenas uma existência substantiva - na qual todas as formas vêm e vão. Os nomes que usamos como substantivos são, na verdade, verbos intransitivos. Mas nossa linguagem nos condiciona a reverter a verdadeira posição e encoraja a ilusão de que a existência é uma propriedade de objetos e, portanto, múltipla em vez de uma.

Para fazer com que a consequência do Eu seja afetada por objetos mais evidentes, considere a identidade pessoal. Se os objetos fossem reais, teríamos que nos considerar como o corpo-mente em qualquer forma que esteja aparecendo agora. Quando usamos o primeiro pronome pessoal, estamos sempre nos referindo ao Eu imutável, quer saibamos ou não, pois há apenas um "Eu". Quando folheamos um álbum de fotos, dizemos: "Lá estou eu como criança "e" Lá estou eu quando me

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

casei”, etc. O “Eu” é o substrato de todas as mudanças que ocorrem e que são capturadas nas fotografias. Sem esse substrato, não teríamos continuidade, nem identidade. Nós não poderíamos dizer “Eu”, pois não haveria conexão entre as diferentes mudanças/manifestações do corpo-mente. A mudança seria absoluta, o que é um oxímoro, ou seja, palavras de sentido contraditório.

A segunda consequência de levar o mundo a ser real é que o Veda não poderia mais ser considerado um meio válido de conhecimento. Nós podemos dizer, e daí? Que vantagem eu tenho pelo fato do Veda ser considerado um meio válido de conhecimento? Embora possa não ser imediatamente aparente, a invalidação do Veda como um meio de conhecimento nos deixaria em inevitável escuridão e desespero.

No verso 1, somos informados de que a percepção, nossos meios habituais de conhecimento, não pode nos ajudar a conhecer o *Self/Ser*; só pode nos dizer algo sobre os objetos - o não-Eu. A inferência é geralmente considerada outro meio de conhecimento, mas é baseada na percepção e não pode ser separada dela. Que meios de conhecimento temos, então, que podem revelar para nós a nossa verdadeira natureza como ilimitada e alegria-satisfação? Apenas uma: as palavras dos Upanishads desdobradas por um professor adequado. Se esse meio de conhecimento fosse removido, ficaríamos restritos ao que podemos conhecer pela percepção; isto é, seríamos lançados em um mundo de objetos que vêm e vão, e nos encontraríamos limitados entre esses incontáveis fenômenos de passagem, incapazes de transcendê-los. Estaríamos presos na dualidade. Não haveria escapatória das dores do nascimento e da morte, dos desejos e medos que assombram nossas vidas. O triste hedonismo que caracteriza nossa idade está arraigado na crença de que objetos são tudo o que existe; em outras palavras, está arraigado na percepção como o único meio de conhecimento.

O pensador e escritor francês Albert Camus acreditava que não podemos conhecer nada além desse mundo de objetos, e ele achou essa limitação uma crueldade intolerável. Ele aconselhou o que chamou de rebelião metafísica, que, na verdade, nada mais é do que raiva e desespero pela alienação sem o alívio que vem do pensar que o mundo é real, que somos apenas mais um entre os objetos que vêm e vão por razões que não podemos entender. Por entregar aos seus contemporâneos esta mensagem sombria, ele recebeu um Prêmio Nobel. Logo depois, o carro em que ele era passageiro colidiu com uma árvore e a sua vida terminou antes que pudesse contemplar e assimilar adequadamente a visão da não-dualidade.

Pouco antes de sua morte, diz-se que Camus consultou Jean Klein, um professor de Vedanta que mora em Paris. É relatado que ele comentou, na conclusão desta reunião, “não posso acreditar”. Isto é, Camus não pôde aceitar que as declarações dos Upanishads são verdadeiras. Portanto, há consequências em

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

considerar o Veda um meio de conhecimento inválido. Se duvidarmos, precisamos apenas olhar ao nosso redor.

A terceira consequência de considerar o mundo como real é que aquele que criou o Veda seria um mentiroso. Quem criou o Veda, isto é, os meios para conhecer o Ser pleno? No verso 1, o professor é saudado como o *Self*. Isso significa que o Eu, a Consciência pura, nos deu a ciência do autoconhecimento através dos Upanishads.

Não devemos confundir esse conhecimento com doutrinas religiosas que reivindicam o consentimento da revelação divina. Experiências individuais de estados incomuns ou de êxtase da Consciência estão sob o título de misticismo, que é pessoal e está sujeito à interpretação da pessoa que os percebem.

Essas interpretações são às vezes recebidas pelos outros como autoritárias, e assim nascem as religiões, com todo aparato de dogmas, proselitismo, anátemas, excomunhões e violência contra os "incrédulos". O Vedanta não é misticismo.

Mas também não é uma filosofia produzida pelo pensamento humano. A filosofia, como o misticismo, depende da percepção; isto é, origina-se de um sujeito que experiencia objetos, internos ou externos, e sintetiza essas experiências em ideias que se propõem a explicar as causas do mundo fenomenal. A filosofia, como a religião, tem sua origem na percepção. O Vedanta faz uso da percepção, mas não é delimitado por ela nem depende dela.

À medida que seguimos a lógica do Vedanta, podemos estar sujeitos a confundir suas conclusões como originárias da razão humana, que não podem ser separadas do conhecimento objetivo. Enquanto a lógica suporta o Vedanta, ela não o produz. Simplesmente não há como um ser humano chegar ao autoconhecimento por meio da reflexão sobre os objetos da percepção; nem através da experiência mística de outro, pois tais experiências não podem ser transmitidas e sua verdade testada, como é o caso do Vedanta. O autoconhecimento vem do *Self*. De fato, é o *Self*.

Estamos agora posicionados no precipício do fato mais profundo e radical: não somos seres humanos. Nós somos o *Self*. É isso que todas as negações anteriores nos levaram a perceber: tudo e qualquer coisa que possamos perceber não é o Eu. Se fosse o Eu, isto é, se o mundo fosse real, a Consciência pura que nos deu o Vedanta seria mentirosa. Se fosse assim, então estaríamos para sempre impedidos de conhecer a verdade. Estaríamos trancados dentro de nossas mentes baseadas nos sentidos, onde as dúvidas nunca cessam, sempre se preocupando com o que é real e não real e o que fazer sobre isso. A ansiedade seria perpétua.

Ao nos obrigar a considerar as consequências de tomar o mundo como real, o professor nos mostrou a alternativa ao Vedanta: escuridão, ilusão e desespero, ocasionalmente aliviados por momentos de prazer, com a vida terminando em morte

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

e falta de sentido. Não é isso, de fato, a visão de mundo do intelectual ocidental? Mesmo o consolo de um céu imaginário na vida após a morte é excluído, pois mesmo Deus poderia ser um mentiroso, uma proposição considerada por Descartes e rejeitada mais pela fé em um Criador perfeito do que por meio de argumentos fundamentados.

Mas o Vedanta é apoiado por argumentos fundamentados. Que o Eu poderia ser um mentiroso supõe que o Eu tem percepções que podem ser julgadas verdadeiras ou falsas - por quem? E com base em que critérios? Mas o Eu não tem conteúdo, nem percepções, que é o que o Vedanta quer dizer quando afirma que o Eu está além do que existe e do que não existe. Não é um Deus Criador perfeito, como imaginou Descartes, cuja integridade exige que aceitemos o mundo das percepções como sendo real. Tal aceitação é mostrada como sem fundamento, e os seguintes versos reforçam o ponto.

### Verso 71

**O Eu, que declara a verdade sobre sua natureza, diz: “Eu não estou em coisas e seres. Eles estão em mim.”**



O VEDANTA PODE ser confuso, e é por isso que precisamos de um professor competente. A confusão surge quando falhamos em distinguir os níveis de entendimento dos quais as afirmações são feitas. No nível do indivíduo, existem objetos. Quando esse indivíduo é informado de que o Eu é tudo, ele pode concluir que os objetos são o Eu e transmitem existência ilimitada à existência aparente. Em outras palavras, ele pode vir a acreditar que a cobra é real porque a corda é real, não conseguindo distinguir sua diferença.

Ora, é verdade que a ilusão da cobra não poderia existir se não houvesse a corda. Além disso, é verdade que toda ilusão só é possível por causa da Consciência, sobre a qual ela é sobreposta. Mas o Ser pleno não está contido na ilusão mais do que a corda está contida na cobra. Os seres que são percebidos como objetos separados não têm realidade, isto é, não são autoexistentes ou autoluminosos. Eles aparecem na Consciência; a Consciência não aparece neles.

Isso pode ser difícil de entender, mas a distinção feita neste verso é de grande importância prática. Muitos escândalos e muito sofrimento podem ser atribuídos à incapacidade de compreender que o Ser pleno não está nos objetos, embora todos os objetos apareçam no Ser pleno.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

É para evitar esse equívoco que este texto tem gasto muito tempo e detalhes nas qualificações para receber este ensinamento. Quando pessoas desqualificadas se apegam aos grandes ditos dos Upanishads, sua falta de discriminação e desapego podem produzir um comportamento lamentável. Alguém ainda muito inclinado a acreditar que a felicidade está nos objetos provavelmente concluirá: "Se tudo é o Eu, então não importa o que eu faça. Vamos festejar."

Com efeito, o ego, identificado com o corpo-mente, assume que tem carta branca para satisfazer seus desejos em nome da autorrealização. Autoindulgência fantástica (lembre-se dos 93 Rolls Royces de Rajneesh), resulta em licença sexual e abuso de poder. Os ensinamentos do Vedanta são para pessoas maduras, isto é, para aqueles que já tiveram o suficiente do mundo e suas distrações, não para aqueles que ainda estão obcecados por sexo, poder e dinheiro.

Infelizmente, os buscadores ocidentais geralmente têm pouca preparação para receber os grandes dizeres dos Upanishads, o que pode levá-los a um comportamento precipitado baseado em equívocos. Professores ingênuos, autoiludidos ou exploradores podem piorar as coisas. Os grandes dizeres, como "Você é aquilo", pretendem nos libertar da dependência de objetos, não nos afundar ainda mais na ilusão em nome de uma "iluminação" espúria.

O título deste livro é "A Joia Suprema da Discriminação". Discriminação é o método que o Vedanta prescreve para conhecer o Eu, e a discriminação começa identificando os objetos como o não-Eu. Devemos ter paciência ao aprender a discriminar, e devemos entender o que significam as palavras empregadas no ensino, de acordo com a tradição de ensino, que é chamada de *sampradaya*.

O não-Eu, os objetos, são *mithya*: sua existência é apenas aparente e depende de *satya*, que é a única realidade, ou seja, o *Ser/Self*. A explicação usual de *satya* e *mithya* é por analogia. Um pote é feito de argila. A argila é *satya*; o pote é *mithya*. O pote não existe além da argila; na verdade, não há pote propriamente dito, mas apenas argila. Antes do pote ser moldado, é argila; depois que ele é quebrado, é argila; enquanto o pote aparece, é argila. A argila é o substrato; o pote é a sobreposição. O pote é apenas uma aparência na argila.

Seres (objetos) são sobrepostos no *Ser/Self*, da mesma forma que o pote é sobreposto à argila. O Ser pleno não está nos objetos mais do que a argila está no pote. É o contrário. Na verdade, existe apenas o *Ser/Self*, pois na realidade existe apenas a argila.

Verso 72

Se o mundo fosse real, apareceria no sono profundo.



AQUILO QUE É real não vem e vai; ele permanece em todos os três estados de experiência: vigília (acordado), sonho e sono profundo. O mundo é uma coleção de objetos em mudança percebidos por um sujeito. Nós experienciamos essa dualidade sujeito-objeto quando estamos acordados e quando estamos sonhando (as supostas diferenças entre objetos oníricos e objetos acordados não afetam a experiência da dualidade).

Quando passamos para o que é chamado de sono profundo, a dualidade sujeito-objeto não é mais experienciada. O mundo desaparece. Então o mundo não pode ser real. No entanto, quando o mundo desaparece, permanecemos como a testemunha do sono profundo.

Quando acordamos, dizemos: "Eu dormi bem e não sonhei". Lembramos o sono profundo, mas só podemos descrevê-lo negativamente, do ponto de vista do estado de vigília. Ora, uma coisa pode ser distinguida da outra, observando as qualidades que faltam em comparação com a outra. Mas tal descrição negativa nos diz pouco sobre a natureza da coisa em si.

Sabemos que não experienciamos objetos no sono profundo. Esta é uma descrição negativa. Sabemos que existe um estado em que os objetos estão ausentes. Assim, sabemos que os objetos são condicionais: eles dependem de uma circunstância particular para sua aparente existência. Aquilo que depende de outra coisa não é autoexistente, o que significa que não é real.

A única coisa presente em todos os três estados de experiência é aquela que os testemunha. Esta testemunha não muda quando os estados mudam. Não é afetada pela presença ou ausência de objetos. O sono profundo é uma evidência desse testemunho permanente, que é a Consciência imutável, o *Ser/Self*. O sono profundo é também evidência de que o mundo não é real.

Verso 73

**O Eu, a Consciência, é o substrato do mundo. A percepção faz com que os objetos apareçam na Consciência e os faz parecer separados dela.**



EU VEJO ESTE teclado de computador no qual estou digitando e sei que o teclado não sou eu. Eu também sei que os pássaros que cantam do lado de fora da minha janela e as crianças que eu ouço brincando na rua não são eu. Eu pareço existir como uma entidade separada em um mundo de objetos variados e independentemente existentes, mas o verso me diz que essa percepção é falsa, que o Eu é o substrato de todos esses objetos aparentemente distintos.

A distinção entre *satya* e *mithya*, o real e o aparentemente real, deve ser entendida claramente para que a confusão seja evitada. O texto não quer dizer que eu sou o mesmo que o teclado ou que não há diferença entre os pássaros nas árvores ou as crianças na rua. Certamente esses objetos são separados um do outro. O que o verso diz é que eles não estão separados da Consciência.

Vamos voltar à argila e ao pote. A argila pode ser moldada em muitos objetos além de um pote: uma tigela, jarro, prato, vaso, etc. Todos esses objetos são diferentes, mas são todos de argila. Um pote não é um jarro, mas tanto o pote quanto o jarro não são separados da argila. Aquilo que é inerente a todas as formas, aquilo que é seu substrato, é a argila. Podemos olhar para esses objetos, no entanto, do ponto de vista de suas diferenças ou de suas semelhanças; isto é, como formas variadas com usos particulares ou como argila.

Quando olhamos para suas diferenças, estamos olhando para a realidade aparente de *mithya*: argila com uma forma particular e nome que durará em sua forma atual por um período de tempo. Quando olhamos para as semelhanças deles, estamos olhando para *satya* - a realidade: a argila como o substrato permanente das formas e nomes que ela assume por um tempo.

Todos os objetos que percebemos têm um duplo aspecto como *satya* e *mithya*. *Satya* é a Consciência, o *Self*; *mithya* são as formas que aparecem na Consciência e às quais atribuímos um nome particular. O mundo, então, é Consciência, mais nomes e formas. Mas os nomes e formas não têm realidade em si mesmos. Eles aparecem na Consciência e não são nada além da Consciência, assim como o pote não é nada além da argila de que é formado e que sempre permanece.

Sempre que percebemos objetos como separados da Consciência, estamos confundindo *mithya* com *satya*. O objetivo do Vedanta é evitar esse erro através do desdobramento dos grandes dizeres dos Upanishads, no caso deste texto, "Você é aquilo" - o indivíduo e a totalidade são um.

## A Identidade do “Você” e do “Aquilo”

### Verso 74

**Se o eu individual e o Eu ilimitado são investigados adequadamente, sua não-separação é revelada, como indicado na declaração “Você é aquilo (Tat Tvam Asi)”.**



O OBJETIVO DO Vedanta é nos mostrar que não somos o indivíduo que geralmente nos consideramos ser. O grande ditado do Chandogya Upanishad em consideração neste texto é “Você é aquilo”. Dizem-nos que, se investigarmos o significado desse ditado, ele nos revelará a identidade do indivíduo e da totalidade.

Essa investigação, no entanto, deve ser feita “adequadamente”, significando que as palavras do texto devem receber o significado que lhes é dado pela tradição de ensino. A consideração à tradição de ensino não é uma obediência irracional à autoridade, mas a confiança no que provou ser verdadeiro em incontáveis casos durante um longo período de tempo. Não é o trabalho de um gênio singular, mas um consenso de incontáveis buscadores que realizaram o *Self/Ser*.

Ao buscar qualquer ciência, não começamos do zero, mas baseamos nosso estudo no que foi descoberto e comprovado como verdadeiro até hoje. Esse conhecimento, no entanto, para tornar-se prático, deve ser feito por meio de uma investigação cuidadosa e crítica. Então, o que a tradição de ensino nos diz?

“Aquilo” é uma palavra técnica no Vedanta, não apenas um pronome demonstrativo. Ele representa, o Eu manifestado como o mundo aparente, isto é, a totalidade dos objetos perceptíveis. *Isvara* às vezes é usado para descrever o Ser pleno assim manifestado. Usamos *Isvara* anteriormente para significar a ordem cósmica, que governa o modo pelo qual os objetos interagem.

“Você” representa o indivíduo: essa coleção de atributos físicos, mentais e intelectuais com os quais nos identificamos, ou seja, nossa personalidade. Ora, entendemos nossa personalidade separada da totalidade dos objetos: olhamos para o cosmos - as estrelas e os planetas e a Terra em que estamos - e nos vemos separados deste grande espetáculo, para sermos pequenos e isolados em relação a ele. O verso nos diz que estamos enganados nessa visão. De fato, declara - nove vezes no texto original - que o indivíduo e a totalidade são um: *tat tvam asi* no sânscrito - “*That thou art*, em inglês - Você é aquilo, em português”.

Como isso pode ser verdade, podemos nos perguntar? Em face disso, o ditado parece absurdo ou, talvez, um pouco de poesia melancólica, uma metáfora para

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

algo, como quando um líder nacional diz ser um com seu povo. Mas o Upanishad insiste que a declaração seja aceita como fato. Então, se aceitarmos este meio de conhecimento como verdadeiro, devemos aceitar a declaração como ela é projetada: o indivíduo e a totalidade são um.

Para investigar isso corretamente, precisamos encontrar o terreno comum desses dois termos aparentemente díspares, e isso fazemos seguindo o método prescrito pela tradição de ensino, que será revelada nos versos seguintes.

### Verso 75

**A unicidade de "você" e "aquilo" é estabelecida por seus significados implícitos, não por seus significados aparentes, que, como a onda e o oceano, indicam qualidades mutuamente opostas.**



AS PALAVRAS PODEM ser entendidas em seu significado literal ou implícito. Se dissermos, por exemplo, “Esta sala é muito barulhenta”, as palavras não podem ser entendidas em seu sentido literal: uma sala é construída de materiais inertes que não emitem som algum. O significado implícito desses dizeres é que a sala é ocupada por pessoas que estão falando alto ou é o local de alguma outra atividade que gera ruído. Quando o significado literal não faz sentido, recorreremos ao significado implícito.

Ora, o significado literal de “Você é aquilo” não faz sentido. De fato, os dois termos são entendidos precisamente em oposição um ao outro: sou um indivíduo na medida em que sou separado da totalidade. Portanto, o significado literal de “Você” deve ser rejeitado, junto com sua equação literal com “aquilo”.

“Aquilo” é *Isvara*, que, em sua manifestação dinâmica, é o regente do cosmos: a lei que governa a interação de objetos, incluindo nossos corpos e mentes. “Você” é o sujeito individual de *Isvara*: aquele que é compelido a se conformar à lei, apesar dos gostos e aversões pessoais. Então existe uma grande e óbvia diferença entre *Isvara* e o indivíduo que faz o ditado “Você é aquilo” parecer contraditório.

O verso oferece uma analogia que ilustra ainda mais a contradição: “aquilo” é comparado ao oceano; “Você” para a onda. A onda certamente não é sinônimo do oceano, nem vice-versa. Portanto, devemos deixar de lado o significado literal dessas duas palavras, se quisermos resgatar o ditado do absurdo.

Somos informados de que a unicidade de “Você” e “aquilo” pode ser estabelecida por seu significado implícito, para o qual o texto agora prossegue.

Verso 76

**A diferença entre o indivíduo e o todo é causada pela diferença nos *upadhis*.  
*Maya* é o *upadhi* de *Isvara*, a causa do todo, e os cinco invólucros (*sheaths*)  
são o *upadhi* do indivíduo.**



UM *UPADHI* É aquilo que faz com que algo pareça ser o que não é. O exemplo dado em um verso anterior era o da rosa e do cristal: a proximidade da rosa faz o cristal parecer vermelho. Quando a rosa é discernida, reconhecemos a vermelhidão como uma percepção equivocada e percebemos que o cristal é incolor e transparente. Então, conhecemos a verdadeira natureza do cristal, mesmo que a aparência de vermelhidão persista.

Quando o Eu, como Consciência refletida, se identifica com os cinco invólucros (alimento, ar vital, isto é, *prana*, mente, intelecto e o invólucro da bem-aventurança), ele se considera um indivíduo. Isso significa que ele pressupõe que tenha uma localização no espaço e no tempo; está sujeito ao nascimento e a morte, alegria e tristeza, e é o fazedor e o desfrutador das ações. Cada um desses *sheaths* (invólucros) foi examinado e provado não ser o não-Eu. Mas enquanto eles não forem negados, o Eu continuará a se identificar com um corpo-mente individual.

Quando pensamos que somos um corpo-mente, vemos o mundo; isto é, o *upadhi* de *maya* aparece. A noção de indivíduo dá origem à noção de um mundo de objetos perceptíveis, pois o que é o indivíduo, se não a separação dos objetos percebidos, em duas categorias: aqueles com as quais nos identificamos e aqueles que vemos como separados de nós?

Como indivíduos, consideramos tudo do ponto de vista do corpo-mente: tudo o que não é o corpo-mente é o mundo. Nós então começamos a especular sobre como o indivíduo e o mundo vieram a ser, e tal especulação leva a noções de um Deus Criador, um *Big Bang*, evolução, etc.

O Vedanta nos conduz através de um processo no qual os invólucros (*sheaths*) que constituem nosso senso de individualidade são negados: percebemos que não somos o corpo, o ar vital, a mente e seus sentimentos, o intelecto e seu ego (o fazedor e o desfrutador), tudo vem e vai. Percebemos que somos a testemunha imutável desses fenômenos transitórios, ou seja, desses *upadhis*.

Quando o indivíduo é negado, o que acontece com a totalidade dos objetos? Poderíamos dizer: "Sim, posso ver que a minha individualidade era uma ilusão, mas e o cosmo, a Terra e o sistema solar e tudo o que está além dele?" Mas a Terra também não é uma percepção, assim como o corpo-mente é uma percepção? E não é o pensamento sobre o tamanho da Terra, sua posição no espaço, suas supostas propriedades da mesma ordem que outros pensamentos: imagens na

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Consciência, isto é, nomes e formas da mesma natureza que todos os outros nomes e formas? E tudo o que aparece na Consciência pode ser diferente da Consciência, seja a Terra ou o meu dedão do pé esquerdo?

É admitidamente uma verdade radical, mas uma verdade, apesar disso: tudo o que identificamos como produto de *maya* - o mundo - e tudo o que identificamos como produto de nossa percepção individual - nosso corpo-mente - são da mesma ordem de realidade: pensamentos na Consciência. E pensamentos na Consciência não podem ser nada além da Consciência.

O significado implícito do indivíduo - "Você" - e o significado implícito da totalidade - "aquilo" - é o mesmo: a Consciência, o Eu-real. E o Eu-real (Ser pleno) é a existência ilimitada, o conhecimento e a felicidade. Todos os objetos aparentemente limitados são resolvidos na Consciência quando suas diferenças percebidas - seus *upadhis* - são removidos.

O Vedanta às vezes fala de *Isvara shristi* e *jiva shristi* para distinguir aqueles objetos que aparecem como resultado da ignorância cósmica daqueles que aparecem como resultado da ignorância individual. Mas essa distinção é apenas uma concessão de como as coisas aparecem quando admitimos a existência provisória de um corpo-mente e outros objetos. *Isvara*, que opera *maya*, também é responsável pelo aparecimento dos indivíduos, *jivas*. E nem *Isvara* nem os *jivas* aparecem em qualquer outro lugar além da Consciência, como Consciência. Do mais alto ponto de vista, não há *Isvara*; não há *jiva*; não há outro - *advaita*. O Eu pleno é tudo. E até mesmo a palavra "tudo" é enganosa, pois sugere uma coletividade de objetos. A linguagem não pode escapar do dualismo, mas pode expressar uma lógica que serve como um trampolim para o que é inexprimível.

Mesmo a religião dualista, se seguisse a lógica de sua linguagem sobre Deus, inevitavelmente chegaria à verdade da não-dualidade. Alguns místicos ocidentais, sempre considerados suspeitos pelos guardiões das fórmulas dogmáticas, aproximam-se perigosamente de uma declaração explícita de não-dualidade. Meister Eckhart, cujo ensino sofreu uma condenação póstuma, exortou os cristãos no século XIV a perceberem que o Criador existe somente enquanto existirem criaturas; que o Criador e as criaturas deixam de aparecer no que ele chamou de "Divindade", que ele descreveu como a realidade não-manifestada, a base de todo ser onde nenhuma distinção pode ser encontrada. Ele escreveu: "O olho com o qual vemos a Deus é o mesmo olho com o qual Deus nos vê". Ele disse que a Divindade só pode ser conhecida quando nos desapegamos dos objetos, especialmente da nossa identidade como seres criados. Tal desapego ele classificou como a mais alta virtude.

A verdade da não-dualidade não é exclusiva do Vedanta, mas os meios de conhecimento que o Vedanta oferece não podem ser encontrados em nenhum outro lugar. A visão mística, mesmo que se torne um conhecimento permanente da não-

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

dualidade, não é transmissível. É por isso que as grandes figuras da religião ocidental que escapam da condenação são consideradas dentro de sua tradição como uma ordem especial de seres cujos pronunciamentos místicos devem ser aceitos como dogma, não como verdades verificáveis acessíveis por meios comprovados de conhecimento.

Alguns professores modernos do que é chamado Neo-Advaita oferecem a visão da não-dualidade, mas não os meios de conhecimento que nos permitem nos estabelecermos nela. Saber que somos o Ser pleno nem sempre se traduz em viver como o Ser pleno. Para que o conhecimento se torne firme, devemos realizar as negações dos *upadhis*, muitas vezes repetidamente, ou então nosso condicionamento permanecerá e nos encontraremos dolorosamente divididos: conhecendo a verdade indiretamente, mas sendo incapaz de permanecer nela.

### Verso 77

**Quando os *upadhis* são negados, não há diferença entre o indivíduo e o todo.  
A diferença entre o rei e o súdito é apenas devido a uma diferença de status.  
Ambos são apenas seres humanos.**



HÁ OUTRA ANALOGIA para nos ajudar a entender como os *upadhis* operam. O status social é conhecido pelo vestuário e pela importância relativa das respectivas funções: um rei usa uma coroa e emite comandos; seus súditos estão vestidos com mais humildade e obedecem a esses comandos. Mas tanto o rei quanto o súdito são seres humanos e, como tal, o mesmo.

*Isvara*, a totalidade expressado por “aquilo”, pode ser comparado ao rei; o indivíduo, expressado por “Você”, pode ser comparado ao súdito. Despojado de suas aparentes diferenças, ambos são a Consciência. Mas enquanto o rei e o súdito, despidos de suas diferenças, permanecem seres separados da mesma espécie, tal não é o caso da totalidade e do indivíduo.

Quando os *upadhis* são negados, nem *maya* nem o *jiva* persistem em qualquer forma. A totalidade e o indivíduo eram sobreposições do Eu; uma vez removidos, desaparecem como a cobra percebida na corda. Isso não quer dizer que, uma vez que neguemos os *upadhis*, os sentidos deixarão de funcionar e o mundo desaparecerá, mas o que percebemos anteriormente como objetos separados será percebido como a Consciência.

### Verso 78

**A unidade do indivíduo e do todo é estabelecida por implicação. Não é suficiente rejeitar totalmente ou não rejeitar o significado de "Você" e "aquilo". Deve ser através de uma rejeição dos atributos não essenciais dos dois.**



NA AFIRMAÇÃO “Você é aquilo”, com “Você” representando o indivíduo e “aquilo” para a totalidade, reconhecemos imediatamente as diferenças entre os dois termos que parecem impossibilitar equacioná-los. Devemos então rejeitar a afirmação como irremediavelmente contraditória ou ver se há um significado implícito nas palavras que podem reconciliar a contradição.

A lógica nos oferece três maneiras de examinar o significado implícito. A primeira é substituir um termo por outro. Na afirmação “A sala é barulhenta”, se substituirmos “a sala é” por “as pessoas são”, a afirmação faz sentido e a substituição é justificada. Sabemos que uma sala é uma composição de objetos inanimados sem poder de gerar ruído, portanto a afirmação implica a presença de pessoas na sala.

Na afirmação “Você é aquilo”, a substituição de termos não eliminará a aparente contradição. “Você” representa o indivíduo, ou seja, aquelas características que são específicas de um determinado corpo-mente. Sabemos que tais características, sejam elas quais forem, são definidas por suas limitações. Uma entidade limitada não pode ser a totalidade do ambiente em que ela subsiste. Portanto, não há termo que possamos substituir pelo indivíduo que elimine a sua incomensurabilidade com o todo.

Da mesma forma, a totalidade não pode ser equiparada a nenhuma de suas partes constituintes, e não há um termo disponível para substituição que possa tornar isso possível. Portanto, devemos eliminar o primeiro método de reconciliação de contradições por meio do significado implícito.

O segundo método adiciona palavras à afirmação para produzir uma clareza que elimina a aparente confusão. Se o crupiê em um cassino anuncia: “O vermelho vence”, podemos chegar ao seu significado implícito adicionando as palavras: “A roleta caiu no vermelho, então quem apostou nesse acontecimento venceu.” O significado literal, que a cor vermelha vence, não faz sentido sem o significado implícito.

Que palavras podem ser acrescentadas à afirmação “Você é aquilo” que a tornaria inteligível? “Você” significa o indivíduo, que é definido precisamente por suas limitações. Quaisquer palavras que possam ser acrescentadas à definição do indivíduo só poderiam descrever essas limitações, em vez de explicar como elas poderiam ser equiparadas à totalidade que não admite limitações.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

“Aquilo”, que representa a totalidade, não é suscetível de definição adicional: o que está fora da totalidade que pode de alguma forma acrescentar ou alterar seu significado? Nada. Então, o segundo método também nos deixa com dois termos que aparentemente não podem ser equacionados.

O terceiro método de busca de significado implícito envolve distinguir aqueles aspectos dos dois termos que são contraditórios daqueles que podem ser reconciliados. Os aspectos contraditórios são então rejeitados e o que resta é aceito como o significado implícito.

Ora, *Isvara* é a Consciência manifestando *maya*, a totalidade; *jiva* é a Consciência sobre a qual a individualidade é sobreposta. O indivíduo não pode ser a totalidade, nem a totalidade pode ser o indivíduo. Então, na afirmação “Você é aquilo”, tanto o *jiva* quanto *maya* são contraditórios e devem ser rejeitados. O que resta dos dois termos? A Consciência.

Eu estou ciente do mundo; Eu estou ciente do indivíduo. E nessa Consciência não há diferenças. “Você é aquilo” significa por implicação “Existe apenas o Eu pleno”. Todos os objetos, de uma partícula de pó ao próprio cosmos, são meros *upadhis* da Consciência, sujeitos à negação.

### Verso 79

**Por exemplo, na frase “Essa pessoa que você vê aqui é aquele Devadatta”, a pessoa discriminadora estabelece sua unidade, abandonando os elementos contraditórios, ou seja, tempo, lugar e circunstância.**



O TEXTO NOS fornece um exemplo, frequentemente citado no Vedanta, de como um *upadhi* é negado usando o método do significado implícito. Vamos supor que não vimos nosso velho conhecido Devadatta por um longo tempo. Encontramos um amigo em comum em uma reunião social e perguntamos a ele: “O que aconteceu com Devadatta?” Ele aponta para um terceiro homem ao nosso lado e diz: “Este é aquele Devadatta”.

Nós então reconhecemos Devadatta: apesar dos cabelos grisalhos, da barba, dos quilos extras - nós vemos nosso velho amigo como essencialmente o mesmo. Os efeitos produzidos pelo tempo são negados como *upadhis* - os complementos que o ocultaram até serem reconhecidos como tal. Nós estávamos vendo Devadatta, mesmo antes de percebermos isso. Devadatta não ganha ou perde nada no processo de nosso reconhecimento. Ele está lá, inalterado, o mesmo antes e depois de percebermos a sua presença.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

A ilustração também enfatiza que o *Self/Ser* não é afetado pelos *upadhis*: é o mesmo antes, durante e depois do processo de negação.

### Verso 80

**Qualquer coisa feita de argila é de argila. Qualquer coisa feita de Consciência é Consciência inteiramente. Não há nada além da Consciência, então o indivíduo e o todo são um. Desta forma, a identidade do indivíduo e do todo é revelada em centenas de afirmações do Vedanta.**



ATRIBUÍMOS NOMES AS formas: nós designamos potes, jarros e pratos por sua forma e função, mas eles são todos feitos de argila. O pote não existe independentemente da argila, nem é essencialmente diferente de outros objetos feitos de argila. Na verdade, não há pote em nenhum sentido absoluto, mas apenas argila disponível para certo uso.

Nós estabelecemos que todos os objetos aparecem na Consciência. Além disso, vimos que todos os objetos não são nada além da Consciência. Os objetos não surgem e, de alguma forma, são notados pela Consciência, assim como as panelas não surgem sem a argila. Como o pote não é nada além de argila, os objetos nada mais são do que a Consciência. Isto significa, naturalmente, que não há objetos como eles são convencionalmente compreendidos. O conhecedor, o sujeito individual e o conhecido, o mundo objetivo, são *mithya*: realidade aparente. Ambas são resolvidas na Consciência, que é *satya*: a única realidade.

As distinções que fazemos entre o indivíduo e a totalidade podem ser úteis no nível fenomenal, mas elas não são reais, pois a Consciência não pode ser dividida. Podemos designar a argila como um pote ou jarro, mas foi, é e sempre será de argila, apesar do nome e forma atribuídos por nós para nossa conveniência temporária. O mesmo pode ser dito de nossa individualidade e da totalidade: ambas nada mais são do que a Consciência, como o Vedanta proclama em incontáveis escritos desde tempos imemoriais.

Verso 81

**Portanto, você é uma Consciência ilimitada e não dual, livre de modificações e impurezas.**



A CONCLUSÃO QUE devemos aceitar quando reconhecemos que o mundo objetivo, que inclui nosso corpo e mente, não é senão a Consciência, é que não somos outra coisa senão a Consciência. É simples. Mas ser simples não torna necessariamente fácil aceitar, pois temos que lidar com a tremenda força de nosso condicionamento, que o Vedanta chama de *vasanas*. Esse condicionamento só pode ser desfeito pela discriminação constante, e é por isso que o texto enfatiza a natureza essencial das qualificações para fazer uso adequado dos meios de conhecimento que o Vedanta oferece.

Mas a discriminação não nos transforma de um indivíduo em Consciência não-dual. Apenas nega as concepções errôneas que nos impedem de reconhecer nossa verdadeira natureza, que estava presente o tempo todo. Esses equívocos são o que pode ser chamado de “impurezas”. Mas as impurezas não são pecados no sentido de falhas morais; elas são equívocos de identificação do Ser pleno com objetos que aparecem na Consciência. O Eu, no entanto, não é afetado por essas impurezas, que são aparentemente reais e que, como todos os objetos aparentes, se resolvem na Consciência quando a ignorância desaparece.

Verso 82

**Assim como os objetos em um sonho não são reais, os objetos no estado de vigília criado pela autoignorância não são reais. Portanto, o complexo corporeno/senso não são reais. Você é a Consciência deles, livre de modificações e impurezas.**



QUANDO ACORDAMOS, IMEDIATAMENTE descartamos quaisquer sonhos recordados como produtos da imaginação. Podemos recordar as pessoas oníricas que encontramos e as cenas que encenamos com elas, assim como os pensamentos e sentimentos evocados por essas experiências. Mas nós os consideramos como imagens mentais e os rejeitamos como não sendo a espécie de realidade que atribuímos às pessoas, objetos e experiências no estado de vigília.

Mas uma análise cuidadosa, como a que nos envolvemos, revela que não há diferença essencial entre um pensamento onírico e um pensamento desperto:

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

ambos são imagens mentais. E uma imagem mental não ocorre fora da Consciência. Uma vez que abandonamos a falsa noção de que temos contato real com os objetos físicos e percebemos que tudo o que sabemos são impressões sensoriais coordenadas pela mente, vemos a semelhança essencial das experiências de sonho e de vigília. E quando refletimos mais sobre o fato de que a mente é simplesmente uma sucessão de pensamentos testemunhados pela Consciência, a noção de um mundo desperto de uma ordem diferente de realidade do mundo dos sonhos entra em colapso.

O que está presente nos mundos do sonho e da vigília é a Consciência, que não é afetada pelas imagens mentais que vêm e vão e pelos pensamentos e emoções que essas imagens evocam. Assim como as aparentes diferenças entre o indivíduo e a totalidade são resolvidas pelo significado implícito dos dois termos, que é a Consciência, as aparentes diferenças entre os objetos da vigília e dos sonhos são resolvidas pelo denominador comum, que é a Consciência. E se o estado de vigília puder ser resolvido na Consciência, então o mundo objetivo não mais permanece como uma realidade independente. Tudo é *mithya*, apenas uma aparência na Consciência, que não pode ser outra coisa senão a Consciência. Tudo o que resta é o Eu imutável.

## Os Benefícios do Conhecimento da Não-Dualidade

### Verso 83

**O pensamento, ou seja, o conhecimento, que indica a identidade entre o indivíduo e o todo, é livre da dualidade e é só Consciência. Quando o conhecimento é firme, aquele que tem o conhecimento é liberado enquanto vive.**



TODO PENSAMENTO É uma confusão do irreal com o real. Essa confusão é chamada *adhyasa*, ou sobreposição: nos lembramos de algo que percebemos e impomos essa lembrança a algo mais. No caso da cobra e da corda, uma vez que vimos ou obtemos conhecimento de uma cobra, nós impomos esse conhecimento na corda. A corda é real; a cobra é *adhyasa*.

O Vedanta é um meio de conhecimento preocupado principalmente em esclarecer essa confusão através do conhecimento do que é real - o *Self*. Não se preocupa em examinar a natureza da cobra. Uma vez que o conhecimento do que é real nasce, por assim dizer, a confusão acaba.

Quando nos percebemos como corpo-mente, tudo o que não está incluído nesse corpo-mente se torna o mundo: nós, como indivíduos, somos definidos em relação a essa totalidade. O ditado “Você é aquilo” rejeita essa definição afirmando que o indivíduo e o todo são um: ambos não são nada além da Consciência.

O pensamento de que somos Consciência não é da mesma ordem que outros pensamentos, o que confunde o irreal com o real. Quando pensamos: “Eu sou um marido” ou “Eu sou velho”, a parte real da afirmação está contida na frase “Eu sou”; a parte irreal na atribuição de um relacionamento (marido) ou condição corporal (velho). A Consciência não tem atributos, pois não é limitada. Não pode ser definida por um pensamento.

Todo pensamento tem um objeto. Mas o pensamento de que o indivíduo e a totalidade são um só dissolve todos os objetos, por isso não é um pensamento em si, mas o conhecimento puro no qual todos os pensamentos são resolvidos: a Consciência, o *Self*. Quando tentamos pensar na Consciência, nenhum objeto vem à mente. A Consciência não pode ser objetificada. Portanto, esse *antahkarana-vritti* pode ser comparado ao pensamento que engole todos os pensamentos, incluindo a noção de que somos indivíduos agindo em um mundo de objetos.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Não é que esse conhecimento modifique a nossa percepção sensorial de objetos: a mesa continuará sendo uma mesa, e nossa tia Harriet ainda parecerá como sempre. Mas não mais confundiremos aquilo que é real com aquilo que é irreal: tanto a mesa quanto a tia Harriet serão reconhecidas como o Eu – Consciência pura - aparecendo como uma mesa ou a tia Harriet.

O verso nos diz que aquele que é estabelecido nesse conhecimento é libertado enquanto vive. Do que tal ser é libertado? De *adhyasa* – de confundir o real com o irreal; de pensar que a Consciência ilimitada tem limites, que é a causa do sofrimento. E essa libertação existe para quem tem esse conhecimento, mesmo quando ele continua a fazer qualquer negócio que ele possa ter como um indivíduo aparente em um mundo aparente.

### Verso 84

**Dizem que ele ou ela é libertado enquanto vive quando o autoconhecimento é claro, a felicidade é contínua e o mundo mais ou menos esquecido.**



QUANDO NÃO MAIS acreditamos que a felicidade está nos objetos, não mais sofreremos a dor de tentar obtê-los, nem o sentimento de desolação que acompanha a sua perda. Nós saberemos que a felicidade é a nossa natureza. Quando um objeto desejado é obtido, chegamos a permanecer muito brevemente nessa natureza, até que surja um novo desejo. Se não desejarmos mais objetos, não haverá interrupção em nossa felicidade. E não mais desejaremos objetos, se soubermos que a felicidade não vem de possuí-los. O ser liberto está firmemente convencido dessa verdade e abandona a perseguição de objetos, de modo que não há nada que perturbe a sua felicidade. Ele permanece no Ser pleno, como o Ser pleno, sem interrupção.

E quando não perseguimos mais objetos, o mundo não mais reclama nossa atenção. Estamos preocupados com o mundo apenas quando acreditamos que somos indivíduos e nossa felicidade deve ser medida por nosso relacionamento com os outros e nosso estoque de posses. De que serve o mundo para nós quando percebemos que somos a Consciência pura? O *Self*/Ser pode ganhar ou perder alguma coisa? Ele pode ser afetado pela situação do mundo?

E qual é a situação do mundo se não o arranjo temporário de objetos aparentes que vêm e vão como pensamentos na Consciência? Os esquemas utópicos baseiam-se na ilusão de que a felicidade é obtida organizando esses objetos aparentes de uma maneira ou de outra. Quanta miséria surgiu da infundável tentativa de tornar o mundo um lugar melhor? Não é o que chamamos de história,

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

mas o triste registro do sofrimento causado pela implementação de vários esquemas para remodelar a sociedade de acordo com algum ideal?

O ser liberado é libertado da ilusão de que ele deve tornar o mundo um lugar melhor. O mundo, ele sabe, é *mithya* - apenas aparentemente real. Tentar melhorar o mundo é como tentar melhorar os sonhos de alguém. Ao acordar, descartamos o sonho; nós não temos planos para tornar o mundo dos sonhos um lugar melhor. Quando nos estabelecemos no conhecimento do Ser pleno, não pensamos mais em como melhorar o mundo. Não há mundo. Nada precisa ser melhorado. E mesmo que o mundo receba uma realidade temporária, e mesmo que possa ser demonstrado que temos a obrigação de torná-lo um lugar melhor, como deveríamos saber o que é necessário para melhorá-lo?

A liberação nos liberta da ilusão e da arrogância da ambição mundana, mesmo em sua expressão mais altruísta. Nós não somos pecadores, então não precisamos tentar ser santos. Nós estamos bem, simplesmente absolutamente bem, como nós somos, e assim está todo mundo, pois somente o Eu existe e não precisa ser consertado. Imaginar essa liberdade é maravilhoso; vivê-la tem de ser maravilhoso além das palavras.

Apenas considere por um momento quanta angústia sofremos ao tentar nos tornar uma pessoa melhor: todas as resoluções que começaram em esperança e terminaram em desespero; toda a contemplação do espelho espiritual cujo reflexo nos envergonhamos; todas as orações, lágrimas e recriminações. E nós vivemos em uma sociedade que encoraja esse narcisismo agonizante.

Se entrássemos em uma livraria e passássemos para a seção de autoajuda, teríamos à nossa disposição uma vasta gama de receitas para preparar uma personalidade melhor. E há os conselhos da religião, entregues a nós pela classe sacerdotal ou ministerial, que presumem que precisamos de sérios reparos e que podem nos prescrever como os intérpretes escolhidos da palavra divina; ou podemos cair nas mãos da outra classe sacerdotal, os psiquiatras e psicoterapeutas, que nos prescrevem como intérpretes da palavra científica, e prometem ajudar-nos a reorganizar nossos pensamentos de um modo que os tornem menos problemáticos.

Imagine estar livre de toda essa introspecção angustiante. Imagine que você não é uma personalidade que precisa ser consertada. Então perceba que isso é a verdade. Sinta o alívio. Sinta a liberdade. Esta é a vida do liberado. É por isso que *moksa* tem valor e o Vedanta perdura.

### Verso 85

**Mesmo que ele ou ela viva em um corpo, a característica mais saliente dos seres libertados é a ausência do senso de "eu" e "meu".**



O CORPO NÃO é um obstáculo ao autoconhecimento. As religiões geralmente presumem o contrário e o que é denominado “pecado” geralmente envolve indulgência em alguma forma de prazer corporal julgado erradamente intrinsecamente ou circunstancialmente. A negação de tal prazer é chamada de virtude, que pode incluir práticas ascéticas destinadas a punir o corpo, como se fosse culpado de transgressão contra o espírito. Yoga, por vezes, assume a forma de tal "virtude".

Mas é a identificação com o corpo que nos mantém na escuridão, por assim dizer. O único "pecado", para alguém que busca o autoconhecimento, é acreditar que "Eu sou o corpo". A libertação libera dessa identificação. E quando não acreditamos mais que somos o corpo, não reivindicamos mais a posse de objetos, todos servem a algum propósito relacionado ao corpo.

Quando dizemos: "Esta é a minha casa", queremos dizer que é onde meu corpo vive a maior parte do tempo. Os seres liberados também vivem em casas, mas eles sabem que a casa, como o corpo, é *mithya* - apenas aparentemente real, e ninguém possui nada. Somos a Consciência se expressando através de um corpo aparente, que faz uso de objetos aparentes. Mas se, na realidade, nós somos ninguém, e, na realidade, não há nada, quem pode possuir o quê?

Os seres libertados vêm em muitas formas e tamanhos, dizem-nos, mas o verso descreve a sua característica mais “saliente” - mais notável e importante - como a ausência de um senso de propriedade. Assim que possuímos algo, começamos a nos sentir ansiosos por isso. Por quê? Porque corremos o risco de perder aquilo que possuímos. Eu, como um corpo, não posso ser feliz se o banco executar a hipoteca da minha casa ou meus investimentos no mercado de ações caírem ou minha esposa fugir com o meu melhor amigo.

Mas se não tivermos nada, não há nada que possamos perder. E o fato é que não possuímos nada. A Consciência pura, o Eu, não é nenhum dos objetos que aparecem na Consciência: nem uma casa, nem um investimento ou uma esposa. A discriminação nos ensinou isso. Somente o ego, refletindo a Consciência e usurpando sua identidade, possui as coisas. Apenas o ego pode perder coisas. Apenas o ego pode ser infeliz.

A libertação da ignorância não é a libertação do corpo, mas da identificação do corpo e tudo o que o acompanha, principalmente o ego: o sentido de “eu” e “meu” - a fonte de tanta angústia. Então, quando somos libertados, mantemos nossos

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

corpos, mas não os possuímos mais. Eles pertencem a *Isvara*, e *Isvara* é apenas uma noção que ajuda a explicar as coisas para nós quando pensamos que somos um corpo. “Você é aquilo” afirma que não há diferença entre o que consideramos ser o corpo - o indivíduo - e o que nós consideramos estar fora do corpo - o mundo: ambos não são nada além da Consciência. O que a Consciência pode possuir? Tudo e nada.

### Verso 86

**O Ser pleno não se arrepende de ações feitas no passado, está livre de culpa, não está preocupado com o futuro e é imparcial com referência ao que acontece no presente.**



O EU NÃO tem história. Não podemos começar a escrever a história do Eu (*Self*) em sua infância, depois detalhar suas experiências na adolescência e juventude; nem podemos especular sobre o que poderia acontecer com o *Self* nos próximos anos. A Consciência é imutável, sem início, sem atributos. Não tem personalidade.

Quando deixamos de identificar o Eu com um corpo em particular, também deixamos de reivindicar como nossas as ações recolhidas daquele corpo. Ramana Maharshi ensinou que a ação é insensível. Isso só pode significar que a vida – a Consciência - não é inerente à ação, que funciona impessoalmente, como as leis da natureza. Nós não nos sentimos culpados por um ato da natureza, como um furacão ou terremoto; nem devemos nos sentir culpados por alguma ação que um corpo realizou.

A questão da moralidade surge aqui: Eu não sou responsável pelas coisas que faço? A questão presume que “Eu” sou o corpo ou, pelo menos, o pensamento intencional que coloca o corpo em movimento. Ora, quando desejamos algo, concebemos uma ação que pode obter o objeto desse desejo e, se possível, podemos realizar essa ação. Toda ação produz um resultado. Mas todo o processo é insensível, isto é, não é intrinsecamente moral ou imoral. Podemos pensar que uma ação em particular é um vício, pois prejudica a nós ou aos outros, mas tal pensamento é algo sobreposto à ação, não é parte integrante dela. As ações humanas, como a gravidade, operam impessoalmente, e quando usamos linguagem figurada sobre a justiça divina ou a retribuição *kármica*, estamos apenas expressando nossas emoções sobre os resultados das ações, que são distribuídos de acordo com as leis inevitáveis da natureza. Como nós, enquanto personalidades imaginadas, nos sentimos sobre esses resultados é outra questão.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Há alguns que entendem mal o que significa dizer que a ação é insensível e o *karma* impessoal: pode ser tomado como uma licença para se comportar sem a restrição da moralidade convencional. A noção “eu não sou o corpo” tem sido a razão por detrás dos escândalos que cresceram em torno de alguns gurus e seus seguidores. Mas se realmente percebermos que não somos o corpo, não buscaremos a felicidade tentando satisfazer desejos corporais. E afirmar que não somos o corpo não garante a imunidade corpo-mente dos resultados de nosso comportamento. Podemos fazer o que quisermos, mas devemos aceitar as consequências. E haverá consequências.

A ausência de culpa sobre as ações passadas e de preocupação com o futuro que é característico do liberado não o conduzem a um comportamento desregrado. Muito pelo contrário. Quando percebemos que a felicidade não está nos objetos, incluindo o corpo, naturalmente perdemos o interesse por objetos, incluindo o corpo. Nós não estamos mais preocupados com o que o corpo fez, nem com o que ele pode experienciar no futuro, nem estamos ansiosos com o que está acontecendo com o corpo agora. Se o corpo é um objeto, e não somos esse objeto, por que devemos nos preocupar com isso? O corpo é preocupação de *Isvara*, não nossa, e *Isvara* fará o que a lei do *karma* exigir, independentemente de como nos sentimos a respeito. Nesse conhecimento está a paz. E a paz é a felicidade.

### Verso 87

**Ele ou ela vê objetos aparentemente distintos dotados de qualidades igualmente aceitáveis e inaceitáveis.**



O QUE TORNA um objeto aceitável ou inaceitável para nós? Nossos gostos e aversões. Nós gostamos daquilo que promete prazer e evitamos aquilo que pressagia dor. Então, estamos constantemente avaliando os objetos que nos aparecem e nos movendo em direção a eles ou nos afastando deles. Nossa experiência, quando governada por nossos gostos e aversões, é de constante agitação; a paz só pode ser superficial e fugaz.

Quando somos liberados, um *jivanmukta*, sabemos que a felicidade não está no objeto, mas é nossa natureza. Os critérios pelos quais julgamos os objetos como aceitáveis ou inaceitáveis são removidos. De fato, os objetos são percebidos como não separados da Consciência, o Eu. E o Eu/Ser pleno não é dividido de maneira alguma.

Os fenômenos ainda aparecerão como manifestações dos *gunas*, isto é, como expressões de *sattva*, *rajas* e *tamas* em várias combinações, mas não reagiremos

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

mais a essas aparências, pois então não desejamos nem tememos as produções de *maya*.

### Verso 88

**Ele ou ela não está sujeito à euforia quando as situações estão em harmonia com seus gostos ou aversões, ou ainda depressão quando não estão.**



QUANDO SABEMOS QUE somos o Ser pleno, não estamos mais sujeitos aos altos e baixos que caracterizam a vida emocional daqueles que se identificam com o corpo-mente. Enquanto acreditarmos que somos um indivíduo, dependemos de circunstâncias que não podemos controlar, seja qual for a felicidade que possamos experimentar. Também estamos à mercê dessas circunstâncias quando nos apresentam uma situação que achamos dolorosa.

Como mencionado no comentário anterior, e ao longo deste livro, a libertação é saber que a felicidade não está nos objetos. O corolário segue que a infelicidade também não está nos objetos. A libertação está nessa fuga da tirania das circunstâncias, o que equivale a sermos escravizados pelos nossos gostos e aversões.

### Verso 89

**Ele ou ela é indiferente para elogiar ou culpar.**



ENQUANTO PENSARMOS QUE a felicidade está nos objetos - e outras pessoas estão incluídas no catálogo de objetos - queremos que os outros pensem bem de nós. Isso vem da dúvida e da insegurança que sentimos como indivíduos tentando encontrar a felicidade duradoura em um conjunto de circunstâncias em constante mudança. Se as pessoas pensam bem de nós, pensamos bem de nós mesmos. Pensamos: "Sim, sou digno de ser amado", e nos sentimos satisfeitos e em paz, por enquanto.

Mas o que acontece quando o outro não mais pensa bem de nós? Perdemos seu amor e nossa estima do nosso próprio valor afunda. Então pensamos: "Sim, não sou digno de amor e por boas razões. Os outros estão certos em pensar mal de

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

mim.” Enquanto medimos nosso valor pelo amor aparente que os outros expressam por nossa aparente personalidade, vivemos no mundo inseguro da mente, em que a dúvida nunca cessa e a autoimagem é um camaleão.

Quando estamos livres da mente, estamos livres de medir nosso valor pelo critério das opiniões dos outros, incluindo nossa própria opinião. Na verdade, não há outros, apenas o *Self*. A Consciência pode ser elogiada ou culpada? Para quê? Por quem? O tribunal da opinião pública está fechado.

### Verso 90

**Não há *samsara*, nem a ideia de “tornar-se” ou vida sujeita a mudanças, para os libertados. Se existe *samsara*, não há conhecimento da Consciência devido à extroversão da mente.**



*SAMSARA* PODE SER entendido como se referindo à reencarnação. Esse não é o seu significado no contexto deste verso. *Samsara* aqui significa identificação com o corpo-mente e suas condições sempre mutáveis.

Enquanto pensamos que somos um indivíduo, percebemos um mundo de objetos separados de nós e estamos sujeitos a nossos sentimentos sobre esses objetos. Alguns nós gostamos, outros sentimos aversão. Temos, na melhor das hipóteses, apenas um controle muito limitado sobre quais objetos vamos experimentar, o que nos torna impotentes diante de suas flutuações incessantes. Não podemos, por exemplo, prever o que acontecerá daqui a dois minutos e se gostaremos ou não. Isso nos coloca em uma situação lastimável, sempre subindo e descendo na gangorra da dor e do prazer, incapaz de alcançar qualquer estabilidade intelectual ou emocional. Este é o *samsara* - a vida de mudanças sem fim.

Quando somos libertados, estamos livres do *samsara*. Não há um conjunto de condições externas necessárias para a nossa felicidade. Na verdade, não há condições externas, pois não existe dentro e fora da Consciência. O não-Eu não é mais percebido e acreditado. Enquanto ele for percebido e acreditado, não somos liberados. Extroversão significa virar para fora. É ver a realidade, não como ela é - Consciência não dividida - mas como um sujeito que percebe uma multiplicidade de objetos independentes. Enquanto somos extrovertidos, estamos presos na dualidade, uma criatura solitária que olha para um mundo estranho que às vezes nos fere, às vezes nos agrada. Nós nos tornamos como figuras numa tragédia Grega, com os destinos girando e cortando os fios de nossas vidas enquanto sofremos ou desfrutamos desesperadamente - mas principalmente sofremos, pois

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

toda a felicidade encontrada nos objetos, isto é, através da extroversão, está de passagem. Ser livre significa deixar de estar preso na roda do *samsara* enquanto se transforma em ciclos intermináveis de dor e prazer. Quem não desejaria conhecer tal liberdade?

### Verso 91

**Assim como as ações realizadas em um sonho são dissolvidas ao acordar, os resultados acumulados de ações passadas são dissolvidos pelo autoconhecimento.**



ESTE VERSO NOS atrai novamente para a questão do *karma* e afirma inequivocamente que a libertação nos libera dos resultados de ações passadas, por mais inumeráveis que sejam. Como esta libertação é realizada? Se o corpo permanecer, ele deve agir e experienciar os resultados da ação. Não pode permanecer imóvel, como caricaturado pela imagem do homem santo meditando sentado no topo de uma montanha. Portanto, devemos perguntar: "Como o autoconhecimento dissolve os efeitos das ações passadas?"

Alguns supõem que a iluminação de algum modo apaga a Consciência do corpo. Se este não for o caso, argumentam eles, a escravidão deve permanecer. Mas a escravidão, devemos lembrar, é a identificação com o não-Eu. O corpo não precisa desaparecer da Consciência para sermos livres; devemos simplesmente deixar de pensar no corpo como o *Self*. E o corpo não pode desaparecer da Consciência em qualquer caso, pois é uma manifestação de *Isvara*, o que significa dizer que ele tem uma realidade empírica.

Estritamente falando, existe apenas uma realidade: o *Self*. Mas podemos discutir as aparências da realidade em diferentes níveis, desde que sejamos claros sobre a natureza provisória dessas aparências. O Vedanta postula três níveis de realidade: o mais elevado, o empírico e o imaginário.

A verdade mais elevada é aquela em que o ser é entendido como Consciência não dividida. A realidade empírica - de limitações aparentes - corresponde ao que é comumente percebido: é a natureza convencionalmente aceita das coisas. A realidade imaginária é aquilo que é o produto mental de um indivíduo e restrito à sua percepção, como é uma imagem em um sonho.

Nós nos referimos anteriormente a *adhyasa*, que é a mistura do real com o irreal. O termo "irreal" é inerentemente contraditório, pois não pode haver algo como o irreal. Há o Ser pleno, ponto final. Portanto, essa confusão, que é frequentemente

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

referida pelo termo “sobreposição”, pode ser definida com mais precisão como confundindo o nível mais elevado da realidade com a realidade empírica ou imaginária. Em suma, ocorre quando pensamos que o não-Eu é o Eu.

Ora, *adhyasa* pode ocorrer de duas maneiras. Quando confundimos a serpente com a corda, estamos lidando com uma realidade imaginária, na ordem da imagem do sonho. Esse produto da imaginação é dissipado quando reconhecemos a corda ou, no caso de um sonho, quando acordamos. Tanto a cobra quanto a imagem do sonho desaparecem.

Mas quando deixamos de identificar o Eu com o corpo, o corpo não desaparece, pois tem uma realidade empírica. Não é o produto de um sonho ou uma percepção equivocada. Ele continuará a agir e a experienciar os resultados das ações, mas nós não o faremos, pois saberemos que somos diferentes do corpo. O autoconhecimento dissolve os resultados das ações passadas desta maneira: elimina nossa identificação com o fazedor e apreciador da ação, ou seja, o corpo-mente.

Pensar que a Consciência do corpo deve desaparecer para que o Ser pleno seja realizado é investir o corpo com mais do que a realidade empírica: é colocar o corpo no mesmo nível do Eu e considerar ambos como realidades mutuamente exclusivas. Do mais elevado nível, como se sabe, não há corpo no sentido de que existe apenas existência e conhecimento ilimitados. Mas é a nossa incapacidade de manter o mais elevado nível de compreensão que nos levou ao Vedanta, que verdadeiramente nos resgata de onde podemos estar e pacientemente nos leva de um nível a outro, até nos estabelecermos como o *Self*.

### Verso 92

**As boas ou más ações feitas em um sonho não enviam o acordado para o céu ou para o inferno.**



OS NÍVEIS DE realidade discutidos no comentário sobre o verso anterior são definidos por sua duração. Aquilo que é verdadeiramente real, o mais elevado nível, transcende o tempo; aquilo que é empírico e imaginário dura por períodos mais longos e mais curtos, respectivamente.

Os sonhos são considerados como produto da imaginação, pois seus objetos não são transferidos para o estado de vigília, mas imediatamente se dissolvem quando recuperamos a Consciência do corpo físico e do seu ambiente. Quando acordamos, não sofremos nem desfrutamos das consequências dos eventos que

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

ocorreram no sonho, e isso nos parece bastante natural, pois o sonhador não existe mais, e como o mundo dos sonhos depende de sua existência, isso também desaparece.

Quando não nos identificamos mais com o corpo-mente, despertamos do sonho do não-Eu, por assim dizer, e reconhecemos que o que quer que tenha ocorrido naquele sonho de *maya* não tem efeito sobre nós. Isso não quer dizer que a ação/reação não continue no campo em que o corpo-mente opera, mas que não mais confundamos o Eu com o mundo de objetos efêmeros. O *karma* é insensível e impessoal. É frequentemente comparado às imagens que vêm e vão na superfície de um espelho. O espelho, que representa o *Self*, é real e permanece o que é antes, durante e depois do aparecimento das imagens.

### Verso 93

**Os libertados são livres de experiências e imparciais em relação a elas. Eles não se preocupam com o futuro.**



ENQUANTO PENSAMOS QUE somos o corpo-mente, buscamos experiências que achamos que nos deixarão felizes e fugimos daquelas que achamos que nos farão infelizes. Estamos sempre categorizando eventos com base nesses critérios, e estamos ansiosos sobre o que acontecerá, desejando controlá-los e sofrendo com a nossa impotência para fazê-lo.

Assim, nossa vida se torna um fluxo e refluxo incessante de prazer e dor, medo e aversão, e a paz pela qual tanto ansiamos é apenas provada de forma fugaz quando o desejo se apaga momentaneamente. Os libertados não mais se identificam com o corpo-mente, que é o local da experiência, de modo que estão livres de todas as contingências deste mundo, em relação a todos os eventos com uma uniformidade mental que vem do desapego.

Para voltar à metáfora usada no verso anterior, os libertados sabem que são o espelho no qual os eventos são refletidos. Eles não confundem a Consciência com os objetos que aparecem em sua superfície, por assim dizer, mas simplesmente os observam na medida em que eles vêm e vão, sabendo que não têm substância.

Somente nos preocupamos com o que acontecerá quando acreditamos que nossa felicidade depende de eventos externos que são sempre mutáveis. Quando sabemos que tais eventos são apenas imagens que brilham no espelho da Consciência, que é o nosso próprio Eu, nossa ansiedade se dissolve, assim como

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

toda imagem que se manifesta brevemente e nos faz acreditar que é real mesmo quando se desvanece no ser imutável do qual surgiu.

### Verso 94

**O espaço não é afetado pelos objetos que estão nele, nem pelo cheiro de licor.  
O Eu, a Consciência, não é afetado pelos atributos dos adjuntos-limitantes.**



O SER PLENO não se presta a analogia, pois manifesta todo objeto ao qual possa ser comparado. No entanto, quando usamos as palavras como ajuda para compreender o Eu, o espaço nos fornece a analogia mais adequada disponível.

O espaço é sem forma, mas todas as formas aparecem no espaço. O espaço não está restrito à localização de nenhum objeto, mas todos os objetos estão localizados no espaço. O espaço não é afetado pelos objetos que aparecem nele ou pela ausência de qualquer objeto. O espaço não é medido pelo tempo, mas o tempo é medido pelo espaço, isto é, pela distância no espaço entre os objetos. Em suma, o espaço é onipresente, atemporal e a tudo permeia. Todos esses não são atributos, mas negações de atributos.

Este verso refere-se ao conceito de “adjunto-limitante”, chamado *upadhi*, que descrevemos em versos anteriores como aquilo que não tem natureza em si, mas que parece existir devido à sua proximidade com outra coisa, como no caso do cristal e a rosa. O *upadhi* no exemplo é a vermelhidão do cristal, que é a mera aparência produzida pela rosa perto do cristal.

Tudo o que atribuímos ao corpo-mente é como a vermelhidão do cristal: todos esses atributos são aparências possibilitadas pela proximidade do Eu. Não se deve pensar, entretanto, que o Eu está em um lugar e o corpo-mente em outro lugar muito próximo a ele; nem que o corpo-mente esteja realmente separado do Eu. É quando percebemos essa separação que o adjunto-limitante, o *upadhi*, aparece. A ignorância surge simultaneamente com sua percepção e a percepção ocorre à luz da Consciência.

Mas como nada existe fora da Consciência, nada pode afetar a Consciência, assim como nada pode afetar o espaço. Os adjuntos-limitantes do corpo-mente não produzem qualquer mudança na Consciência, nem deixam qualquer resíduo, como sugerido pela analogia com o cheiro de licor deixado em um recipiente. A referência aqui é ao *karma*, que não produz efeitos no Ser pleno com base em ações passadas, nem em resultados futuros baseados em ações presentes. Mas surge então a questão: se o Eu está além da ação, por que aquele que realiza o Eu permanece em um corpo-mente que continua a funcionar no campo da ação? A próxima seção aborda essa questão.

## O Karma do Liberado

### Verso 95

**Os resultados das ações realizadas antes da liberação frutificam como uma flecha lançada de um arco.**



O CORPO É uma manifestação da ação passada: toma forma a partir do que fizemos e do que desejamos fazer. Mas o corpo não está, como a ignorância individual, no nível da realidade imaginária. É empírico. Nas palavras da tradição, o corpo é uma manifestação de *Isvara*, ignorância cósmica. Como tal, não desaparece quando a ignorância individual desaparece.

O verso compara o *karma* do libertado a uma flecha que já foi liberada do arco e deve continuar até atingir o seu alvo. Seu caminho não pode ser interrompido no meio do voo. Uma ilustração adicional é frequentemente dada. Um grupo de dez homens cruza um riacho. Quando chegam ao outro lado, o líder conta apenas nove, deixando de se incluir, e acredita que um dos homens se afogou. Lamentando a perda, ele bate a cabeça contra uma árvore. A ferida é enfaixada, mas enquanto o atendimento está ocorrendo, seu erro é explicado a ele. A sua ignorância e consequente tristeza são removidas, mas a ferida na cabeça permanece.

Quando percebemos o Ser pleno, somos libertados de nossa ignorância, mas o corpo ainda deve suportar o efeito de qualquer ação que já tenha sido colocada em movimento.

### Verso 96

**Uma flecha destinada a um tigre não para no meio do voo quando o arqueiro percebe que confundiu uma vaca com um tigre.**



QUANDO A IGNORÂNCIA termina, os efeitos da ignorância podem continuar, como ilustrado no exemplo anterior do homem que bateu a cabeça contra a árvore devido a uma perda ilusória. Este verso elucida ainda mais o ponto. As ações postas em movimento devido a um equívoco, como a identificação com o corpo-mente, devem completar seu curso, mesmo que não trabalhem mais sob o equívoco.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Nenhum *karma* futuro será gerado uma vez que a ignorância seja dissolvida, mas o que trouxe esse corpo à existência é como uma flecha liberada do arco: o autoconhecimento não deterá seu curso, pois a liberação é para o indivíduo; o *karma* pertence a todo o campo de ação e, como tal, é propriedade de *Isvara*, e *Isvara* não se importa se o indivíduo está liberto. Suas leis são totalmente impessoais.

### Verso 97

**Não é correto dizer que os libertados são afetados pelos resultados de suas ações passadas, assim como não é correto dizer que uma pessoa que matou alguém em um sonho deve ser responsabilizada quando acordar.**



O FAZEDOR E o desfrutador é o ego, o sheath (invólucro) intelectual. Mesmo essa afirmação não é estritamente precisa, pois o ego é um pensamento que ocorre após uma ação ter sido executada ou o resultado de uma ação ter sido experienciado. O ego, por assim dizer, chega atrasado ao grupo e insiste que ele esteve lá o tempo todo.

Uma vez que o ego tenha sido negado, como acontece quando o invólucro (sheath) intelectual é entendido como o não-Eu, suas falsas afirmações caem por terra. As ações e os seus resultados, então, são vistos como impessoais, como sempre foram na verdade. Eles pertencem a *Isvara*, o campo, não a qualquer entidade individual imaginada.

Quando o ego é negado, como é o caso do libertado, não resta ninguém para agir ou sofrer ou desfrutar dos resultados das ações. Temos que identificar o "Eu" concebido com o complexo corpo-mente para experienciar o *karma*. O "Eu" é realmente a Consciência, o Ser pleno; o ego é a identificação equivocada do Eu com objetos que aparecem no campo de ação. Quando essa identificação equivocada cessa, o campo de ação não nos preocupa mais. Continua, de maneira mecânica, a produzir resultados adequados às ações, mas não nos consideramos parte desse processo insensível.

O que quer que aconteça ao corpo-mente, não acontece com aquele que está livre da identificação com o corpo-mente. A ignorância é comparada neste verso a um sonho, e aquele que está acordado não sofre mais os efeitos das ações realizadas em um sonho. O *karma* não pode tocar o *jivanmukta*.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

### Verso 98

**As palavras infalíveis das escrituras dizem que o Eu/Ser é não-nascido e não condicionado pelo tempo. Se isso é verdade, como a ação e seus resultados podem afetá-lo?**



AQUILO QUE NASCE não existia antes. Seu nascimento é a sua criação. O Ser/*Self*, que a escritura descreve como existência e conhecimento ilimitados, não poderia ter nascido, pois isso exigiria que não existisse antes de seu nascimento. Pode a existência não existir? E se tal fosse possível, a partir do que a existência nasceria? Nada vem do nada.

Dissemos anteriormente que o que não existe no começo e deixa de existir no final não pode existir no meio. Tudo o que nasce pertence a essa categoria e sua existência aparente requer uma impossibilidade: a realidade do não-ser da qual deve nascer e para a qual deve desaparecer. Não só o Eu/Ser é não nascido, tudo é não nascido. Essa lógica tenta nos levar do nível empírico para o nível mais alto, nos mostrando o absurdo em que se baseia a visão de senso comum da “realidade”.

O senso comum nos diz que somos indivíduos sujeitos ao tempo, o que significa que sofremos e desfrutamos dos resultados das ações. Mas o próprio tempo é uma impossibilidade, pois requer que algo venha do nada, permaneça por um tempo, depois retorne ao nada; requer que os seres nasçam, sofram e morram.

É para aqueles que trabalham sob as ilusões do ponto de vista do senso comum e perguntam por que aqueles que são libertados ainda têm corpos, que o texto endereça o problema do Ser/*Self* nascer e sofrer no decorrer do tempo. Nem mesmo o corpo, no sentido absoluto, nasce. Os elementos a partir dos quais é composto se juntam em um arranjo provisório e depois se separam. Mas nada vem a ser. Nada nasce.

### Verso 99

**Porque o corpo que está sobreposto ao Eu/Ser, não é independente. Como pode uma sobreposição nascer e como ela pode morrer? Como algo irreal pode produzir efeitos?**



LEMBRE-SE DE QUE a sobreposição é *adhyasa* - misturando o irreal com o real. O ponto de vista comum é que o corpo é real e a Consciência é uma função do

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

cérebro. Mas tanto o corpo quanto o cérebro são apenas ideias das quais estamos intermitentemente conscientes. Eles não têm existência fora da Consciência. Acreditar de outra forma é confundir a verdade com um falso entendimento.

Uma sobreposição é um falso entendimento. É, por assim dizer, irreal, embora até as sobreposições só sejam possíveis por causa da realidade do *Ser/Self*, da Consciência em que aparecem. A linguagem no Vedanta invariavelmente leva ao paradoxo, pois estamos usando um meio dualista para abordar a não-dualidade.

Se a sobreposição é uma aparência na Consciência, não existe existência independente da Consciência. Não pode nascer, pois a Consciência não nasce; nem pode morrer, pois a Consciência não morre. E como há apenas a Consciência, em quem ou no que a sobreposição pode produzir um efeito real? O texto está martelando, de todas as maneiras possíveis, as implicações da não-dualidade para que toda possível dúvida seja esclarecida.

### Verso 100

**A escritura fala do *karma* do ponto de vista empírico para satisfazer a curiosidade de pessoas tolas que querem saber por que o corpo permanece após o autoconhecimento.**



A DÚVIDA PODE surgir: se não há *karma* para os libertados, por que as escrituras descrevem isso como se fosse real? Lembre-se de que nos versos 95 e 96 há uma explicação do que é chamado de *prarabdha karma*. Quando somos libertados, nos é dito que o *karma* que já foi posto em movimento deve completar seu movimento.

Mas, tão logo o texto faz essa afirmação, ele aparentemente a contradiz, alegando que não há *karma* para os libertados. Como essa reviravolta pode ser reconciliada? No verso atual, somos informados de que a explicação anterior foi oferecida em favor do “tolo”. Essa não é uma expressão elitista de desprezo, mas sim um reconhecimento de que a realidade pode ser vista a partir do nível empírico no qual objetos independentes parecem existir. O ensino nos conduz a partir deste nível e nos eleva.

O Vedanta usa um método de ensino chamado *adhyaropa-apavada*. Uma resposta a uma dúvida ou objeção é dada provisoriamente, de maneira apropriada à capacidade atual de entendimento do investigador. Quando esse entendimento progride para um nível mais sutil, a resposta anterior pode ser negada. Da mesma maneira, contamos às crianças histórias destinadas a satisfazer a sua curiosidade.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

A intenção não é enganar, mas apenas manter a explicação completa e real na reserva até o momento em que a criança amadureceu o suficiente para recebê-la.

Do ponto de vista mais elevado, o *karma* é visto como uma explicação provisória que satisfaz a curiosidade que surge no nível empírico. Mas uma vez que sabemos que só existe o Eu, não há *karma*, pois não há corpo, nem ator, nem tempo. Todas essas coisas aparentemente díspares, integrantes do conceito de *karma*, parecem existir apenas no nível empírico.

O *karma* é como a cobra na corda. Não tem existência independente de seu substrato, a Consciência, o *Self*. Mas desde que acreditemos que a corda seja uma cobra - isto é, sobreponemos o corpo-mente ao Eu - o ensinamento deve abordar nossa confusão no nível em que ocorre. O *karma* é um conceito transitório. Não mais se refere aos liberados, embora eles também pareçam estar sujeitos ao *karma* na observação de alguém que ainda pensa que o corpo-mente é uma entidade independentemente existente. É para o bem daqueles que trabalham sob este mal-entendido que o tópico do *karma* para o libertado é endereçado.

### Verso 101

**O Vedanta resume-se a um fato para o qual os textos são os meios de conhecimento: o indivíduo e o mundo são um só. A libertação é estar firme neste conhecimento.**



OS TEXTOS DO Vedanta são muitos; seu significado é um: "Você é aquilo." Os 108 Upanishads existentes, o Bhagavad Gita, os Brahma Sutras, os incontáveis comentários, os volumosos escritos de Shankaracharya, incluindo este texto, são um meio de conhecimento para nos levar à realização desta simples verdade: o indivíduo e o mundo são um. É aquilo que chamamos de Ser/*Self*. Enquanto permanecemos estabelecidos neste conhecimento, somos livres. Quando nos afastamos, temos a impressão de que estamos presos no *samsara*.

Jean-Paul Sartre, o falecido filósofo existencialista, disse certa vez: "O inferno são as outras pessoas". Há verdade nesta afirmação, independente da intenção de Sartre. O Vedanta diz quase a mesma coisa: quando nos vemos separados do mundo, incluindo outras pessoas, mergulhamos na miséria da dualidade. O medo começa quando vemos algo fora de nós. O medo desaparece quando percebemos que nada existe fora de nós. Nada pode nos ameaçar, pois não há nada que não seja nós.

## **A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO**

O indivíduo faz parte do mundo e o mundo aparece na Consciência, como Consciência. Enquanto nos vemos como um objeto em meio a outros objetos, nos sentiremos incompletos, limitados por esses outros objetos. Esse é um sentimento antinatural com o qual nunca podemos ficar sossegados, pois nos afasta em todos os sentidos. Estamos sempre tentando nos libertar desse sentimento de afastamento juntando-nos a objetos, incluindo outras pessoas. Esse é o ímpeto do que normalmente chamamos amor. Mas o amor é a nossa natureza, não o produto de um relacionamento. Não há, de fato, nada com o qual possamos nos relacionar, pois tudo é o Eu. É por isso que os relacionamentos costumam ser tão difíceis e tendem a falhar: são construções falsas baseadas na simples aparência de separação. O inferno está na crença de que existem outras pessoas.

Quando sabemos que existe um Eu, continuamos a perceber outras pessoas, mas sabemos que tudo isso é aparência no nível empírico. O texto nos levou às negações dos cinco sheaths (invólucros). Se estes sheaths não são quem somos, eles também não são ninguém. Quando negamos o corpo para nós mesmos, nós o negamos para todos, e assim é com os outros sheaths (invólucros). Quando todos são negados, apenas o Ser/Eu permanece. Este é o maior entendimento. É isso que os textos do Vedanta ensinam e a verdade pela qual eles sozinhos são um meio de conhecimento. Viver nesta verdade, como esta verdade, é libertação.

## A Realização

### Verso 102

**O investigador disse ao professor: “Por tua graça sou abençoado, porque realizei tudo o que deve ser realizado. Eu estou livre do samsara. Eu sou a bem-aventurança plena e completa, livre de necessidades e sempre presente. Eu sou tudo o que é.”**



O ESTUDANTE DIZ que é abençoado, pois não precisa fazer mais nada para ser feliz. O impulso de agir vem do sentimento de incompletude que surge quando identificamos o Ser/Eu com os *upadhis* - os adjuntos-limitantes. Então nos sentimos compelidos a tentar nos livrar das limitações não naturais que sobrepusemos ao Eu, e olhamos para os objetos para nos completar. Isso nos liga à roda do *samsara*, ao esforço incessante e à insatisfação perpétua. O estudante está exultante porque agora está livre do *samsara*. Ele não precisa de nada, pois ele sabe que é tudo. Não há nada que ele deva fazer. Ele está livre da compulsão para agir.

O estudante não se sente mais compelido a agir, pois ele não acredita mais que qualquer experiência no tempo resulte em felicidade duradoura, que é a ilusão que nos impulsiona pela vida. E ele percebe que o que o libertou foi o conhecimento, não a ação. A iluminação não é um evento; é um reconhecimento de que nós somos a "bem-aventurança plena e completa". Quando isso é conhecido, nada resta a ser feito.

### Verso 103

**“Eu recuperei meu reino devido à sua graça e à graça de *Isvara*. Você e *Isvara* são um. Eu me curvo a você de novo e de novo.”**



O SER PLENO não pode, estritamente falando, ser "recuperado", pois nunca foi perdido, simplesmente está obscurecido pela ignorância. O estudante não adquiriu nada; ele perdeu, de certa forma, a ilusão de que é o adjunto-limitante, os *upadhis*, do corpo-mente. O ditado “Menos é mais”, neste contexto, alcança seu significado final.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

O estudante acredita a sua libertação da noção de que ele está limitado à graça que recebeu do professor e de *Isvara*, a ordem cósmica. Ele então iguala o professor a *Isvara* e se curva em gratidão e reverência. O uso do termo “graça” pode ser uma fonte de confusão para os ocidentais, para quem o conceito está embutido em noções teológicas de uma divindade extracósmica que escolhe, muitas vezes arbitrariamente, dar poderes especiais e conhecimento a este ou àquele indivíduo. Isto não é o que a graça significa neste verso ou na tradição do Vedanta.

A chave para entender o significado da graça está na atribuição do estudante a *Isvara*, a ordem cósmica. Ora, *Isvara* é a lei impessoal que mantém os mundos girando; é, em referência ao indivíduo, o *karma*. Dizer que *Isvara* nos dá o fruto de nossas ações é personalizar, em alguma medida, o fato de que toda ação produz sua reação proporcional. Pode-se, aplicando a navalha de Occam, cortar *Isvara*, mas isso nos priva de um conceito útil para entender como o mundo fenomenal opera. *Isvara* é um atalho para os incontáveis processos complexos nos quais o corpo-mente participa. É uma existência fenomenal em sua totalidade.

*Isvara*, como o doador dos resultados da ação, deu ao estudante o fruto de sua investigação - o autoconhecimento. Ele agora sabe que é a alegria-satisfação ilimitada anunciada no primeiro verso deste texto. Essa alegria-satisfação abrange tanto o aluno quanto o professor, o indivíduo e *Isvara*. É o Eu no qual todas as diferenças aparentes se dissolvem.

### Verso 104

**O professor disse: "Passe seu tempo vendo o seu Ser em todas as situações e desfrutando da ilimitada bem-aventurança do Ser pleno."**



O ALUNO RECEBE mais instruções: para ver o Ser/Eu em todas as situações. Este conselho contradiz uma noção predominante de que a autorrealização é uma experiência, um estado distinto. O professor, ao contrário, descreve neste verso um reconhecimento penetrante de que apenas a Consciência existe.

Muitos buscadores espirituais têm sonhos de glória ao entrar no estado de *samadhi*, talvez nunca saiam dele. Este sonho é influenciado por uma compreensão da *yoga* como um fim e não como um meio. O Vedanta é claro em seu posicionamento sobre a *yoga* e seus níveis de *samadhi*, como preparação para o autoconhecimento. A bem-aventurança (*bliss*) dos estados *yogicos* nos mantém identificados com o *anandamaya kosha* - o invólucro (sheath) da bem-aventurança - em vez do Ser/Eu. Não é apenas a ausência da dualidade, mas o conhecimento do

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Ser pleno que nos liberta. Se a ausência da dualidade fosse suficiente para produzir *moksa*, todos seríamos libertados pelo sono profundo e os objetos inanimados seriam iluminados.

Aqui, o professor aconselha o estudante a ver o Ser/*Self* em todas as situações, não em um estado especial induzido pela meditação ou outras práticas. A bem-aventurança do Eu não é um estado que vem e vai, mas um reconhecimento permanente no qual todos os estados, todas as diferenças, todas as práticas, se dissolvem. Está vivendo como a verdade do *mahavakya* "Você é aquilo".

### Verso 105

**"Você pode ir agora. Você está livre. Viva de acordo com os resultados de suas ações passadas."**



O VERSO PARECE conter uma contradição: o aluno é declarado pelo professor como estando livre, depois é dito para viver de acordo com o seu *karma*, o que parece indicar que ele não está livre, mas está vinculado à ação passada.

Vamos lembrar que a realidade - *satyam* - pode ser entendida em três níveis: o mais elevado, o empírico e o imaginário. No nível mais elevado, como o Ser, o aluno está livre. No nível empírico, o corpo-mente está sujeito às leis de *Isvara*. No nível imaginário, o *jiva* está sujeito às percepções e sentimentos individuais que ocorrem nos estados de sonho e vigília.

Mas o estudante sabe que o indivíduo e a totalidade são um. Ele sabe que a unidade é a Consciência não dividida - o Ser pleno. Ele vê o Ser em todos os lugares, em tudo. Para ele, há apenas um *satyam*. No nível empírico, o corpo continuará a existir, mas ele sabe que não é o corpo. Então, o professor diz a ele que deixe os resultados das ações passadas se desdobrarem no nível empírico, permanecendo o tempo todo em sua identidade como o Ser pleno.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

### Verso 106

**O discípulo prestou seus respeitos ao professor. Sua mente se afogou no oceano da ilimitada bem-aventurança, ele caminhou aqui e ali, abençoando a todos com os ensinamentos.**



O PROFESSOR É, de acordo com o verso de abertura, o *Ser/Self*. Mas o aluno também é. E esse *Self* é existência ilimitada, conhecimento e bem-aventurança. Aquele que vive como o *Ser/Self* não pode deixar de santificar o mundo e libertar aqueles que perguntam sobre a verdade. Ele é um gerador de bem-aventurança, pois é tudo o que ele sabe, e tudo o que ele é, e tudo o que ele comunica.

### Verso 107

**A natureza do Ser pleno foi agora desdobrada neste diálogo para a fácil compreensão dos que buscam a libertação.**



O FORMATO DE um diálogo é o meio usual adotado nos Upanishads para expor o autoconhecimento. É também a estrutura deste texto. Corresponde ao modo como nossa mente trabalha: Nós nos fazemos perguntas; examinamos nossos pensamentos e sentimentos e nos envolvemos em um diálogo interno mais ou menos contínuo e que às vezes expressamos a outras pessoas que nós acreditamos que podem nos ajudar a encontrar a verdade.

Os Upanishads são expressões eficazes e concisas das realizações dos *rishis*, os antigos videntes que transmitiram essa tradição. Eles exigem comentários bem informados para serem entendidos corretamente. Sem a necessária experiência e orientação especializada, é provável que alguém que encontre os Upanishads os jogue de lado como os arcanos incompreensíveis de uma idade perdida ou, pior ainda, os interprete de acordo com quaisquer preconceitos que ele possa trazer para a leitura.

A grande contribuição de Shankara para o Vedanta é sua organização e explicação resumida do material e às vezes aparentemente contraditória encontrada nos Upanishads existentes, junto com seus comentários sobre o Bhagavad Gita e os Brahma Sutras. Até hoje, seu trabalho é uma ponte que podemos usar para atravessar de *mithya*, o mundo da realidade dependente ou refletida, para *satya*, o substrato imutável da existência e do conhecimento ilimitados – o Ser pleno.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Este verso serve como uma apologia para o texto inteiro. Foi escrito para um propósito: fácil compreensão. Shankara nos pega pela mão e nos leva, passo a passo, ao reconhecimento de que não somos nada daquilo que há muito acreditávamos que éramos. Usando o processo chamado sublação, ou *badha*, que é o principal método de ensino do Vedanta, o texto considera os vários sheaths (invólucros), ou identidades, que nós misturamos com o Ser/*Self*. Isso nos mostra que eles são, em última análise, irrealis, *mithya*, e nos elevam a níveis progressivamente mais sutis de compreensão.

São textos como *Vivekachudamani* estritamente necessários? Temos, afinal, os próprios Upanishads, juntamente com os outros textos-fonte do Vedanta. Nenhum desses textos, no entanto, é projetado para operar independentemente do relacionamento professor-discípulo. Em *Vivekachudamani*, o aluno não está familiarizado com os Upanishads; ele está confuso com eles. Então ele procura um professor. Nenhum texto pode tomar o lugar de um professor, mas obras como essa podem ajudar enormemente a esclarecer nosso entendimento, de modo que possamos nos beneficiar mais prontamente da orientação que um professor oferece. Nós nos inspiramos nas percepções que obtemos de sua leitura e isso aumenta nosso desejo de libertação, que é uma das quatro qualificações que Shankara lista para o estudante do Vedanta. É esse anseio que pode ser entendido como a graça de *Ishvara* que nos leva a um professor.

Há, no presente, algo descrito como Neo-Advaita, ou o movimento *satsang*. Poderosas críticas de suas deficiências foram fornecidas por professores genuínos do Vedanta, e são mencionadas aqui apenas para ilustrar o valor de textos como *Vivekachudamani*. Os professores de *Neo-Advaitin* pronunciam a conclusão dos Upanishads - “Você é aquilo” ou “Tudo é Consciência” - e então, de certa forma, se afastam, deixando o aluno com uma frase e, talvez, um lampejo de verdade. Mas a libertação, *moksa*, não vem de saber que o Ser pleno é a Consciência; vem de saber que *mithya* não é o Ser/*Self*. Distinguir o Ser do não-Ser é o que liberta.

Simplesmente pronunciar um dos grandes ditos e deixar o ouvinte com seus próprios meios é muito parecido com fornecer a resposta correta para um problema de matemática complicado, mas deixando de explicar como a resposta foi alcançada. O aluno terá o resultado correto, mas permanecerá completamente ignorante das regras de computação que o produziram. Ele não será capaz de descobrir por si mesmo e elaborar sua própria resposta.

Sem passar pelo processo de sublação, no qual os cinco invólucros (sheaths) são negados em uma progressão lógica da mais grosseira para a mais sutil, os grandes ditos, os *mahavakyas*, são pouco mais do que palavras de sonoridade elevada, sem aplicação prática. O aluno neste texto faz a pergunta essencial: Se eu sou a existência ilimitada, conhecimento e alegria-satisfação, por que eu não sei

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

disso? E o professor explica a natureza da ignorância, que obscurece o autoconhecimento.

Um professor que não consegue explicar como a ignorância opera e apenas expressa o pronunciamento de que “tudo é *brahman*” não é um professor, mas um orador cuja grandiloquência emprestada pode fazer mais mal do que bem àqueles despreparados para receber aquilo que deveria vir no fim do processo de autoinvestigação, quando se chega a reconhecer os níveis de compreensão a partir dos quais tais afirmações podem ser avaliadas. É de pouca importância dizer a um homem acorrentado que ele deveria pensar em si mesmo como estando livre. O que ele quer é uma ferramenta que ele possa usar para quebrar as correntes. O Vedanta é essa ferramenta. Devemos usá-la bem e com gratidão.

### Verso 108

**Essas palavras libertadoras de Shankara extinguem a sede existencial daqueles que buscam alívio dos raios escaldantes do sol de *samsara*.**



A SEDE É uma metáfora recorrente em todas as tradições para descrever nosso desejo de alívio das dores deste mundo. As religiões dualistas que ensinam a existência do fogo do inferno para incrédulos e heréticos, às vezes, insistem na dor da sede experienciada pelos condenados, pois todos sabemos o que é sofrer de sede e quão doloroso e demorado o desejo pela água pode se tornar.

Neste verso final, somos apresentados à imagem do buscador da libertação sendo chamuscada pelo sol, que é comparado ao *samsara*, o mundo da realidade aparente. O *samsara* nos conduz através do deserto deste mundo, onde nos são oferecidas muitas coisas que prometem saciar nossa sede, mas elas são todas *mithya*, da natureza de uma miragem, e a sede de ninguém jamais foi saciada por uma miragem. *Vivekachudamani* aponta para o verdadeiro oásis em que a água deliciosamente fresca da verdade espera por aqueles que estão sedentos e exaustos.

Este texto durou mais de um milênio e agora está disponível em vários idiomas. Ele ainda extrai comentários dos melhores professores do Vedanta, como Swami Dayananda e James Swartz. Ele perdura pela simples razão de que nos leva à verdade. Seria errado dizer que contém a verdade, pois nenhum texto o faz. As palavras só podem ser ponteiros - *lakshana* - para o que está além das palavras. Mas as palavras, adequadamente explicadas e compreendidas, podem nos levar àquela fronteira, onde podem ser deixadas para trás. Devemos respeitar as

**Traduzido por Vedanta Brasil - Grupo de Estudo ([www.vedantabrasil.com](http://www.vedantabrasil.com))**

## **A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO**

palavras, usá-las com cuidado e saber que as palavras dos textos Vedânticos constituem um potente meio de conhecimento com o poder de nos conduzir para fora do deserto.

## Posfácio:

### Alguns Possíveis Conselhos Úteis

MUITAS OBRAS DO Vedanta contêm a admissão contundente de que elas foram escritas para a fácil compreensão do “tolo”. Isso deveria ser um conforto para os tolos, uma classe que certamente me inclui e, espero, inclua você também. Na verdade, poucos de nós estão fora dessa categoria.

O que nos torna tolos é a crença de que somos o que percebemos, ou seja, um corpo e uma mente, e que nossa felicidade depende da obtenção ou retenção de pessoas, coisas e circunstâncias que agradam o corpo e a mente. Mas até o tolo, com um pouco de reflexão, pode ver prontamente que não podemos nos apegar a nenhuma dessas coisas, nem mesmo ao corpo e à mente. No entanto, continuamos tentando, esperançosos, nos apegando à nossa estupidez como se fosse a nossa vida. “Tolo” é uma descrição bastante gentil à luz de nossa persistente negação do óbvio.

Mas aqueles de nós que encontraram o caminho para o Vedanta deram um passo para longe da ignorância. Pode ser o primeiro passo de uma longa jornada ou o último passo de uma jornada iniciada há muito tempo e que em breve será concluída. De qualquer forma, somos companheiros de viagem e estamos em boa companhia. E como companheiros de viagem devemos nos confortar e encorajar uns aos outros, compartilhando qualquer conhecimento útil que possamos ter.

Acabei de terminar este comentário sobre os 108 versos selecionados de Vivekachudamani e, depois de ler, não posso deixar de imaginar que efeito isso pode produzir no leitor. Certamente é um monte de palavras sobre assuntos que não são facilmente compreendidos. Eu tentei torná-lo tão conciso e claro quanto a minha capacidade de escrita e compreensão permitir. Mas tenho um pressentimento de que o leitor tente fazer o que eu prefiro fazer depois de terminar um livro sobre Vedanta: tente colocar tudo isso em prática ao mesmo tempo.

Ao “colocar isso em prática”, quero dizer, tentar mudar radical e imediatamente a maneira como entendemos o mundo e vivermos nossa vida, com base na nova sabedoria que acabamos de obter. Esse tipo de ânsia quase sempre acaba mal, pois quase sempre não chega ao fim. Como James Swartz gosta de repetir, “A ignorância está arraigada/entranhada.” Pode ser possível, em casos muito raros, que a ignorância desapareça no cintilar instantâneo de um discernimento, mas a maioria de nós deve aprender a ter paciência e persistência. E nós achamos isso irritante.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Queremos resultados imediatos e os queremos da maneira mais fácil possível: lendo um livro. Admito que quando termino um livro sobre Vedanta, quero imediatamente começar outro. Talvez aconteça o mesmo com você. Se assim for, compartilhamos uma ilusão comum: a libertação é obtida através do conhecimento, e o conhecimento vem dos livros. Enquanto estivermos lendo, coletando mais informações, mais vocabulário sânscrito, conceitos mais obscuros, podemos imaginar que estamos nos aproximando do cobiçado prêmio: a iluminação. É quando paramos de ler e nossos pensamentos habituais nos envolvem de novo - como uma gangue de ladrões surgindo das sombras para roubar de nós as novas e brilhantes moedas que acabamos de colocar em nossos bolsos - é então aí que devemos confrontar o fato de que nós não sabemos o que pensávamos que sabíamos.

A leitura corresponde ao primeiro dos três estágios de realização do autoconhecimento: *śravaṇa* – a escuta. O máximo que podemos obter escutando é o conhecimento indireto. Nós ouvimos a verdade. Parece bom. Parece certo. Queremos que substitua nossas noções anteriores, que agora consideramos insatisfatórias. Mas de alguma forma, quando fechamos o livro, isso não acontece.

Nossas velhas noções não são tão facilmente descartadas. E logo descobrimos que não podemos bani-las pela força de vontade, apenas pela força do raciocínio repetido, que não é força de modo algum, mas um crescente reconhecimento da realidade. Temos que ser gentis e tratar nossas antigas ideias como velhos amigos. Elas podem ter sobrevivido à sua utilidade; podemos achá-las tediosas ou tolas. Mas não podemos simplesmente expulsá-las. Temos que ver que elas estão bem situadas.

Há dois versos maravilhosos no *Panchadasi*, um tratado do século XIV sobre o Vedanta, que mostra como podemos dispor melhor de nossos impedimentos ao conhecimento. O autor fala sobre uma música cómica que foi popular nos seus dias. Contou a história de um monge que não conseguia perceber o Ser pleno, por causa de seu apego à "sua antiga rainha". A rainha, ao que parece, era uma vaca com a qual ele acasalou em uma antiga encarnação animal. Ele nunca superou seu amor pela velha bovina, e sua denominação como uma "rainha" ilustra o tipo de dignidade em que estamos acostumados a vestir nossos desejos.

O seu professor, ao invés de censurá-lo por sua tolice, leva o monge gentilmente à conclusão de que a vaca era apenas uma manifestação de *brahman* - existência e conhecimento ilimitados - e que seu amor por sua rainha era apenas seu amor por *brahman* disfarçado. Sua rainha assim o levou ao Ser/Eu, que é a fonte e substância de todo amor.

Nós não temos mais a letra desta antiga balada, mas a música do monge é a nossa música, e estamos sempre adicionando mais versos. A maioria de nós também tem mais de uma "velha rainha" que está nos impedindo. Mas faríamos

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

bem em tratar nossos apegos gentilmente, desalojando-os pacientemente e sem violência.

A autoinvestigação queima melhor como uma chama lenta e constante. Um cintilar instantâneo pode ser mais brilhante, mas geralmente morre tão rápido quanto aumenta. Ao ler uma obra, podemos experienciar momentos de vislumbre repentino, de exultação: "Sim, é isso, agora eu entendi!", dizemos a nós mesmos. No entanto, ao tentar agarrar-se a esse momento, vemos que ele se esvai. O que geralmente queremos é a exultação e não o vislumbre; a experiência e não o conhecimento. E a experiência não dura.

Vivekachudamani é como um grande mapa de um vasto território. Ele nos dá uma visão geral do terreno a ser percorrido, mas ainda temos que colocar um pé na frente do outro se quisermos fazer algum progresso real. Seu método é o da sublação, uma palavra bastante abstrata para descrever um processo no qual nossa compreensão de quem somos é gradualmente alcançada pela compreensão de quem não somos. Começamos com o corpo, o mais denso dos chamados sheaths (invólucros).

Não recapitulo tudo o que foi dito no texto sobre esse sheath (invólucro), mas quero enfatizar que, na experiência universal, é o mais difícil de separar do Eu. Que somos o corpo é a posição padrão da ignorância. Portanto, é essa identificação errada que deve ser tratada em primeiro lugar, e de novo, e de novo, e de novo. Não há como sair disso.

Se ficarmos impressionados com a quantidade de informação contida em um texto como Vivekachudamani, pode ser bom lembrar que a maioria de nossas dificuldades começa confundindo o Eu com o corpo e que nosso problema atual, seja o que for que possa parecer, pode provavelmente ser resolvido, identificando quem nós pensamos que somos no momento. Na maioria dos casos, descobriremos que estamos olhando para a situação do ponto de vista do corpo.

O Vedanta é um meio de conhecimento que nos ajuda a desviar nossa atenção dos invólucros (sheaths), dos *upadhis* para o *Self*. O que queremos dizer com atenção? Em uma palavra, amor. Nós prestamos atenção ao que amamos. Um homem apaixonado por uma mulher bonita não precisa ser instruído a prestar atenção nela. Ele pode fazer um pouco mais. Sempre que amamos alguém ou algo, nossa atenção segue naturalmente nosso amor.

Se amamos o corpo ou a mente ou alguma forma mais rara de beleza estética experienciada pelo intelecto, é aí que nossa atenção estará focalizada. Mas o corpo, etc, é como a "velha rainha" do monge, e nosso amor por esses invólucros (sheaths) é realmente o amor do Eu/Ser incompreendido.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

Às vezes somos aconselhados a ser menos que gentis ao nos livrarmos da identificação com os invólucros (sheaths). Podemos ser pacientes até o ponto de complacência e, em seguida, é mais difícil examinar nossas ilusões, especialmente se estivermos ficando mais sentimentais com relação ao corpo ou a algum outro apego.

Às vezes Shankara usa linguagem simples e até grosseira em sua tentativa de nos livrar do nosso gosto pelo corpo. Em mais de um texto, nos é dado um catálogo do que o corpo contém, juntamente com uma descrição geral do invólucro (sheath) de alimentos como “um jarro de urina e fezes”. Também nos é dito que os prazeres dos sentidos que a maioria dos homens procuram são considerados pelo sábio, da mesma maneira que eles consideram “as excreções de um corvo”.

A palavra latina “excreção” aparece em traduções feitas em uma época anterior, quando as maneiras exigiam decoro na linguagem. Nós descartamos a maioria das formas de gentileza nos dias de hoje, linguística ou não, e provavelmente chocaria poucas pessoas para dizer que Shankara nos diz claramente que o corpo e seus prazeres são uma merda. Precisamos ouvir isso às vezes; outras vezes, precisamos de uma abordagem mais suave. É por isso que o Vedanta opera em diferentes níveis e fala em tons variados.

É também por isso que é bom ter um professor que possa reconhecer onde estamos e o que precisamos ouvir num dado momento. Nenhum livro pode fazer isso. O fato de que a maioria dos Upanishads e os comentários sobre o Vedanta são lançados na forma de um diálogo entre professor e aluno ressalta a importância de um professor vivo.

Muitos professores estão disponíveis nos dias de hoje. De fato, há atualmente uma espécie de excesso no mercado de supostos mestres espirituais, prontos para instruir os que estão dispostos a pagar. Mas um professor genuíno de Vedanta deve ser um *shrotriya* - um versado nos Upanishads e nas outras fontes do Vedanta. Ele deve ser habilidoso em manejar os meios de conhecimento. E nenhum professor genuíno está interessado em seu dinheiro - ou em seu corpo.

Este comentário é baseado no ensinamento maravilhosamente lúcido de Swami Dayananda, amplamente reconhecido como o melhor professor vivo do Vedanta. Também deve muito ao meu professor, James Swartz, ex-aluno de Swami Dayananda. Em última análise, é um produto da *sampradaya* - a tradição do Vedanta - que não pertence a nenhum indivíduo, grupo ou religião, mas é de propriedade comum de todos os que amam a verdade. Como afirmado no verso 1, o professor é o Ser pleno. Assim é também o aluno.



Tat Tvam Asi

Traduzido por Vedanta Brasil - Grupo de Estudo ([www.vedantabrasil.com](http://www.vedantabrasil.com))

## Glossário de Termos Sâncritos

**adhyaropa-apavada:** Sobreposição e negação; um método de ensino usado no Vedanta que fornece uma explicação provisória de maneira adequada à capacidade atual de entendimento do investigador.

**adhyasa:** Sobreposição; confusão do irreal com o real.

**advaita:** “Não dois”, a natureza da consciência, o Eu/*Self*/Ser pleno.

**aham:** O imutável "Eu", a testemunha, a Consciência pura.

**ahamkara:** O ego; a eu-noção, o “eu” refletido que se identifica com objetos em mudança (-kara: um sufixo indicando algo que está sujeito à modificação).

**ananda:** Alegria.

**anandamaya kosha:** O sheath (invólucro) da bem-aventurança ou da felicidade; onde a mente vai quando um objeto de desejo é alcançado.

**ananta:** Ilimitado.

**anatma:** Não-Eu; o mundo dos objetos sutis e densos.

**antahkarana:** “Mecanismo interior”; o corpo sutil (mente, intelecto e ego).

**antahkarana-vritti:** O pensamento que indica a identidade entre o indivíduo e o todo.

**atma:** o Eu; a Consciência ilimitada, não-dual, sem ação, a Consciência pura; na literatura védica ele pode ser usado para descrever o corpo, o *prana* ou a mente.

**avarana:** Uma nuvem, o poder ocultador de *maya*; *tamas*.

**avidya:** A ignorância da natureza do Eu.

**avyakta:** O não manifesto; *maya*.

**badha:** Negação, o principal método de ensino do Vedanta.

**buddhi:** O intelecto, a função determinante e discriminadora do corpo sutil, decisão.

**chitta:** Memória.

**dama:** Disciplina dos sentidos e órgãos de ação; autocontrole.

**darshan:** “Ver”, visão, a experiência do eu refletido.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

**dharmas:** A resposta apropriada às regras que operam no mundo dos objetos, valores universais, a natureza das coisas ou do ser, a coisa “certa” a fazer em oposição ao *adharma*, quebrando as leis da criação e/ou indo contra a natureza da pessoa.

**gunas:** *Sattva*, *rajas* e *tamas*; as três qualidades dos objetos.

**Isvara:** O Criador dos objetos que aparecem na Consciência, a ordem cósmica, o autor das ações e o doador dos resultados das ações, a lei vasta e complexa do *karma*, o campo do *dharmas*, tudo o que é, *maya*, os três *gunas*, Deus.

**jiva:** O eu individual, identificado com o corpo-mente.

**jivanmukta:** Libertado enquanto vivo, uma pessoa cujo autoconhecimento é firme.

**jivatma:** O eu individual; a Consciência mais um corpo sutil.

**kama:** Desejo, apego.

**karana sharira:** O corpo causal, o não-manifesto, a causa do *karma*; o “recipiente” das *vasanas*.

**karma:** Ação e os resultados da ação, qualquer coisa que se mova ou mude.

**kosha:** Um invólucro (sheath), algo que esconde nossa natureza como Consciência.

**koshas:** Os cinco revestimentos ou invólucros (sheaths) responsáveis pelas cinco categorias da experiência humana.

**lakshana:** Ponteiro, palavras que indicam o Eu.

**mahavakyas:** Grandes verdades; ensinamentos que indicam a não-dualidade do sujeito e objeto aparentemente diferentes.

**manas:** Emoção.

**manomaya kosha:** Órgãos da percepção e da mente.

**maya:** Um poder que reside na Consciência ilimitada que é responsável pela criação, sustentação e destruição de objetos; ignorância sem começo, e é da natureza dos três *gunas*, e está além de seus efeitos.

**mithya:** Aparente, não real, dependente; a criação, não-Eu, o mundo dos objetos densos e sutis.

**moksa:** Libertação da dependência dos objetos que aparecem na Consciência.

**moksa shastra:** Os escritos cujo tema é o autoconhecimento, principalmente os Upanishads e o Bhagavad Gita.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

**mumukshutva:** O desejo ardente de abandonar o apego a objetos que nascem da autoignorância, reconhecendo o Eu como o valor mais elevado e perseguindo o autoconhecimento à custa de todos os outros conhecimentos.

**nirvikalpa samadhi:** O abrandamento da respiração a um ponto em que os pensamentos parecem cessar completamente.

**panchakoshas:** Os cinco sheaths (invólucros): comida, ar vital, mente, intelecto e bem-aventurança ou felicidade.

**papa karma:** O resultado de ações ruins.

**Paramatma:** O Eu ilimitado, a Consciência pura/Consciência sem *maya*.

**paranandam:** Ilimitado e da natureza da alegria-satisfação.

**prakriti:** Natureza, o mundo dos objetos, o “não-Eu”, um produto de *maya*.

**pramoda:** O prazer experienciado quando desfrutamos de um objeto desejável.

**prana:** A força vital; respiração.

**pranas:** Ares vitais, sistemas fisiológicos (respiração, digestão, excreção, circulação e evacuação).

**pranamaya kosha:** Os cinco sistemas fisiológicos e os cinco órgãos de ação.

**pranayama:** Manipulação da respiração através da ciência do seu controle.

**prarabdha karma:** A parte do estoque do *karma* que está se manifestando a qualquer momento; ação que foi posta em movimento e deve frutificar, qualquer que seja a experiência deste momento.

**priya:** O prazer experienciado na proximidade de um objeto desejável; o prazer experienciado quando o objeto desejável é obtido.

**punya karma:** O resultado de boas ações.

**rajas:** O poder projetante de *maya*, desejo e atividade.

**rishis:** Os sábios a quem o Vedanta, a visão da não-dualidade, foi revelado. Um *rishi* é uma pessoa que conhece o Eu. *Rishi* significa "aquele que vê".

**samadhana:** A prática de sempre e em todos os sentidos, colocando a mente na consciência; foco.

**samadhi:** Um estado mental que valoriza tudo igualmente.

**sampradaya:** Uma tradição de ensino.

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

**samsara:** O mundo fenomenal, o que não permanece o mesmo de um momento para o outro; um redemoinho; o mundo das aparências; identificação com o corpo-mente com suas condições sempre mutáveis; a vida das infinitas mudanças.

**sat:** Ser; existência; realidade.

**sat-chit-ananda:** O Eu; existência-conhecimento-ilimitado.

**satsang:** “Mantendo a companhia do Eu”, uma discussão sobre sat (Ser, existência, realidade).

**sattva:** O poder revelador de *maya*; luz e inteligência, harmonia, beleza, conhecimento, clareza; a manifestação mais sutil da matéria, uma substância espelhada que reflete a Consciência.

**satya:** A realidade única; o substrato imutável da existência e conhecimento ilimitados.

**satyam:** O que é; realidade; Consciência não-dual.

**shama:** Quietude mental. A prática de remover a atenção dos objetos e colocá-la repetidamente no Eu; um processo reflexivo de retirar valores falsos através da visualização da mente de alguém a partir da perspectiva do Self.

**shradda:** Fé, enquanto se aguarda a aplicação do autoconhecimento à mente até que o conhecimento aplicado seja assimilado; a firme e rápida convicção de que as palavras das escrituras e do professor são verdadeiras.

**shtula sharira:** O corpo físico nascido como resultado do *karma*.

**shukshma ou linga sharira:** O corpo sutil composto pelos cinco órgãos da percepção, os cinco órgãos de ação, as cinco funções fisiológicas e os cinco elementos sutis.

**shristi:** Criação.

**tamas:** O poder ocultador de *maya*; escuridão e estabilidade, ignorância, preguiça, negação. A qualidade mais densa da matéria que compõe o poder do véu de *maya*.

**“Tat twam asi”:** “Você é Aquilo”, um ditado que indica a identidade entre o indivíduo e o todo.

**titiksha:** Objetividade em relação a todas as dores sem qualquer ansiedade, reclamação ou qualquer tentativa de vingança.

**upadhi:** Um adjunto-limitante; algo que faz com que os atributos de uma coisa pareçam inerentes a outra coisa devido à sua proximidade.

**uparati:** Não dependência de objetos externos pelo ego; ausência do "meu".

## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

**vairagya:** Desapego, indiferença aos resultados de suas ações.

**vasana:** Fragrância; desejo; a impressão sutil deixada no corpo causal como resultado de suas ações; é um condicionamento.

**vasanas:** Impressões das experiências anteriores, programação, condicionamento.

**vijnanamaya kosha:** Outro nome para *buddhi*, o intelecto com suas modificações de pensamento e os órgãos da percepção; o gerador de *karma*; modificação da ignorância; local do senso do "Eu".

**vikshepa:** O poder projetante de *maya*.

**viveka:** A discriminação entre o que é eterno e o que não é eterno; separando a Consciência dos objetos que aparecem nela.

## Versos Sem Comentários

1. Eu reverencio o professor, o Self (Ser) ilimitado, cuja natureza é a alegria-satisfação, que não pode ser objetificado pelos sentidos e pela mente e que é conhecido através dos ensinamentos dos *Upanishads*.



2. É pela graça do Ser que a maior bênção da vida é obtida: a condição de um ser humano dotado de um desejo ardente de libertação e um relacionamento com um professor qualificado.



3. Uma pessoa dotada das qualidades apropriadas e compreensão dos Vedas, que se apega ao irreal e não se esforça pela libertação, verdadeiramente comete suicídio espiritual.



4. Sem o autoconhecimento, uma pessoa que estuda as escrituras e pratica rituais para favorecer os deuses visando vários fins, nunca obterá a libertação.



5. Milhões de ações não produzirão o autoconhecimento. As ações podem purificar a mente para obter o autoconhecimento.



6. Portanto, aproxime-se de um professor compassivo, um conhecedor do Ser e aprenda a investigar a verdade.



7. São necessárias qualificações para o autoconhecimento. Tempo, lugar e circunstâncias são meios auxiliares.



## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

8. Sem a presença de um professor qualificado, o autoconhecimento não ocorrerá. Quatro qualificações são enumeradas por aqueles grandes mestres que realizaram o Ser e atingiram a visão da não-dualidade revelada pelo Vedanta.



9. As quatro qualificações são: (1) discriminação entre o efêmero e o eterno (2) desapego com referência a objetos (3) seis qualificações secundárias e (4) desejo ardente de libertação.



10. Discriminação é a firme compreensão do Ser ilimitado não-dual, sem ação, a Consciência ordinária - que é eterna, e que o mundo dos objetos em mudança não é eterno.



11. A ausência de anseio por mudar as coisas, do corpo para estados mentais espirituais, é desapego.



12. A mente é resolvida quando sustentada pelo desapego em relação aos objetos, sua atenção é removida dos objetos e repetidamente colocada no Ser.



13. Colocar os órgãos de percepção e ação em seus respectivos lugares e depois retirá-los de seus respectivos objetos é chamado de autocontrole.



14. Não-dependência de objetos externos pelo ego, ou ausência de "meu", é *uparati*. Objetividade para todas as dores sem ansiedade, reclamação ou tentativa de vingança é chamado de *titiksha*.



15. A convicção, firme e sempre presente, de que as palavras das escrituras e do professor são verdadeiras é chamada *shraddha*, a fé que aguarda o resultado da investigação.



## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

16. Sempre e em todos os sentidos, concentrar a mente na Consciência é chamado de *samadana*; não é pacificar ou entreter a mente.



17. O desejo ardente de abandonar o apego pelos objetos que nascem da autoignorância, e reconhecer o Ser pleno como o valor mais alto, é *mumukshutva*.



18. Para obter a libertação, uma pessoa qualificada que queira conhecer a verdade deve se aproximar de um professor que tenha conhecimento das escrituras.



19-20. Um professor qualificado é aquele que conhece a importância das escrituras para o autoconhecimento e cuja mente é unificada com a Consciência. Sua mente brilha como as brasas do fogo sem combustível. Ele pode expor os meios de conhecimento com confiança, é compassivo sem uma razão específica, não é afetado por desejos por objetos e é amigável para os buscadores que se aproximam com uma atitude apropriada.



21. O buscador deve pedir proteção contra as agitações produzidas pelo envolvimento com o *samsara*.



22. Os professores serenos, virtuosos e iluminados que atravessaram o oceano do *samsara* são como a primavera, pois trazem vida nova aos investigadores, ajudando-os a conhecer a verdade de sua natureza sem esperar por resultados.



23. Uma vez aceito como estudante, um investigador qualificado pode relaxar à sombra da árvore da tradição do ensino, pois ele ou ela entende que o Vedanta é um meio válido e comprovado para alcançar a libertação.



24. O professor revela a causa do sofrimento que leva a muitos nascimentos e mortes e a escravidão no mundo causada pela ignorância da verdadeira natureza do investigador, e revela a solução como a discriminação entre o Eu e o não-Eu. A discriminação entre o real, o Eu/Ser pleno, e o aparentemente real, o não-Eu (Jiva), destrói a autoignorância e seus efeitos.



25. O estudante quer saber o seguinte: (1) a natureza e a origem da escravidão, (2) como a escravidão é sustentada, (3) como a libertação é obtida, (4) a natureza do não-Eu, (5) a natureza do Eu e (6) como discriminar entre o Eu e o não-Eu.



26. Ouça com atenção, pois a discriminação é ensinada em detalhes e aplicada com diligência em todos os momentos.



27. O corpo físico nasce como resultado do *karma* de vidas anteriores. É o local da experiência para o indivíduo e é feito de matéria densa que evoluiu da divisão e recombinação de elementos sutis.



28. O corpo sutil é composto de cinco órgãos da percepção, cinco órgãos de ação, cinco funções fisiológicas, cinco elementos sutis, começando com o espaço, etc., o ego, mente, intelecto, memória, ignorância, desejo e ação.



29. O corpo sutil nasce dos elementos em seu estado sutil e contém as impressões das experiências anteriores (*vasanas*). É o experienciador dos resultados de ações boas e más, e é um *upadhi* sem princípio para o *jivatma*. O sonho é o seu estado natural. Ilumina os objetos dos sonhos sem a ajuda do corpo físico.



30. O corpo sutil é a ferramenta do indivíduo para realizar ações. O indivíduo, cuja natureza é a Consciência sem ação está livre do corpo sutil, mas se torna um ator aparente quando a Consciência ilumina o corpo sutil.



31. Um poder chamado *maya* reside na Consciência ilimitada. Não é manifesto e dá origem ao mundo. É ignorância sem começo e é da natureza dos três *gunas* (*sattva, rajas, tamas*) e está além de seus efeitos. Qualquer um com uma mente pura percebe os seus efeitos.



32. O poder de *maya* é uma grande maravilha e não pode ser racionalmente explicado, porque não é real nem inexistente, nem uma combinação dos dois. Não é separado nem não separado da Consciência, nem é constituído de partes.



33. O não-manifesto aparece como os três *gunas* e é o corpo causal da Consciência. O sono profundo, o estado em que todas as atividades dos sentidos e da mente são resolvidas, é o seu estado mais sutil.



34. Agora vou ensinar-lhe a natureza do Eu/Ser ilimitado, conhecendo quem é aquele que está livre da escravidão e percebendo a não-separação com tudo o que existe.



35. Tudo o que percebemos através dos sentidos e da mente vem e vai em nossa Consciência. Mas nossa Consciência não vem e vai. Ela está presente “o tempo todo”, como diz o verso, o que significa que nunca se desvanece no passado nem nos aguarda no futuro; não é nem mesmo, verdadeiramente falando, no presente, que é definida em relação ao passado e ao futuro. A Consciência, o Eu/Ser pleno, é literalmente atemporal.



36. Como o "Eu", a Consciência, conhece a presença e a ausência da mente e seus pensamentos nos estados experienciais de vigília, sonho e sono profundo.



37. A Consciência vê tudo por si, mas ninguém vê a Consciência. Ilumina a mente, mas a mente não a ilumina.



38. A Consciência brilha como “Eu” nos três estados de experiência e testemunha a mente revelando os elementos sem forma (ar e espaço) e os elementos da forma (fogo, água, terra). Ela não muda.



39. O "Eu" no não-Eu erroneamente pensa que é uma pessoa, sente-se ligado aos objetos e sofre as aflições do nascimento e da morte. Assim como um bicho-da-seda se prende em um casulo, o indivíduo pensa que seu corpo em decomposição é real e, por ignorância, nutre, unge e o protege.



40. O poder predominante de *maya*, *tamas*, oculta a Consciência que é sem início, radiante e não dual, como um eclipse oculta o sol.



41. A Consciência é livre de impurezas, mas quando é eclipsada pela ignorância, o indivíduo considera o corpo como sendo o *Self/Ser*. É então afligido com o forte poder de *rajas* e sujeito a desejo compulsivo, raiva, ódio, etc.



42. Esta escravidão surgiu apenas devido a esses dois poderes ilusórios (ocultar e projetar) pelos quais a pessoa se torna um andarilho ao considerar o corpo como sendo o Ser pleno.



43. A Ignorância é a semente da árvore do *samsara*; o sentido de "Eu" no corpo físico é o broto; desejos múltiplos são a folhagem; ações são a seiva; o corpo é o tronco; os *pranas* são os ramos; os órgãos de ação e percepção são os galhos e os objetos dos sentidos são as flores; seus frutos são várias alegrias e tristezas nascidas de muitas ações que o indivíduo, como um pássaro sentado em um galho, come e desfruta.



44. Para utilizar as escrituras adequadamente, deve-se estar comprometido com o próprio *dharma*. A purificação da mente resulta deste compromisso. O reconhecimento do Eu ocorre em uma mente pura e destrói a ignorância e seus efeitos.



45. É livre aquele que separa “aquilo” que é sem associação e ação, “aquilo” que é o mais íntimo Eu, o sujeito único e independente de todos os objetos, como o revestimento externo é separado da grama “munja”. Ele é livre, quem resolve tudo no Ser pleno e permanece, como aquele mesmo Ser pleno em seu conhecimento.



46. O corpo físico é feito de comida, sustentado por comida e morre sem comida. Aparentemente cobre a Consciência. Esta bolsa de pele, ossos e resíduos nunca pode ser o puro Ser pleno.



47. O corpo físico é um objeto de percepção, uma montagem inerte. Não existe antes do nascimento e depois da morte. Ele ganha novos atributos a cada momento, tornando sua natureza incerta. Como o corpo pode ser o Ser, aquilo que está ciente das suas próprias modificações?



48. O *prana*, dotado dos cinco órgãos de ação, permeia o corpo físico e é chamado de *pranamaya kosha* porque aparentemente oculta o Ser pleno, a Consciência ilimitada.



49. O invólucro (*sheath*) *prana* não pode ser o Eu/Ser, pois é uma modificação do elemento ar. Ele entra e sai do corpo, não é senciente e é sempre dependente.



50. Os órgãos da percepção e da mente compõem o *manomaya kosha*. Ele permeia o *pranamaya kosha* e é muito poderoso porque projeta a aparente dualidade de "Eu" e "meu". Ele pode diferenciar nomes e atributos.



51. O *manomaya kosha* não é o Eu/Ser, porque muda, começa e acaba, é triste por natureza e é um objeto de percepção. A Consciência nunca aparece como um objeto conhecido.



52. O intelecto com suas modificações de pensamento e os órgãos da percepção são *vijnanamaya kosha*. Ele causa o *samsara* e o sentimento de fazedor.



53. O *vijnanamaya kosha* ilumina os objetos, pois reflete a Consciência. É uma forma modificada de ignorância que funciona como um órgão de conhecimento e ação, e pensa que o corpo e os órgãos dos sentidos são o “Eu”.



54, 55. A natureza do *vijnanamaya kosha* não pode ser determinada, pois é uma modificação da ignorância. É o local do senso do “Eu” e é o indivíduo, aquele que pensa que age. Como as impressões das ações anteriores estão arraigadas, ele realiza boas e más ações e desfruta os resultados. Move-se através de reinos mais elevados e mais baixos. Daí vêm a alegria, a tristeza e os três estados de experiência.



56. Não pode ser o Eu, porque muda, empresta a sua luz da Consciência, é limitado, um objeto de percepção, é inconsistente e condicionado pelo tempo.



57. O *anandamaya kosha* é uma modificação nascida de *tamas*, é permeado pelos três graus de bem-aventurança (*bliss*) experiencial refletidos (*priya*, *moda* e *pramoda*) e surge na Consciência com o ganho de um objeto desejável. É o resultado prazeroso de atos meritórios. Quando é experienciado, qualquer um que tenha um corpo desfruta sem esforço, tornando-se bem-aventurança.



58. Ele se manifesta totalmente no sono profundo. É experienciado parcialmente em sonhos e na vigília através da contemplação ou ganho de objetos desejados.



59. Não é o Eu real, porque é uma modificação de *prakriti*, depende da mente, que age como um *upadhi*, é o resultado de ações meritórias e se manifesta em graus.



## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

60. Quando a negação dos *koshas* é feita pela investigação lógica baseada nas escrituras, a Consciência é isolada e conhecida como o Eu.



61. O Eu, a Consciência, pode ser conhecido por qualquer pessoa com discriminação. É autoluminoso, um todo sem partes, distinto dos cinco invólucros (*sheaths*), testemunha dos três estados de experiência, imutável e imaculado por qualquer coisa que esteja em contato com ele.



62. O investigador disse: “Eu neguei os cinco invólucros (*sheaths*) , mas só vejo vazio. Há algo mais a ser conhecido por meio da investigação?”



63-64. O professor disse: “Sim, é o conhecedor do vazio. Esse é você, a Consciência ilimitada. Você é um adepto da investigação.”



65. Por favor, saiba em seu intelecto que você é a Consciência ilimitada e atemporal que brilha por si mesma nos estados de vigília, sonho e sono profundo; que brilha como felicidade experiencial e que brilha tanto como "eu" quanto "Eu", o *Self/Ser* pleno mais profundo e o eu refletido que ilumina os objetos.



66. Os sábios são libertados do *samsara* pelo conhecimento de que o eu individual e o Eu ilimitado são não-separados.



67. Consciência sem limites é existência e conhecimento. É autoevidente, sempre presente, pura, além de *maya* e é a felicidade não condicionada por experiências temporais.



68. A existência de que o mundo inteiro goza é emprestada da Consciência. É ilusório pensar que algo está separado da Consciência.



69. O Atharva Veda diz: "O mundo é apenas Consciência". Tudo o que é sobreposto à Consciência é apenas Consciência.



70. Se o mundo fosse real, o Eu seria afetado por ele, o Veda deixaria de ser um meio válido de conhecimento e aquele que criou o Veda seria um mentiroso.



71. O Eu, que declara a verdade sobre sua natureza, diz: "Eu não estou em coisas e seres. Eles estão em mim."



72. Se o mundo fosse real, apareceria no sono profundo.



73. O Eu, a Consciência, é o substrato do mundo. A percepção faz com que os objetos apareçam na Consciência e os faz parecer separados dela.



74. Se o eu individual e o Eu ilimitado são investigados adequadamente, sua não-separação é revelada, como indicado na declaração "Você é aquilo (Tat Tvam Asi)".



75. A unicidade de "você" e "aquilo" é estabelecida por seus significados implícitos, não por seus significados aparentes, que, como a onda e o oceano, indicam qualidades mutuamente opostas.



76. A diferença entre o indivíduo e o todo é causada pela diferença nos *upadhis*. *Maya* é o *upadhi* de *Isvara*, a causa do todo, e os cinco invólucros (*sheaths*) são o *upadhi* do indivíduo.



77. Quando os *upadhis* são negados, não há diferença entre o indivíduo e o todo. A diferença entre o rei e o súdito é apenas devido a uma diferença de status. Ambos são apenas seres humanos.



## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

78. A unidade do indivíduo e do todo é estabelecida por implicação. Não é suficiente rejeitar totalmente ou não rejeitar o significado de "Você" e "aquilo". Deve ser através de uma rejeição dos atributos não essenciais dos dois.



79. Por exemplo, na frase “Essa pessoa que você vê aqui é aquele Devadatta”, a pessoa discriminadora estabelece sua unidade, abandonando os elementos contraditórios, ou seja, tempo, lugar e circunstância.



80. Qualquer coisa feita de argila é de argila. Qualquer coisa feita de Consciência é Consciência inteiramente. Não há nada além da Consciência, então o indivíduo e o todo são um. Desta forma, a identidade do indivíduo e do todo é revelada em centenas de afirmações do Vedanta.



81. Portanto, você é uma Consciência ilimitada e não dual, livre de modificações e impurezas.



82. Assim como os objetos em um sonho não são reais, os objetos no estado de vigília criado pela autoignorância não são reais. Portanto, o complexo corpo-mente/senso não são reais. Você é a Consciência deles, livre de modificações e impurezas.



83. O pensamento, ou seja, o conhecimento, que indica a identidade entre o indivíduo e o todo, é livre da dualidade e é só Consciência. Quando o conhecimento é firme, aquele que tem o conhecimento é liberado enquanto vive.



84. Dizem que ele ou ela é libertado enquanto vive quando o autoconhecimento é claro, a felicidade é contínua e o mundo mais ou menos esquecido.



## A JOIA SUPREMA da DISCRIMINAÇÃO

85. Mesmo que ele ou ela viva em um corpo, a característica mais saliente dos seres libertados é a ausência do senso de "eu" e "meu".



86. O Ser pleno não se arrepende de ações feitas no passado, está livre de culpa, não está preocupado com o futuro e é imparcial com referência ao que acontece no presente.



87. Ele ou ela vê objetos aparentemente distintos dotados de qualidades igualmente aceitáveis e inaceitáveis.



88. Ele ou ela não está sujeito à euforia quando as situações estão em harmonia com seus gostos ou aversões, ou ainda depressão quando não estão.



89. Ele ou ela é indiferente para elogiar ou culpar.



90. Não há *samsara*, nem a ideia de “tornar-se” ou vida sujeita a mudanças, para os libertados. Se existe *samsara*, não há conhecimento da Consciência devido à extroversão da mente.



91. Assim como as ações realizadas em um sonho são dissolvidas ao acordar, os resultados acumulados de ações passadas são dissolvidos pelo autoconhecimento.



92. As boas ou más ações feitas em um sonho não enviam o acordado para o céu ou para o inferno.



93. Os libertados são livres de experiências e imparciais em relação a elas. Eles não se preocupam com o futuro.



94. O espaço não é afetado pelos objetos que estão nele, nem pelo cheiro de licor. O Eu, a Consciência, não é afetado pelos atributos dos adjuntos-limitantes.



95. Os resultados das ações realizadas antes da liberação frutificam como uma flecha lançada de um arco.



96. Uma flecha destinada a um tigre não para no meio do voo quando o arqueiro percebe que confundiu uma vaca com um tigre.



97. Não é correto dizer que os libertados são afetados pelos resultados de suas ações passadas, assim como não é correto dizer que uma pessoa que matou alguém em um sonho deve ser responsabilizada quando acordar.



98. As palavras infalíveis das escrituras dizem que o Eu/Ser é não-nascido e não condicionado pelo tempo. Se isso é verdade, como a ação e seus resultados podem afetá-lo?



99. Porque o corpo que está sobreposto ao Eu/Ser, não é independente. Como pode uma sobreposição nascer e como ela pode morrer? Como algo irreal pode produzir efeitos?



100. A escritura fala do *karma* do ponto de vista empírico para satisfazer a curiosidade de pessoas tolas que querem saber por que o corpo permanece após o autoconhecimento.



101. O Vedanta resume-se a um fato para o qual os textos são os meios de conhecimento: o indivíduo e o mundo são um só. A libertação é estar firme neste conhecimento.



102. O investigador disse ao professor: “Por tua graça sou abençoado, porque realizei tudo o que deve ser realizado. Eu estou livre do *samsara*. Eu sou a bem-aventurança plena e completa, livre de necessidades e sempre presente. Eu sou tudo o que é.”



103. “Eu recuperei meu reino devido à sua graça e à graça de *Isvara*. Você e *Isvara* são um. Eu me curvo a você de novo e de novo.”



104. O professor disse: "Passe seu tempo vendo o seu Ser em todas as situações e desfrutando da ilimitada bem-aventurança do Ser pleno".



105. "Você pode ir agora. Você está livre. Viva de acordo com os resultados de suas ações passadas.”



106. O discípulo prestou seus respeitos ao professor. Sua mente se afogou no oceano da ilimitada bem-aventurança, ele caminhou aqui e ali, abençoando a todos com os ensinamentos.



107. A natureza do Ser pleno foi agora desdobrada neste diálogo para a fácil compreensão dos que buscam a libertação.



108. Essas palavras libertadoras de Shankara extinguem a sede existencial daqueles que buscam alívio dos raios escaldantes do sol de *samsara*.



Om Tat Sat